SELECTA CLASSICA

ACCOMMODADA

AO USO DAS ESCHOLAS DO DISTRICTO

D'ANGRA DO HEROISMO.

VERSO.

POR

ANTONIO MONIZ BARRETO CORTE-REAL,
Commissario dos Estudos no mesmo Districto.

ANGRA DO HEROISMO.
TYP DE M. J. P. LEAL.
1860.

SELECTA CLASSICA

ACOMMODADA

AO USO DAS ESCHOLAS DO DISTRICTO

D'ANGRA DO HEROISMO.

VERSO.

POR

ANTONIO MONIZ BARRETO CORTE-REAL,
Commissario dos Estudos no mesmo Districto.

ANGRA DO HEROISMO.
TYP DE M. J. P. LEAL.

1860.

BREVES NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO,

Extrahidas principalmente da Poetica do sr. Carneiro; da Metrificação do sr. Castilho, e da Litteratura Classica do sr. Cardoso Borges de Figueiredo.

A poezia irmã gemea da musica e companheira da dança devia ser, como ellas, um dos primeiros divertimentos dos homens apenas constituidos em sociedade. Com effeito a sua origem confunde-se com a origem das linguas, e os monumentos mais antigos nol-a apresentam como anterior á prosa, e primeiro instrumento da civilisação dos povos.

Da poesia combinada com a musica se serviram os primeiros sacerdotes e legisladores para dar a sociabilidade aos homens, submettendo a medida a expressão do pensamento para melhor se conservar de memoria.

Distingue-se a poesia da prosa não só pela forma do verso, senão ainda pela energia dos pensamentos, e pela graça e viveza das ficções e imagens, com que, similhante á pintura, orna a realidade.

Consagrada no seu principio ao sentimento religioso, ao valor marcial e á instrucção dos povos, hoje, sem perder de vista esta instrucção, a poesia dedica-se toda ao recreio e prazer honesto por meio dos encantos da imaginação e do estylo.

« É pois a poesia a linguagem da paixão e da imaginação, ordinariamente sujeita a uma medida regular: o seu objecto é a natureza não só a physica, mas principalmente a moral, isto é, as acções e os sentimentos; não tanto a simples e existente, quan-

to a bella e possivel; e o seu fim mover e deleitar instruindo. »

Da variedade e melodia do canto, que requer nas palavras certo numero de syllabas com determinada ordem de accentos, e ás vezes de tons, nasceram as differentes especies de verso e de rima.

Verso ou metro é a phrase composta de certo numero de syllabas com determinada ordem de accentos predominantes. Accento é a modulação da voz; e accento predominante ou pausa a modulação da voz que demora mais o som de uma syllaba na palavra. Nenhuma palavra tem mais que um accento predominante por maior que seja, como se conhece proferindo qualquer, por exemplo: *hórridamente.*

As palavras dividem-se em agudas, graves e esdruxulas, conforme tem o accento predominante na ultima, penultima ou antepenultima, como *coração*, *álma, espírito.* A sua prudente mistura produz boa harmonia no verso.

As syllabas do verso dizem-se breves ou longas, segundo gastam mais ou menos tempo na sua pronuncia; e contam-se as que nelle se proferem até á ultima pausa ou accento predominante, sem fazer caso das breves que se lhe seguem, que nunca devem ser mais de duas, para não ser defeituoso o verso, como este:

A Ticio em geiras nove o corpo estira-se-lhe.

Os versos portuguezes podem constar de uma até treze syllabas.

Os de treze tem accento predominante na sexta, duodecima e decima terceira syllaba, como:

O sabêr, a virtude, o valor, a probidáde,
Os homens engrandéçe, em paz governa o múndo.

Os de doze ou *alexandrinos* na sexta e duodecima, como:

Se a fortuna um diadéma em teu berço ha lançádo,
D'esse dom casuál não me attrahe o esplendôr:
Tens mais rico diadéma, eterno conquistádo;
Quem mede em ti o sábio esquece o imperadôr.

Os de onze ou *de arte maior*, na quinta e undecima, como:

De espigas e pálmas croemos a enxáda,
Morgado e não pêna dos filhos d'Adão;
Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
Thesouro é so élla, só ella é brazão.

Os de dez ou *heroicos* na sexta e decima; ou na quarta, outava e decima; ou na quarta, sexta e decima, como:

Quem no mundo achará mais que a virtúde,
Que mais encânte na ventúra o homem,
E na desgráça o ânimo lhe escúde?

Os de nove ou de *Gregorio de Mattos*, poeta brazileiro, na terceira, sexta e nona, como:

Trabalhár, meus irmãos, que o trabalho
É riquêza, é virtúde, é vigôr:
D'entre a orchéstra da sérra e do málho
Brotam vída, cidádes, amôr.

Os de outo na terceira, sexta e outava, como:

Acompânhae meu vão lamênto,
Auras ligeiras, que passáes!
Tu, caro a amor, dôce instrumento,

Casa c'os meus, teus frouxos ais!

Os de septe ou *redondilha maior*, na septima, como:

Mente o rir, mente a riquêza,
Mente o vôo da ambição;
Que não ha melhor ventura,
Do que a paz do coração.

Os de seis ou *heroico quebrado* na sexta, como:

O collo não dobrámos
Dos Galbas ao terrôr:
De Cezar á brandúra,
Cedeu nosso valôr.

Os de cinco ou *redondilha menor* na quinta, como:

No espaço mesquinho
Da vida mortál,
O bem só se sônha,
Mas sente-se o mál.

Os de quatro ou *quebrado de quatro* na quarta, como:

Da meiga infância
Ledo sorrír
Foge c'o têmpo,
Não torna a vír.

Os de trez ou *quebrado de redondilha maior* na terceira, como:

Luz d'encânto
Que não dúra,
Eis a imagem

Da ventura.

Os de duas na segunda, como:

Aqui
A flor
Surri
Amòr.

Os de uma na primeira, como:

D'homem
Só
Tênde
Dó

Os versos até quatro syllabas dizem-se simples ou elementares, e dahí por diante compostos, porque cada um delles se pode reduzir a dous ou mais simples.

Os metros de cinco syllabas decompoem-se em dous, um de duas syllabas e outro de trez.

Os de seis ou em trez metros de duas syllabas; ou em dous de trez; ou em dous um de quatro e outro de duas, ou um de duas e outro de quatro. Os melhores são os de trez metros de duas syllabas, que para variedade se devem misturar com os outros.

Os de septe ora se dividem em dous metros de quatro e tres, ou de tres e quatro, ou de duas e cinco; ora em tres metros, um de trez e os outros de duas. Os melhores são de quatro e trez, ou de trez e quatro, ou de trez, duas e duas.

Os de outo em dous metros de quatro, ou de duas e seis, ou em trez metros de trez, trez e duas, ou de duas, trez e trez. Os melhores são os de duas, trez e trez; os de duas, duas, duas e duas; e os de quatro e quatro; o rythmo dos outros é quasi imperceptivel.

Os de nove em trez metros de trez syllabas cada um.

Os de dez em dous metros de seis e quatro, ou em trez, de quatro, quatro e duas, ou de trez, trez e quatro; ou em cinco, de duas cada um, ou em quatro, de duas, quatro, duas e duas Todos estes são bons; as duas variedades de duas, cinco e trez ou de quatro, trez e trez não agradam a ouvidos delicados.

Os de onze em dous de cinco e seis; ou em quatro, um de duas, e trez de trez. Os melhores tem pausa na segunda, quinta, outava e undecima.

Os de doze em dous de seis. Nem sempre dous versos de seis formam um de doze; porque para o formarem, quando a ultima palavra do primeiro metro é grave, é necessario absorver a sua final breve na vogal por que comece o segundo verso, que nem sempre começa por ella.

Os versos medem-se partindo-os pelos respectivos accentos ou pausas, salvas as figuras da versificação, que consistem na absorpção de uma ou mais vogaes seguidas na outra que ainda se lhe segue, e no augmento ou diminuição de letras no principio, meio ou fim da palavra, comprehendidas nestes versos do sr. Castilho.

Vogaes contrahe a Synérese
Dentro na mesma dicção;
Mas tu, Synalepha, absorvel-as,
Se em duas vozes estão.
Principios cóme a Aphérese,
A Próthese os inventa;
No meio tira a Syncope,
A Epénthese accrescenta;
Corta nos fins a Apócope,
Paragóge os augmenta.

Exemplos: *pi'dad'amor* por piedade e amor; *magina-*

ção por imaginação; *podroso* por poderoso; *marmor* por marmore; *descantar* por cantar; *Mavorte* por Marte; *Joanne* por João.

Advirta já o principiante que do abuso destas figuras provem principalmente a dureza dos versos de Sá de Miranda, Ferreira e Filinto Elisio; por que nem todas as vogaes e dithongos se podem absorver, o que acontece quando é forte a vogal antecedente como em *só eu*, *viu uma*, *má alma* de que não se pode fazer *s'eu*, *v'uma*, *m'alma*.

A partição da palavra que tem accento predominante na penultima, e cuja ultima syllaba vae juntar-se ao começo da seguinte, diz-se cesura, e hemistichio a metade do verso.

O methodo de designar o numero de syllabas do verso pelo da ultima pausa ou accento predominante, sem fazer caso das breves que se lhe sigam, é, como diz o sr. Castilho, preferivel ao vulgar de lhe dar mais uma syllaba, porque evita a inexactidão de se dar o nome de endecasyllabo ou de onze syllabas ao verso que tem dez ou doze, e facilita muito a medida do verso. Por tanto os versos, que acima classificámos, pelo methodo vulgar dizem-se de mais uma syllaba.

De todos estes generos de verso os mais usados são os de dez syllabas, vulgarmente chamados endecasyllabos ou heroicos, e os de septe e dahi para baixo chamados lyricos.

Os versos em quanto á pausa final dizem-se agudos, graves ou esdruxulos, conforme acabam em alguma destas especies de palavras, como:

> É fraqueza entre ovelhas ser leão.
> As armas e os varões assignalados.
> O rosto carregado, a barba esquálida.

E em quanto á melodia final em brancos ou soltos, e rimados.

Rima é a conformidade dos sons finaes de dous ou mais versos. Se esta conformidade se dá em todas as letras das syllabas desde a vogal ou dithongo do accento predominante até á ultima, a rima diz-se perfeita, e os versos *consoantes*, como se terminassem em *belleza* e *fineza*, *coração* e *paixão*, *gloria* e *memoria*; se porem esta conformidade so se dá nas vogaes e não nas consoantes, a rima diz-se imperfeita, e os versos *assoantes* ou *toantes*, como se terminassem em *manto* e *banho*, *paz* e *immortal*, *horrifico* e *santissimo*.

A rima tem logar em toda a qualidade de versos, e é regulada as mais das vezes pelo gosto e vontade do poeta.

Diz-se encadeada quando a dicção final de um verso rima com uma ou mais dicções do meio do verso seguinte; emparelhada quando os finaes de dous versos consecutivos rimam um com o outro; e interpolada quando dous ou mais versos rimam entre si com interpolação de um até seis versos de differente rima.

Grande é a variedade de rimas e de combinações de versos que se encontra nos nossos poetas. Os antigos usavam para o verso heroico de parelhas, tercetos, sextinas, outavas, e sonetos; para os lyricos de septe syllabas ordinariamente de quadras, quintilhas e decímas, e em menos casos de parelhas, tercetos, sextinas, estrophes de septe versos, outavas, e estrophes de nove versos; e para os de onze syllabas de outavas; e costumavam misturar symetricamente com certas especies de versos os seus respectivos quebrados, isto é, a sua primeira metade ou hemistichio; com o verso de dez syllabas, o de seis; com o de septe, o de tres ou de quatro; com o de onze, o de cinco; e assim, rimando, se lhes aprazia, variavam as suas estrophes.

Hoje, segundo o pensar do sr. Castilho, juiz competente na materia, só poderão empregar-se, com vantagem, destes generos de rima, para o verso heroico o terceto e a outava, apesar de haver caido geralmente

em desuso; e para os de septe syllabas todas as especies mencionadas, exceptuando a sextina; sobre tudo as quadras, quintilhas, e a liga da quintilha com a quadra.

Em quanto aos modernos, é incalculavel a variedade de composições metricas que tem introduzido, o que dá logar a dividir-se a actual poesia rimada em duas especies, regular, e irregular, conforme consta de estrophes uniformes, ou depende do perigoso arbitrio do poeta.

Em quanto á regular o sr. Castilho estabelece as seguintes regras.

1.ª Que as estrophes ou periodos metricos eguaes, em que um poema longo ou curto se divide, devem compor-se, ou de versos inteiros todos da mesma medida, ou symetricamente entremeados ou rematados pelos seus quebrados respectivos: segundo o que, onde na 1.ª estrophe ficarem versos graves, onde agudos, onde esdruxulos devem egualmente cair em todas as outras estrophes, versos graves, versos agudos, e versos esdruxulos.

2.ª Que quando as estrophes constam de dous ramos, quer estes sejam eguaes em qnantidade de versos, quer deseguaes; por exemplo, quatro e quatro, quatro e tres, tres e quatro, cinco e tres, seis e dois &c. o ouvido approva muito não so que esses dous ramos rimem um com o outro pelo fim, mas que rimem em agudo.

3.ª Que os versos que antecedem ao ultimo em cada ramo da estrophe, convem sejam ou todos graves, ou symetricamente entremeados de esdruxulos.

4.ª Que nas composições em periodos de quatro versos, de qualquer medição que elles sejam, a melhor rima é a do 1.º com o 3.º em grave, e a do 2.º com o 4.º em agudo. O 1.º e 3.º soltos são admissiveis; mas quando esses soltos são esdruxulos, podem-se haver por muito mais ricos, do que se fossem rimados.

Diremos agora alguma cousa sobre o modo por que se deve haver o principiante nos seus exercicios poeticos.

Os principiantes devem ter uma cantilena propria para cada genero de verso, com que distingam as syllabas e pausas, nos seus devidos tempos, e sentados dous um defronte do outro, baterão simultaneamente com as mãos abertas, primeiro nos joelhos, depois com a direita na esquerda, e depois com a direita na esquerda do parceiro, e depois com a esquerda na direita delle; e outra vez cada um com uma mão na outra; outra vez nos joelhos; e assim por diante sempre e pela mesma ordem, ate que o numero das pancadas eguale o das syllabas cantadas; marcando com pancada mais forte as syllabas dos accentos metricos, pondo um pequeno intervallo no fim de cada verso.

Devem começar o seu trabalho pelos versos mais faceis, que são os de septe syllabas, compondo-os ate de palavras sem nexo grammatical, a que os inglezes chamam *nonsenses*, mas segundo as regras, e os mais harmoniosos; passando depois aos de seis syllabas, e depois aos heroicos inteiros, aos de doze, aos de cinco, aos de nove, de quatro, tres, duas, onze e outo.

Muito hão de aproveitar, se lançando mão de qualquer livro classico, por exemplo da vida de D. João de Castro, buscarem quantos versos de doze, onze, dez &c. syllabas se contem em qualquer pagina.

Devem preferir os versos graves ou inteiros como mais perfeitos, e excluir os agudos do estylo serio e grave, principalmente do verso solto, salvo se servirem de pintar ao vivo as ideas, como — trovão, mar, terror. Nos rimados produzem bom effeito empregados com symetria. Os esdruxulos, intoleraveis com mais de duas syllabas breves depois da pausa, tambem fazem bom effeito nos intervallos dos rimados, postos em symetria; mas devem ser excluidos da poesia rimada e seria como consoantes.

Devem evitar na rima repetição de sons triviaes, como em ão, ar, or, ado, issimo, e os exquisitos, buscando varial-os com a escolha dos mais harmoniosos, e com a variedade de palavras em quanto á sua natureza, combinando substantivos com adjectivos e verbos, evitando a monotonia que resulta da successiva repetição de palavras da mesma especie, e de verbos da mesma conjugação, modos, tempos e pessoas; sendo todavia os substantivos, os adjectivos e os verbos os vocabulos qae melhores rimas offerecem.

Devem egualmente evitar para consoantes as palavras que tem as mesmas vogaes com differentes valores, como cabêllos, e amaréllos, amôr e maiór, e aquellas em que ha consoante ferindo como vogal, como — digna, maligna com mina, empina; havendo cautella em não empregar n'um mesmo verso mais de uma palavra deste genero, porque o ouvido delicado nelle acha excesso de metro, taes são as palavras apto, rapto, pragmatica, cognato, estigma, magnanimo, dogma, ignoto, rythmo, &c. nas quaes parece dever-se contar aquellas consoantes como vogaes para exactidão do verso.

Devem evitar os versos duros, frouxos, monophonos, e cacaphonicos.

Versos duros são os que custam a recitar, o que acontece quando ou tem palavras de desagradavel e difficil pronuncia; ou se absorvem dithongos ou vogaes longas noutros dithongos ou vogaes tambem longas, ou ainda em breves, de palavra para palavra; ou se reduzem a uma syllaba as vogaes de duas contra o uso geral de fallar; ou abundam monosyllabos fortemente accentuados; ou ha repetição consecutiva da mesma consoante, como *do dador, tu tens tempo*, *vae vivo;* ou á consoante se segue outra sua inimiga como *r* com *r*, *r* com *s*, *r* com *l* &c. e só se permittem quando ajudam a pintar a idea.

Versos frouxos são os que tem hiatos por não se

absorverem vogaes que o uso costuma absorver; ou tem vocabulos mui extensos; ou são fracos os accentos predominantes; ou estão onde o sentido não consente parar; ou quando não ha elisões de vogaes; como:

Pero Rodrigues é do Alandroal.
Se eu lhe voto amor e ella foge.
Se aproveitou de tal misericordia.
Lei não conheço quê possa obrigal-a,
Testemunho do mêu animo grato.

Versos monophonos são os que tem as mesmas vogaes, como:

Melhor é experimental-o que julgal-o;
Mas julgue-o quem não póde expirimental-o.
Vi poderios mil cahir no olvido.

Os melhores versos, isto é, os mais harmoniosos, são os que tem mais variedade de vogaes, ou quando se repetem tem valores differentes, como:

Estavas, linda Ignez, posta em socego
De teus annos colhendo o doce fructo,
Naquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito.

Versos cacaphonicos são aquelles em que o final de uma palavra forma, com o principio de outra, palavra ou som desagradavel e indecente, como:

Alma minha gentil que te partiste.
Mas morra em fim ás mãos de bruta gente.
Tens-me já dado, amor, bastantes penas.
Em *Meca cada* qual se apresentava.
Vendo a sua *ré linda* el-rei perdôa.

Devem dar aos periodos do verso, principalmente sendo solto, a maior variedade de cortes, quer o sentido appareça redondo e absoluto n'um só verso, quer não; e na pluralidade dos casos quanto menos versos se fecharem entre doús pontos finaes, tanto melhor será; porque a sentença ou conceito em um só verso brilhará como diamante engastado entre perolas; advertindo-se todavia que seria monotono o poema que constasse de versos todos destacados, por que o excesso até nas virtudes é vicio.

Devem escolher palavras compostas das syllabas mais cheias, de sons mais abertos, e de articulações mais resonantes, e que mais pintem ao vivo os objectos, o que principalmente provem das letras de que se formam. Com effeito sendo os objectos representados pelas ideas, as ideas pelas palavras, e as palavras pelas letras, e estas pelas articulações da voz, não podem estas deixar de ter com as qualidades sensiveis dos objectos, que exprimem, tal ou qual analogia que os pinta e retracta.

Os sons primitivos são as cinco vogaes, que combinadas entre si formam os dithongos, e modificadas ou articuladas dão às consoantes, que na sua invenção imitativa deviam ter em vista representar as qualidades physicas dos objectos que hiam significar, e por isso as letras muito podem concorrer para a harmonia do verso e viveza das imagens.

O *A*, unico som que por muito tempo proferimos, é a expressão natural da admiração, da alegria, do alvoroço, e da ternura, e por isso as palavras em que elle abundar serão as mais proprias para exprimir os sentimentos de respeito e enthusiasmo para com tudo que é grande. Talvez que assim pensasse Camões quando começou os seus Lusiadas:

As armas e os varões assinalados
Que da occidentál praia Lusitana. &c.

O *E* soando menos que o *A*, exprime fraqueza, quietação, incerteza, e como degeneração do *A* forma com o *I* uma especie de escala natural, como o *O* a forma com o *U*.

O *I* como fim da escala, que começa pelo *A*, simbolo da grandeza e alegria, representa pequenhez, tristeza, e agudeza de dor, e por isso para exprimir estas ideas se inventaram palavras que não dispensam esta letra; taes são os diminutivos florinha, florita &c. e triste, tristeza; ao passo que os augmentativos requerem o *A*, como: sabio, sabichão, casa, casarão &c.

Temos em Camões muitos exemplos do prestimo desta letra taes como nos versos:

Alma minha gentil que te partiste.
Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos. &c.

O *O* representa a explosão d'alma, e como som forte e animoso produz grande effeito na descripção de tempestades da natureza ou do espirito.

O *U*, que se pronuncia cerrando fortemente a bocca, convem com o seu tom reconcentrado e soturno para ideas de lucto, medo e horror; as mesmas palavras, lucto, tumulo, lugubre, sepulchro, carrancudo parecem confirmal-o, e até o uso do *hú* com que se mette medo ás crianças.

As consoantes ou articulações das vogaes, segundo a similhança que tem umas com as outras, sem fazermos caso das que, tendo differente figura, tem identico valor, como são S e C, Ch e X, F e Ph, G e J, K, C e Q, e do H que não tem valor, reduzem-se a

B, P; — D, T; — F, V; — G, Q; — J, S, X, Z; — L, Lh; — M; — N, Nh; — R, pronunciadas:

Bê, Pê, Dê, Tê, Fê, Vê, Guê, Quê, Jê, Sê, Xê, Zê, Lê, Lhê, Mê, Nê, Nhê, Rê.

O *B* e *P*, formados pela repentina separação dos labios, servem para exprimir o repentino, breve e separado soído do objecto, e por isso para exprimir o estrondo de uma pancada, de um tiro, vulgarmente nos servimos de um *pá*, *pú*, *bumba;* as palavras bombo, bumbo, baque, timbal, picar, pingar, beijar tambem o confirmam.

O *D* e *T*, que se proferem quasi do mesmo modo, ferindo subitamente os dentes superiores com a ponta da lingua, representam pancadas fortes, quédas repentinas, topadas, tiros e explosões; confirmam-no as palavras dar, bater, martellar, trovão, traz, truz, e estes versos de Camões

Cabeças pelo campo vão saltando &c.

O *F* e *V*, formados pelos labios, o primeiro soltando o ar, e o segundo apertando-o na sahida, representam o sopro do vento, a zoada do mar, o zunido de uma pedra, o bufar dos animaes, e significam objectos fortes e resistentes. As palavras fogo, foguete, vulcão, faisca, vela, folego, forte, valente, que levam *v* ou *f* no principio ou no meio, tambem o provam.

O *Gué* e *Q*, soando com difficuldade e aspereza, e arrojando com força a respiração, servem para exprimir objectos difficeis, escabrosos e resistentes. As palavras agonia, angustia, accarretar, agarrar, riscar, &c. são expressivas. Devem evitar-se, salvo quando a onomatopea as exigir.

O *J*, *X*, *S*, e *Z*, que formam articulações mui similhantes, representam o ruido das folhas, o sibilo do vento, o murmurio das aguas, o chiar dos carros. As palavras fresco, chuva, cascata, repucho, chiar, chamma, cheia, jorro, são imitativas.

O *L* e *Lh*, que brandamente se articulam, dão ás palavras certa doçura e euphonia encantadora, e significam acção de partir, quebrar e decompor, como

estalar, descolar, alluir, applaudir, esmigalhar, batalhar, mergulhar &c. A sua euphonia nota-se nestes versos de Camões:

> Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
> Sobolo tanque lucido e sereno;
> Florece o filho e neto de Cinyras
> Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

O *M*, que se profere tomando folego e concentrando o ar unindo os labios, exprime attracção, affeição e ternura; e por isso entra na formação das palavras que significam os objectos que nos são mais caros, como mãe, mano, meu, minha, amado, amigo, amor, amizade, amante &c.

O *N* e *Nh*, expellindo pelo contrario a respiração, parecem exprimir a repugnancia personalisada em um *não*. As palavras, ferrenho, tamanho, nunca, nada tambem o confirmam. O *Nh*, tambem serve para exprimir a idea de miudeza, diminuição e com este prestimo entra na formação dos diminutivos filhinho, florinha &c.

O *M* e o *N* no fim das syllabas dão ás palavras extraordinaria resonancia, como a retumbar, rebombar, vingança, estrondo, esplendido. As consoantes *L*, *R* e *S* no fim das vogaes tambem lhes augmentam o valor modificando-lhes o som.

O *R*, formado por um tremor na ponta da lingua revirada para cima, designa as cousas que de si lançam som duro e tremulo, ou com isso parecido, como trovão, tiro, rufo, rugido, terror, carreira &c. ou as destes versos de Bocage em que parece haver excesso da arte:

> Ruem por terra as imperradas portas,
> Das Eolias horrisonas masmorras,

Que de um fero encontrão rugindo arromba
A caterva dos Lusos.

Devemos pois concluir que as letras ou vogaes ou consoantes, pelo material do seu som, imitativo de alguns outros da natureza, muito podem contribuir para o bom effeito das palavras.

E assim muito aproveitarão os principiantes que se costumarem a tresladar do natural para a sua phrase metrica objectos distinctos da natureza ou da arte, empregando aquelle genero de metro para que se acharem com mais propensão. A traducção, a imitação ou passagem de prosa para verso tambem será mui proveitosa.

Não devem perder de vista que os versos rimados são mais proprios para assumptos de mero recreio, e os brancos ou soltos para instruir e ensinar.

Os versos soltos, segundo o costume adoptado, são sempre feitos de dez syllabas, ou seguidos, ou intermeados regular, ou irregularmente dos seus respectivos quebrados de seis syllabas; ou seguidos de tres em tres de um de quatro syllabas, chamando-se a esses quatro juntos, estrophe saphica.

A facilidade de rimar adquire-se na leitura dos poetas, e consultando os diccionarios de rimas que se tiverem á mão.

Como da boa recitação dos versos depende o seu bom effeito, resumiremos tambem aqui o que diz o sr. Castilho a este respeito.

A recitação não deve ser modulada, nem feita como quem mede os versos ou os canta. O recitador deve variar os tons e inflecções da voz. Os pensamentos mais graves e pausados requerem tons mais graves; os impetuosos e ardentes os mais agudos; a desanimação e a melancholia os baixos; a alegria e o enthusiasmo os mais subidos.

As pausas devem ser determinadas, não pela con-

tagem das syllabas, mas pelos cortes mais ou menos profundos do pensamento, ou do affecto que se exprimir.

Não deve parar-se no fim do hemistichio ou do verso, se não quando o sentido o pedir.

A velocidade da recitação deve andar em proporção com a escala dos tons; os tons mais baixos convem ás pausas mais dilatadas; os mais agudos ás mais ligeiras; o que é raciocinio e meditação requer morosidade; o que é extemporaneo, subito e como que inspirado exige rapidez; a melancholia é morosa; a jocosidade, o alvoroço, o enthusiasmo, os affectos vivos, a ira são tanto mais velozes quanto maior é a sua intensidade; a vingança costuma ser tardia nas suas concepções; a benevolencia brota do instincto, e corre caudalosa. O que se refere á velhice, á desgraça, ao outono e inverno, á noite e á morte, assume em geral o caracter do recolhimento; pelo contrario o que é da meninice, e adolescencia, dos folgares, da primavera, do estio &c. arremessa-se com facilidade.

A força da voz deve tambem ser proporcionada á intenção que acompanha a idea; esta escala é vastissima, pois corre desde o tom confidencial e do segredo, caracteristico da tristeza, inveja e mais affectos que a si mesmos se aborrecem, ate ao do brado e clamor, que parecem espontaneos no alvoroço e nas paixões nobres.

Deve buscar-se que a respiração coincida com as pausas, tomando-a a tempo depois dos pontos finaes, pontos de interrogação e admiração, dous pontos e ainda de ponto e virgula, mas de modo que não se perceba; e quando isso se não tenha feito, correr com os olhos o tamanho do periodo e marcar alguma paragem intermedia, como de ponto e virgula, onde o possa fazer sem se dar por isso.

Convem sobre tudo ao recitador conhecer a extensão ordinaria do seu folego, comparando-a repetidas vezes

com periodos de diversas extensões, e saber prover-se a tempo de respiração, para que não lhe desfaleca ou lhe falte a voz, onde mais carece della; o que faria perder á recitação o seu merecimento.

Ainda que a poesia, como dom da natureza concedido a poucos, não possa ser suprida pela arte, com tudo o conhecimento das suas regras convem a todos, porque desenvolve e pule o gosto natural, offerecendo na leitura dos versos um recreio instructivo, que habilita para escrever a prosa com mais graça e affinação.

Diversos Generos de Poesia.

A poesia em quanto ao modo por que exprime o seu objecto divide-se em narrativa, lyrica, dramatica e mixta; em quanto ao fim em didactica e recreativa; em quanto á gradacção dos seres activos e sensiveis que ella figura epica, tragica, comica, pastoril e apologo; mas a melhor divisão é a que se faz tendo em vista os fins do poeta e a forma da poesia, em outo generos, a saber:

O *Epico*, quando tracta de uma acção heroica concluida felizmente.

O *Dramatico*, quando a apresenta em scena parte narrada e parte obrada; e comprehende a tragedia, a comedia e a tragicomedia.

O *Didactico*, ou philosophico, quando tem por fim ensinar e instruir, e comprehende, alem dos poemas denominados pelo assumpto, as satyras e epistolas.

O *Elegiaco*, quando lastima casos tristes, e comprehende a elegia e o epícedio.

O *Lyrico*, quando tracta de assumptos proprios para se cantarem e comprehende a ode sagrada ou hymno, a pindarica, epodica, saphica, anacreontica,

o epythalamio, a canção, a cantata, a lyra, e o dithyrambo.

O *Pastoril*, quando tracta da vida campestre, e comprehende a ecloga e o idillio.

O *Epygrammatico*, quando tracta de composições breves e conceituosas, e comprehende o epygramma, o madrigal, a decima, e o soneto.

SELECTASINHA CLASSICA.

A LINGUA portugueza celtica, ou cantabrica na sua origem, e semelhante á de que ainda hoje se usa na Biscaya, foi mudando de feições á medida que a Lusitania ia sendo conquistada por phenicios, cartaginezes, gregos e pelos romanos, cuja lingua, tornando-se quasi geral em sua longa dominação, e corrumpida pela celtica que a precedeu, e gothico e arabe que se lhe seguiram, veiu a formar a lingua romanse ou romanense que se fallava em Galiza e na nossa Lusitania, quando tomou o nome de Portugal.

Para se conhecer pois e comparar o que era a lingua portugueza no seculo doze, em que principiou a monarchia, com o que modificada pela franceza veiu a ser no seculo dezeseis, em que chegou ao seu maior gráo de perfeição, apresentaremos, segundo a ordem chronologica, fragmentos das principaes obras poeticas de cada um dos periodos da litteratura portugueza.

PRIMEIRO PERIODO.

INFANCIA.

Desde a fundação da monarchia até D. Diniz, ou de 1139 a 1279.

A lingua portugueza devia começar com os seus trovadores, unicos que no estrepito das armas lhe podiam dar alguma especie de cultura. O seu melhoramento porem foi mui lento, como o provam as quatro reliquias de composições poeticas, que existem deste periodo, a primeira das quaes se suppõe anterior á fundação da monarchia.

Fragmento de um poema sobre o dominio dos Arabes na Hespanha, encontrado no castello da Lousã quando foi tomado por D. Sancho 1.°, e attribuido a Rodrigo ultimo rei dos Godos.

O Rouço da Cava imprio de tal sanha
A Juliam et Horpas a sua grei daninhos,
Que em sembra cò os netos de Agar fornezinhos
Huá atimarom prasmada fazanha
Ca Muza, et Zariph com basta campanha
De juso da sina do Miramolino
Co falça infançom, et Prestes maligno
De Cepta aduxerom ào solar da Espanha

Explicação. *Rouço*, forçador. *Imprio*, encheu. *Sanha*, ira. *Grei*, gente. *Em sembra*, juntamente. *Cò*, com. *Fornezinhos*, bastardos. *Atimarom*, concluiram. *Prasmada*, pasmosa. *Fazanha*, façanha. *Ca*, porque. *Basta*, grande. *Campanha*, exercito. *De juzo*, debaixo. *Sina*, bandeira. *Falça*, traição. *Infançom*, nobreza. *Prestes*, prelado, chefe. *Aduxerom*, trouxeram. *Solar*, territorio.

Cantiga anonyma.

No tempo do conde D. Henrique de Borgonha, falecido em 1112.

No figueyral figueyredo
A no figueyral entrey.
Seis Ninas encontrára
Seis Ninas encontrey
Para ellas andára
Para ellas andey.

Lhorando as achára
Lhorando as achey.
Logo lhes pescudára
Logo lhes pescudey.
Quem as maltratára
Y a tom mala ley.

Explicação. *Figueyral*, *figueyredo*, mata de figueiras. *Ninas*, moças. *Lhorando*, chorando. *Pescudára*, perguntára. *Y*, e. *Tom*, tão.

Cantiga de Egas Moniz despedindo-se de sua mulher.

No reinado de D. Affonso Henriques, falecido em 1185.

Ficaredes bos em bora
Tam coitada
Que ei boyme por ahi fóra
De longada.
Sai-se o vulto de meu corpo
Mas ei nom
Cá ós çocos vos fica morto
O coraçom.
Se pensades que ei me vó
No lo pensedes

Que em vos chantado estò
A non me vedes.

Explicação. *Ficaredes bos*, ficareis-vos. *Que ei boyme*, que eu vou-me. *Longada*, longa caminhada. *Nom*, não. *O's*, aos. *Çocos*, tamancos, galochas. *Coraçom*, coração. *Pensades*, pensaes. *No*, não. *Pensedes*, penseis. *Chantado*, cahido no chão. *A*, e.

Canção de Gonçalo Hermigues, famoso guerreiro dos ultimos tempos de D. Affonso Henriques, e primeiro nomeado dos nossos trovadores, que na meia edade faziam com a espada as suas Iliadas, e as cantavam depois ao seu alaúde. (1128 — 1185.)

Tinhera bos, nom Tinhera bos,
Tal a tal ca assoma!
Tinherades me, nom tinherades me,
De la vinherades, de ca filharedes
Ca andabia tudo em soma.

Per mil goivos trebelhando,
Oy, oy! vos lombrego...
Algorem se ca da folgança,
Asmei eu, perque da terrenho
Nom ahi tal perchego.

Ouroana, Ouroana, oy tem por certo
Que inha bida, do biber
Se olvidrou per tu alvidro, perque em cabo
O que ey de la chacone, sem referta,
Mas nom a perque se ver.

Traducção de Almeida Garrett, extrahida da Rv. Un. Lisbonense de 1846, vol. 5.º art. 430, p. 417.

Ora vos tenho, ora não;
E um a um elles que chegam!
Ja me apanhaes e ja não...
D'aqui largam, e d'alli pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Por mil goivos retoiçando
Ai, ai que vos avistei!...
[illegible]
[illegible]
Melhor fructo não verei.

Oriana, Oriana, oh, tem por certo
Que esta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle apperto.
E o que, em trôco eu vim a haver
Não ha mais para se ver.

SEGUNDO PERIODO.

ADOLESCENCIA.

Desde D. Diniz até D. João 3.°, ou de 1279 — 1500.

D. Diniz funda a universidade de Coimbra; D. Affonso 4.° anima as lettras; D. João 1.° manda usar do idioma patrio em todos os actos e instrumentos publicos, que ate então se faziam em latim; D. Duarte e D. Affonso 5.° dedicam-se ao estudo e compoem obras admiraveis para o seu tempo; e o descobrimento da India, e as victorias e conquistas não interrompidas, que, espantando a Europa, e mudando a face do mundo, deram a D. Manoel o epitheto de *afortunado*, completam a grandeza politica da nação, e levam os espiritos quasi a tocarem o maior auge da sua gloria literaria. Os fragmentos que apresentamos bem mostram a rapidez com que a lingua então caminhava á sua perfeição.

Soneto attribuido a el-Rei D. Affonso 4.° *fallecido em* 1357, *ou a seu irmão natural D. Affonso Sancho, sobre o Amadis de Gaula.*

Bom Vasco de Lobeira, e de grã sem,
De prão que vòs avedes bem contado
O feito d'Amadis o namorado,
Sem quedar ende per contar hi rem.
E tanto nos aprougue e a tambem
Que vós seredes sempre ende loado,
E entre os homes bõs por bom mentado,
Que vos lerão adeante, e que hora lem.
Mais por que vós fizestes a fremosa
Brioranja amar endoado hu nom amarom,
Esto combade, e compra sa vontade.
Çá eu hei grâ dó de a ver queixosa,
Per sa gram fremosura, e sa bondade,
E er perque ó fim amor nom lho pagarom.

Explicação. *Sem*, geração. *De prão*, de plano, na verdade. *Avedes*, tendes. *Quedar*, restar, ficar. *Ende*, disso. *Per*, por. *Hi*, ahi. *Rem*, cousa alguma. *Aprougue*, preterito de aprazer, aprouve, agradou. *E a tambem*, e a tal ponto, e tanto bem. *Seredes*, sereis. *Ende*, por isso. *Loado*, louvado. *Mentido*, intelligente, dotado de saber. *Endoado*, dorido, cheio de dor. *Hu*, onde. *Nom*, não. *Amarom*, amaram. *Esto*, isto. *Combade*, combate. *Sa*, sua. *Er*, aliás, alem disso, tambem. Vid. Ferreira Soneto 34.

Versos attribuidos a el-rei D. Pedro 1.º, falecido em 1355.

Senhora, quem vos matou
Seja de forte ventura,
Pois tanta dor e tristura
A vós e a mi causou.

E pois nom vi mais asinha
Tolher vosso triste fim,
Recebo–vos, vida minha,
Per Senhora, e por Raynha
Destes Reynos e de mi.

Estas feridas mortaes,
Que pelo meu se causárom,
Nom huma vida, e nom mais,
Mas duas vidas matàrom.

A vossa acaba jaa
Pelo que nom foy culpada;
E a minha que fica quaa
Com saude seraa
Pera sempre magoada.

Oh crueldade tam forte
E injustiça tamanha!
Vio–se nunca em Espanha
Tam cruel e triste morte?

Contar-se-ha por meravilha
Minha alma tam verdadeira,
Pois morreis d'esta maneira,
Eu serei a Torturilha,
Que lhe morre companheira.

Hi Senhora descançada,
Pois que vos eu fico quaa,
Que vossa morte seraa
(Se eu viver) bem vingada.
Per isso quero viver,
Que se per isso nom fora,
Melhor me fora, senhora,
Com vosco logo morrer.

Que cousa hà esta a que vîm
Ou onde m'ensanguentei?
Senhora, eu vos matei
E vós matasteis a mi.
Sangue do meu coraçom,
Ferido coraçom meu,
Quem assi per esse chom,
Vos espargeo sem razom?
Eu lhe tirarei o seu.

Explicação. *Hi*, ide. *Espargeo*, espargiu. Os antigos em vez de *ão* escreviam *om* como coraçom, razom, chom.

Versos do infante D. Pedro irmão de el-rei D. Duarte, á cidade de Lisboa.

Porque tu foste a colheyta
Daquelle Grego sesudo
Tam matreyro,
A te fès toda bem feyta
Neste logo tam sabudo
A neste outeyro.

A depois de muitos segres
S'ergueo de ta semente
A desta Terra
O Annibal Cartages
Que ós Romoms, et sa gente
Armou crua guerra.

Explicação. *A* era usado em logar da conjunção *e*. *Segres*, seculos. *Logo*, lògar. *Sabudo*, sabido. *Ta*, tua. *Ós*, aos.

Versos de Ayres Telles de Meneses á cidade de Lisboa graçando peste no reinado de D. João 2.º falecido em 1495.

De pungentes estimulos ferido
O Regedor dos Ceos, e humilde terra,
Sobre ti manda, desastrada Lysia
Effeitos de sua ira.
A peste armada destruir teu povo
Ao seu leve aceno voa logo,
Estraga, fere, mata sanguinosa
Despiedada, e crua.
Despenhada no abysmo da ruina
Fugir pertendes aos accesos rayos
Qual horrida fantasma, porem logo
Desfalecida cahes.

O açoite do Céo lamenta, ó Lysia,
Mas ainda muito mais os teus errores
Que provocar fizerão contra ti
Contagio mortal.
Dos Céos apagar cuida a justa sanha
Da penitencia com as vastas aguas,
Ja que rebel, e surda te mostraste
A seus mudos avisos.
Então verás ornada a nobre frente
Como nos priscos tempos que passàrão
De esclarecidos louros sinal certo
De teus almos triunfos.

SONETO

De Jose Barroso d'Almeida ao traductor das Georgicas de Virgilio, que se pode ler como latim ou portuguez.

Cantando te per modos eminentes
(Quando glorias adornas Mantuanas)
Tanto excusando estàs musas humanas,
Quanto a divino stylo differentes.

De Phæbo spera tu palmas florentes,
De cujo solo, o bella Aurora, manas,
Ante confusas nubes virgilianas,
Manifestando luces refulgentes.

Œternamente docta, Phœnix rara,
Vivas felix, per modos peregrinos
Mantuanas reliquias renovando.

A cuja gloria es Lusitánia, clara
Mantua, dando stylos tam divinos,
Parthenope memorias conservando.

Estes fragmentos poeticos foram extrahidos da Estatistica de Balbi, tom. 2.º Appendix.

TERCEIRO PERIODO.

VIRILIDADE.

Desde D. João 3.° até Philippe 2.°, ou de 1500 — 1625.

D. João 3.° colhe os fructos do que el-rei D. Manoel havia semeado. Dá ás lettras base mais solida, chamando á universidade muitos sabios nacionaes e estrangeiros, e fazendo nos estudos notavel reforma. Os modelos gregos e latinos são versados de todas as mãos; são estudados, traduzidos, e imitados. Apura-se o gosto; fixa-se a lingua; enriquece-se, aperfeiçoa-se, e toma essa nobreza classica que a distingue de todas as outras, e arredondando os seus periodos ao modo latino, e dando ás suas vozes a euphonia das gregas, caminha abundante, livre e majestosa por todas as provincias da litteratura, sem que haja genero de composição, para que não seja propria, porque, como diz Duarte Nunes do Leão: » Para tudo tem graça e energia, e é capaz de nella se escrever em todas as materias dignissimamente assim em prosa, como em verso. » O seculo de D. João 3.°, semelhante ao de Péricles na Grecia, e ao de Augusto em Roma, é a edade de ouro da litteratura portugueza.

BERNARDIM RIBEIRO.

O nobre Bernardim, muito saudoso,
Alma amorosa e terna, que gran somma
De maneiras eroticas, de phrases
De grande extremo em seus escriptos volve!
A. R. dos Santos.

Bernardim Ribeiro é o poeta que abre a grande edade de ouro da litteratura portugueza. Moço fidalgo da casa de el-rei D. Manoel e infeliz em seus elevados e misteriosos amores com a princeza D. Beatriz, dedica-se todo á poesia pastoril, de que dá excellentes modelos, cantando os pastores do Tejo e Mondego em cinco eclogas em *redondilha maior*. E não é maravilha que o genio portuguez

começasse os seus rasgos poeticos pelo genero bucolico, quando via de um lado a rica herança de gloriosas recordações que lhe legara o passado, e do outro as lindas e encantadoras scenas que lhe apresentava a natureza nas margens dos rios e costas do occeano, dando á monotonia dos quadros campestres a mais deleitosa variedade. Os seus versos respiram aquella ternura e melancholia que é propria de um poeta amavel, que suspira de contino por certo amor ausente, cujas saudades tem de acabar-lhe a vida. « As suas eclogas, diz Francisco Dias Gomes, são as mais antigas que em Hespanha se conhecem; e segundo o meu parecer, são as melhores, que ha escriptas em verso de arte menor, e onde, como na mais pura fonte, se deve beber o verdadeiro estylo pastoril. »

Versos sentenciosos.

Não creias a fantasia,
Lisongeiros pensamentos,
Doces enganos de um dia,
Que a quem os não contraria
Dão falsos contentamentos.

Vae-se a vida após a vida;
Quem a mais deseja ter
A vê mais cedo perdida,
Ou se perde por a ver.

Guar-te do falso do amor,
Que viverás sempre em medo,
Não te engane seu favor,
Podel-o-has fazer com cedo,
Porque tarde tudo é dor:
Aos seus contentamentos
Não creias, se tu me creres,
Que não são senão tormentos,
E não queiras seus prazeres
Por seus descontentamentos.

Comerás sem dôr teu pão,
Dormirás teu somno cheio,
Se fores sem affeição;
Que faz homem de si alheio
Com razão, e sem razão.

Em tudo espera o peor;
Que quando te o mal vier
Não te faça o mal maior;
Tudo é leve de perder
Onde esperança não for.

Se a ti mesmo tiveres,
Pouco ou nada has mister,
Para contente viveres;
Por isso faz por te ter
Para tanta dor não teres.

Remedio dos tristes é
Companheiros ter na pena.

Sendo bemaventurado,
Mil amigos te verão;
E porem sendo trocado
O teu bem em mal passado,
De ti todos fugirão,
E com a fortuna afastar
Verás todos afastados.

Se for mudado teu bem,
Não esperes por amigo,
Porque o gorgulho não vem
Em as tulhas, que não tem
Abundosamente trigo.

Foram bemaventurados,
Não conheceram mudança,

Os que na mor esperança
Foram da vida levados,
Não tiveram os cuidados
Que se não podem cuidar,
E muito menos deixar.

Queixumes de um pastor.

Fragmento da Ecloga 3.ª

Triste de mim, que será,
Ó coitado que farei,
Que não sei onde me vá,
Com quem me consolarei?
Ou quem me consolará?
Ao longo das ribeiras.
Ao som das suas agoas,
Chorarei muitas canceiras,
Minhas magoas derradeiras,
Minhas derradeiras magoas.

Todos fogem ja de mim,
Todos me desempararam,
Meus males sós me ficaram
Para me darem a fim
Com que nunca se acabaram.

I-vos, minhas cabras, i-vos,
Gado bemaventurado,
Em outro tempo passado;
Ficae-vos ou despedi-vos
Despojo do meu cuidado:
Ja não vos verei comer
Penduradas no penedo
Onde vos sohia ver,
Andar saltando sem medo,
Sem medo de me perder.

Ja vos mais não cantarei
Nenhuns versos, nem cantigas,
Mas a todos contarei
As minhas tristes fadigas
Com que sempre viverei:
Minhas cabras desditosas,
Ja vos não verei roer
As salgueiras amargosas,
Que sohieis de pascer
Polas ribeiras fragosas.

Andarei de valle em valle,
E de logar em logar,
Não acharei quem me falle,
Nem com quem possa fallar,
Nem quem diga que me calle;
Subir-me-hei aos outeiros,
E deital-os-hei a giros
Polos pes dos sovereiros,
Meus suspiros derradeiros,
Meus derradeiros suspiros.

E vir-me-hei assentar
Á sombra de uma azinheira,
Que está fora do logar
Ao longo da ribeira,
Onde eu sohia andar:
Verei a casa cahida,
Sem parede, e sem telhado,
E verei meu mal dobrado,
Cuidado de minha vida,
Ó vida do meu cuidado.

Ouvirei cantar os gallos
N'aldeia, e ladrar os cães,
E jazerei entre os pães,
Verei berrar antre os valles
Os novillos polas mães.

Ficae embora curraes,
Riquezas de meus avós,
Vou-me sem mim, e sem vós,
Eu me vou, e vòs ficaes
Desemparados, e sós:
Não verei vir passeando
Os novillos furiosos,
Seus pescoços levantando,
Com seus passos vagarosos
Após as vacas bradando.

Agora me deixarão
Esperanças vagarosas;
Agora se acabarão
As vontades rigorosas,
Que tanta pena me dão:
Deixae-me, cuidados vãos,
Desejos desesperados;
Olhos mal aventurados,
Quanto me foreis mais sãos,
Se vos tivera quebrados

O pastor Jano.

Fragmento da Ecloga 4.ª

Muitas vezes se subia
Para um despovoado,
Onde ir ninguem podia
Senão desencaminhado.
Alli triste se assentava;
Pascendo ao derredor;
Seu pobre gado o cercava,
E o coitado pastor
Nunca uma hora repousava;

Encostado a uma mão ,
Olhos postos na terra,
E a Dina no coração,
Assim antre aquella serra
Se estava queixando em vão.

É cansado o meu desejo :
A fim não pode tardar.
Coitado, gado, de ti,
Que sem dono has de ficar ;
Inda que melhor é assi
Morrer eu, que te matar.

Que esta dor longa, que sigo,
Traz-me a mim tão transportado,
Que a mim mesmo mal digo,
Que bem fará a seu gado;
Quem tão mal o faz comsigo !
Quando me a mim melhor ía,
Que não sei se foi melhor,
Gordo, e farto te trazia,
Agora é triste o pastor,
E triste o gado a que guia.

O pastor Ribeiro.

Fragmento da Ecloga 5.ª

Ribeiro, triste pastor,
De Ribeira namorado,
Vendo-se della apartado,
Lamentava sua dor,
Nascida de seu cuidado :
Ia-se polos vallados
Suspirando, e polos montes,

Os tempos que eram passados,
Seus olhos tornados fontes,
Todo cheio de cuidados.

Era saudosa a terra:
De uma parte a cercam valles,
Da outra a cerca a serra.
Dalli via fazer guerra
Contra si todos os males.

Ia-se polas ribeiras,
Onde vão as claras aguas:
Alli crescem as canceiras;
Alli as magoas guerreiras,
Alli as guerreiras magoas.

Alli flores, alli rosas,
Natura quiz esmaltar;
Alli arvores graciosas,
E aguas mui saudosas,
Que depois vão dar ao mar;
Alli tudo parecia
Paraiso terreal,
E o sol mui claro luzia,
Que nenhuã cousa havia
Que desse nojo, nem mal.

Alli as arvores, as flores,
Verdes, brancas, encarnadas,
E de outras muitas cores
Nascidas de minhas dores,
E com lagrimas aguadas;
Dellas nascem outros ribeiros,
Tanto em abastança são
Sahidas do coração,
Que polos pés dos outeiros
Ruido fazendo vão.

Com ellas rios cresciam,
Tudo alli estava á vontade,
As ondas, quando batiam,
Assim manso, nos faziam
Nos corações saudade:
Era em fim tanta belleza
Com ver alli tantas flores,
E cantar dos rouxinóes,
Que esquecia a tristeza,
Que me davam minhas dores.

Um ventozinho corría,
Era o ar sereno, e manso,
Que a mesma agua trazia;
Nesta ribeira vivia,
Agrestes, todo descanço:
Trutas de muito sabor
A ribeira alli criava,
Criava tambem a dor
De seu triste guardador,
Que com dores a guardava.

Lembra-me aquelle cantar,
O correr daquellas aguas,
Causa-me isto gram penar,
E folgo de me entregar
A magoa das minhas magoas,

As aguas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ao pensamento,
Que assim eram minhas magoas;
Donde sempre correm aguas
Por estes olhos mesquinhos,
Que tem abertos caminhos
Polo meio do meu rosto.

Um pastor buscando a sua flauta.

Franco de Sandovir, era
O seu nome, e buscava
Uma frauta que perdêra,
Que elle mais que a si amava;
E a frauta sua era aquella,
Que lhe Celia déra, quando
O desterraram por ella
Chorando elle, ella chorando.

Queixumes de outro pastor.

Tudo o que vejo parece
Triste de minha tristeza,
E tudo mais me entristece:
Coitado de quem offerece
A vida a quem lh'a despreza.

As cousas que não tem cura,
Amador, não cures dellas,
E as que não tem ventura
Não te aventures por ellas,
Por que causam mor tristura.

Andam polos povoados
Os pastores, que não tem
Cuidados sobre cuidados,
Logrem seu mal, e seu bem,
Cançados, ou descançados:
Que para mim não nasceram
Senão dores e pezares;
Para os que dita tiveram
Se fizeram os logares,
Que tanto mal me fizeram.
Com cuidados me anoutece

Um dia e outro dia
Com cuidados me amanhece;
Traz um vem a fantasia,
Que tão longe me parece.

É sem ordem meu comer,
É sem ordem meu sentir,
É sem ordem meu querer,
É sem ordem meu viver,
É sem ordem meu dormir.

É sem ordem a paixão,
E é sem ordem meu bem,
Que se vae, e nunca vem;
Mas emfim tristezas são,
Que ordem nenhuã tem;
Ca se o mal cabo tivesse
Minha pena lho acharia,
E se de todo não podesse,
Menos mal inda seria
Se algum remedio houvesse.

Outros muitos te dirão,
Que procures por riquesas,
Mas que te aproveitarão,
Jano meu, se as tristezas
Te tiverem o coração?

Fauno e Persio.

Fragmento da Ecloga 1.ª

FAUNO.

Acorda, acorda, coitado;
Dá-me conta do teu damno;
Porque a um desconsolado
Um conselho ou um engano,
Tira ás vezes de cuidado.
Poderás julgar então,
Se quizeres razão ter,
O teu cuidado por vão:
Mas no bem querer,
Poucas vezes ha razão.

PERSIO.

Os males que são sem cura
Mal os pode outrem curar;
Nem na gram desaventura
Não ha mais que aventurar,
Que deixar tudo á ventura.

FAUNO.

Quem pena por cousa leve
Deve ser sempre penado:
Quem co' a vida não se atreve
Deve ser della privado,
Se a morte faz o que deve.

PERSIO.

A gram dor, quem a tiver,
Se com dor ha-de passal-a,
Em quanto lhe ella doer
Pode mal dissimulal-a;
Peor a póde esconder.

FAUNO.

Os fracos de coração
Obedecem á vontade,

E muito mais sem razão
É perder a liberdade
Por algum cuidado vão.

PERSIO.

Conselho quero de ti;
Mas não já para ter vida;
Se o pode haver ahi
Para a poder ter perdida,
Esse me dà tu a mi.

FAUNO.

Nas cousas que dão pezar,
Tristeza, pena, e tormento,
Nestas has tu de mostrar
Temperança e sofrimento,
Que o al não é de louvar:
Se agora padeces dor,
Ella se te irá minguando,
Cada vez será menor;
Ir-se-ha o tempo gastando
Leval-a-ha por onde for.

PERSIO.

Se dizes que é vaidade
Ter lembrança do perdido,
Vou sentindo que é verdade;
Mas quem viste tu esquecido
D'aquillo que dá saudade!

FAUNO.

Nos estremos sinalados
Se conhece toda a gente;
No perigo, os esforçados;
Que em bonança ser valente
Não é de animos ousados.
Crê-me, Persio amigo, a mi,
Que não ha maior vencer
Que vencer-se homem a si.

PERSIO.

Mal pode ser esquecida
A cousa mui desejada;

Lembrança n'alma imprimida
Não póde ser apartada,
Se se não aparta a vida.

FAUNO.

Passa teus males com tento
Se lhe queres achar cura,
Põe em al o pensamento,
Que o que parece sem cura
Ás vezes o cura tempo.
Resistir graves paixões
Vem de esforço e valentia,
Porque aos fracos corações
Falta-lhe a ousadia,
Nas maiores afflicções.

PERSIO.

Oh Fauno, que fará quem
Tem a alma posta no fio,
E não sabe em que se tem?

FAUNO.

Bem vejo que teu tormento
É grande: por isso ouso
Fallar-te claro e isento;
Que no animo sem repouso
Não ha claro entendimento.

PERSIO.

No tempo que eu mais penava,
Dormia a noute ao sereno;
Sustinha-me o que esperava;
Sobre uma cama de feno
Muitas vezes repousava:
Agora em nenhum logar
Acho descanço, nem vida
Para poder descançar;
Tenho a esperança perdida
Não me fica que esperar.

FAUNO.

Não tenhas o perigo em nada,
E passal-o-has, melhor;

Que a virtude esforçada
No grande medo e temor,
Se estima e é estimada;
Não te espante esta mudança
Que o tempo traz comsigo;
Traz o mal está a bonança;
Folga de viver, te digo,
Que quem vive tudo alcança.

PERSIO.

No campo sempre dormia;
Fugia do povoado;
Se alguma pena sentia,
Praticava–a com meu gado;
A ninguem mais a dizia;
Des que me este mal chegou,
Tamanho me pareceu,
Que o campo me enfastiou,
E o gado me aborreceu:
Aqui verás qual estou.

FAUNO.

Nenhum trabalho tão forte
Nesta vida é de sofrer,
Que o coração não suporte,
Nem ha mais certo morrer,
Que temer um homem a morte.

PERSIO.

Buscava sempre ribeiros
D'agua mui clara e fresca:
Alli antre os meus cordeiros,
Sohia dormir a sesta
Á sombra dos amieiros;
Se alguma hora alli vou ter,
Que cuidas que me parece?
Logar onde houve prazer
Não o posso agora ver;
Que por isto me aborrece.

FAUNO.

Não sintas tristeza tanta
Por tão pequeno cuidado;
Folga, pratica, e canta,
Que o coração esforçado
De poucas cousas se espanta:
Que se agora te alembrar
Tanto que te faças damno,
Deixa o tempo assi andar,
Que com a mudança do anno,
Tu verás tudo mudar.

PERSIO.

Se por palavras podera
Aqueste meu mal contar,
Pouca tristeza tivera;
Que o poder desabafar
Algum descanço me dera:
Mas crê que não póde ser,
Que é tão grande meu damno,
Que desejo ja de ver
De meu mal o desengano,
E nan'o posso fazer.

FAUNO.

Lança de ti se te vem,
Aquesta lembrança tal,
Persio, que não ha ninguem,
Que possa sofrer um mal
Sem se alembrar d'algum bem;
Deixa, deixa este cuidado
De que te ves combatido
E quando, mais atribulado,
Sê esforçado e sofrido,
Serás bem aventurado.

Joana guardando patas, á borda do rio.

Em quanto aquesto fazia
Joana, o seu gado andava

Por dentro da agua fria
Todo após quem o guiava.
Um pato grande era guia,
E todo junto em carreira,
Ora rio acima ia,
Ora na mesma maneira,
Ora rio abaixo descia.
Joana como assentou
A capella, foi co' a mão
A'cabeça, e attentou
Se estava em boa feição:
Não ficando satisfeita
Do que da mão presumia,
Partiu-se dalli direita
Pera onde o rio fazia
D'agua uma mansa colheita.
Chegando á beira do rio
As patas logo vieram
Todas uma, e uma, em fio,
Que toda a agua moveram;
E com pedras, e com brados
D'alli longe as enxotou.
Depois que ellas foram idas,
E que a agua assocegou,
Joana as abas erguidas
Entrar pol' agua ordenou;
E assentando-se, então
As sapatas descalçou,
E pondo-as sobre o chão
Por dentro d'agua entrou.
Dizem que naquesto meio
Se esteve Joana olhando,
E descobrindo o seu seio,
Olhou-se, e disse, um ai dando:
Eu guardo patas, coitada,
Não sei onde isto ha d'ir ter,
Mais era eu pera guardada,
Que concerto foi este ser
Formosa e mal empregada!

EXPLICAÇÃO. Os antigos escreviam em logar de *assim*, assi; de *mim*, mi; de *ahi*, hi; de *deixas*, leixas; de *por*, per; de *para*, pera; de *pelos*, *pelas*, polos, polas; de *não o não os*, *ou nan'os*, *nan'a*, não no, não na, não nos; de *este*, *esta*, *isto*, aquesto, aquesta, aquisto. O estylo deste poeta pecca ás vezes em repetições e trocadilhos de palavras, e dissonancia de alguns versos pelo encontro syllabico das mesmas consoantes, como *se senão*, *te tiverem*, *c'o que &c.*

GIL VICENTE

> *E vimos singularmente*
> *Fazer representações*
> *De estylo mui eloquente,*
> *De mui novas invenções,*
> *E feitas por Gil Vicente.*
>
> *G. de Rezende.*

Em quanto Bernardim Ribeiro introduzia em Portugal a poesia pastoril, Gil Vicente lançava os alicerces ao theatro lusitano. Todo dedicado ás musas e acclamado por seus contemporaneos o Plauto portuguez foi o divertimento da corte dos dous grandes reis D. Manoel e D. João 3.° Ainda alcançou na sua mocidade a el-rei D. João 2.°, de quem se recorda no seu primeiro Auto, na figura do pastor Gil, quando diz:

> Conociste a Juan domado,
> Que era pastor de pastores?
> Yo lo vi entre estas flores
> Com gran hato de ganado,
> Com su cayado real.

As suas composições poeticas reduzem-se a tres classes; 1.ª para celebrar a noute do Natal; 2.ª para festejar o nascimento de algum principe; e 3.ª para entreter a corte. Constam de Autos, Comedias, Tragicomedias, Farças, e obras miudas, em cinco livros. Em todas ellas se admira a naturalidade, graça e fluidez do dialogo; a elegancia

e galas do estylo, e sobre tudo as formas livres e faceis de uma poesia eminentemente nacional. Notam-lhe todavia os criticos falta de regularidade e nexo nos episodios; o apparecerem os interlocutores no theatro, fallarem simultaneamente em portuguez e hespanhol, e retirarem-se de todo quando o poeta assim quer que seja; em fim reunir pessoas, que viveram em differentes epochas, chamando á scena todos os patriarchas desde Adão ate Jesu Christo, os deoses da fabula e heroes da antiguidade, e fazendo-os fallar uns com os outros. Mas estas irregularidades, a que recorria de proposito, para fazer mais viva impressão no animo dos espectadores, symbolisando naquelles nomes as virtudes que distinguem os heroes, vem incobertas com milhares de caracteres pintados com tal verdade e exactidão, que só é concedida ao verdadeiro talento; manifestando-se em suas composições uma disposição meditada e tendente a um fim, e rasgos comicos, que revelam o mais profundo conhecimento do coração humano.

Com que facilidade se não sae do labyrintho em que o enreda o artificio de sua imaginação? Ignez Pereira, por exemplo, tem de passar de um marido zeloso e severo para outro condescendente? Cercada de espias, e afferrolhada em casa recebe carta do irmão que lhe diz:

> Sabei que indo
> Vosso marido fugindo
> Da batalha para a Villa,
> Meia legoa de Arzilla
> O matou um mouro pastor.

O seu principal empenho era fazer rir a corte com allusões a factos conhecidos e satyras indirectas encaminhadas a pessoas presentes. A propria corte não escapava dos seus picantes gracejos. Não poupava ninguem; e os frades e clerigos eram o principal alvo dos seus tiros. Por isso alli se veem retratados melhor que em nenhum dos nossos antigos escriptores os usos, os costumes, as crenças e superstições dos nossos maiores. Sabendo o que então convinha ao espirito publico, aos mysterios da religião juntava os heroismos do cavalleiro.

Se Gil Vicente, dizem os nossos litteratos, não deu á

nação portugueza a gloria da prioridade do drama moderno, ja inventado por outras nações, pelo menos pôl-a a par dellas em todos os generos conhecidos, excedendo a todos os seus contemporaneos na originalidade e interesse que sabia dar a suas variadas composições, e concebendo a idea de um theatro nacional. Assim pensava delle Garcia de Rezende, quando diz:

Elle foi quem inventou
Isto ca e o usou
Com mais graça e doutrina,
Posto que João del Enzina
O pastoril começou.

Mas os seus successores, copiando mais que corregindo os defeitos do seu modelo, e a eschola classica, que então appareceu em Portugal, representada pelos dous grandes poetas Sá de Miranda e Doutor Antonio Ferreira, cegos admiradores da douta antiguidade, fizeram que não chegasse a levantar-se o edificio de um theatro nacional. Se Gil Vicente viesse depois delles, teria sido por certo o fundador do nosso theatro e o verdadeiro Plauto portuguez.

Emfim o credito de Gil Vicente, e o favor que recebia da corte e do paço, não o livraram das privações da pobreza, ordinario patrimonio dos poetas, como elle mesmo o confessa, queixando-se da sua sorte mesquinha e do seu trabalho sem proveito, quando diz n'um dos seus Autos:

E um Gil... um Gil... um Gil,
Um que não tem ceitil,
Que faz os aitos a el-rei...
Aito cuido que dizia,
Assi cuido que é,
Mas não ja aito bofé,
Como os aitos que fazia
Quando elle tinha com que.

Que o medrar
Se estivera em trabalhar,
Ou valera o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar e que leixar.

Versos conceituosos, satyricos, e proverbiaes.

AGGRAVOS.

Aggravos que não tem cura
Procurae de os esquecer;
Que impossivel é vencer
Batalha contra ventura
Quem ventura não tiver.

MAL PASSADO.

Grande bem se não me enleio,
É lembrar o mal passado
Depois de ser acabado;
Porem eu que estou no meio,
Vivo mais desesperado.

FALLAR.

Nunca o fallar descortez
Aproveitou para nada.

LOUCOS.

Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu;
Uma ter pouco siso de seu,
A outra, que esse que tem
Não lhe presta mal, nem bem:
E a terceira
Que endoudece em gran maneira.

OBRAS.

Julgae pelas obras, e não pela cor;
Sereis bons juizes.

JUIZES.

Quer dizer este matiz
Antre os primeiros que traz:
Não é sisudo o juiz,
Que tem geito no que diz,
E não acerta o que faz.

MODERAÇÃO.

Cada um se ha de regrar
Em pedir o que é razão.

VIDA.

Quem longa vida deseja,
Deseja ver-se enganar,
Pois que lhe vejo chamar

Vida, não que vida seja,
Senão a modo de fallar;
E pois no triste acabar
Se começa o desengano,
Não sei quem vae desejar
Que dure vida de engano.

ESCOLHAS.

Quem bem tem e mal escolhe,
Por mal que lhe venha não se anoje.

CUBIÇA.

Quero-vos aconselhar
Que façaes grande thesouro
Antes de fama que d'ouro;
E tende o muito cubiçar
Por agouro.

EXPERIENCIA.

Sobre quantos mestres são
Experiencia dá lição.

VERÃO.

Ó verão, verão, verão!
Verão os que te olharem
Teus misterios quantos são;
E se bem te contemplarem,
Como a Deus adorarão.

CORTEZIA.

Muito damna o máo fallar,
E aproveita a cortezia.

CALAR.

Mãe, dos homens é fallar,
E das mulheres ouvir,
E do bom siso calar,
E da prudencia sentir
O que nos pode damnar.

DISSIMULADOS.

Não julgueis vós pela cor,
Porque em al vae o engano;
Ca dizem que sob o máo panno
Está o bom bebedor.

ORAÇÃO.

A justiça e boa petição
Traz bom despacho comsigo;

Mas bento é o varão,
Que reza com coração,
E com alma e com sentido.

PAZ.

Quem não quer guerra comsigo
Tenha sempre paz com Deus,
E não temerá perigo.

REZAR.

Nem cuideis que arrecadaes,
Por rezar muita oração,
Se no coração estáes
Fora de contemplação.

COMPANHIA.

É melhor que vamos sós,
Que não mal acompanhados

POBREZA.

Pobreza e alegria,
Nunca dormem n'uma cama.

PRESUMPÇOSOS.

E cada um sabe o que monta
Nas estrellas que olhou;
E ao moço que mandou,
Não lhe sabe tomar conta
D'um vintem que lhe entregou.

CONSELHOS.

Diz la o exemplo velho:
Dá-me tu a mim dinheiro,
E dá ao demo o conselho.

COMER.

Não temos hoje prazer;
Que na festa sem comer,
Nã ha hi gaita temperada.

TEMPO.

Quem tem tempo e espera tempo,
Tem maré e espera maré,
Tem vento e espera vento,
Não teve conhecimento,
Da fortuna que cousa é.

VENTURA.

Deixar-te quero á ventura
Que ás vezes o tempo cura
O que a razão não sara.

DESCUIDOS.

Que erro para doer,
Grande pena em demasia,
Quando homem vê perder
O bem que podera haver,
E o deixou de dia em dia.

AMIGOS.

Olhade, mulher de bem,
Dizem que em tempo de figos
Não ha hi nenhuns amigos,
Nem os busque então ninguem.

QUEM NÃO APPARECE ESQUECE.

Da qui vem
Que quem não pede não tem,
E quem espera padece,
E quem não parece esquece,
Porque não lembra a ninguem.

CANTIGAS.

Se olhardes as cantigas
Do prazer acostumado,
Todas tem som lamentado
Carregado de fadigas,
Longe do tempo passado.

CASAR.

Porem o meu parecer
É que o ditoso casar
Está mais em acertar,
Que em sabel-o escolher.

ESTUPIDEZ.

Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios,
Que querermos por signaes
Metter cousas divinaes
Nas cabeças dos bugios.

CLERIGOS E FRADES.

Vê que clerigos e frades
Já não tem ao céo respeito,
Mingúa-lhes as santidades,
E cresce-lhes o proveito.

FALLA DE BERZEBUT.

Bentos aquelles e aquellas

Que só tres avemarias
Os enfadam nas capellas,
E folgam de ouvir novellas,
Que durem noutes e dias.
 Adiante vá a mulher,
Que não crê senão patranhas,
E reza sempre ás aranhas,
E não crê o que ha de crer,
E adora as tartaranhas.

Graça com que um devedor pede a sua divida.

 Nossa conta è tão pequena,
E ha tanto que é devida,
Que morre de promettida,
E peço-a já com tanta pena,
Que depeno a minha vida.

Com que sal não censura a elrei a nomeação de máos juizes? O porteiro annunciando a audiencia do juiz da Beira diz:

 Quem quizer hoje este dia
Ver máo pesar do seu feito,
Não tarde uma avemaria.
Tal juiz em tal logar
Parece couza de riso.
Porem que me dá a mi disso
Bem julgar, nem máo julgar?
Quem faz juiz um vaqueiro!...

Fragmento do Auto da Fé, representado a elrei D. Manoel nas matinas do natal, no quál, entrando na capella dous pastores simples, e maravilhados no pontifical de todas aquellas couzas, entra a Fé, que lhe declara a significação dellas. Os pastores fallam espanhol, e a Fé portuguez.

FÉ.

Vós outros que demandaes?

BRAZ.

Nós outros o que queremos?
Se a nós o perguntaes,

Nós outros não o sabemos.

FÉ.

A divinal claridade
Seja em vosso entendimento,
E vos dê conhecimento
De sua natividade.

BRAZ.

Mas quem és tu, ou quem serás?

FÉ.

Pastores, eu sam a Fé.

BRAZ.

Abrenuncio Satanaz!
Fá, ou fé não sei o que é.

FÉ.

Fé é crer o que não vemos,
Pela gloria que esperamos;
Amar o que não comprehendemos,
Nem vemos, nem conhecemos,
Para que salvos sejamos.

BRAZ.

Cada vez entendo menos

FÉ.

Fé é amar a Deus, so por elle,
Quanto se pode amar,
Por ser elle singular,
Não por interesse delle:
E se mais quereis saber,
Crer na Madre Igreja sancta,
E cantar o que ella canta,
E querer o que ella quer.

BENTO.

O que pergunta não erra:
Que é aquella encruzilhada,
Que alli está tão estirada
Que nem roble em longa serra?

FÉ.

A quella é a arvore da vida.

BRAZ.

E que faz alli aquelle homem
Posto, e com a côr perdida?

FÉ.

A quella é a cruz preciosa,
Para sempre esclarecida,
Para os perigos desta vida,
E nào da salvação nossa.
O homem se chama Jesus,
Messias, rei, salvador,
Deus e homem, Redemptor,
Não sei se o entendes tu,
Deus é seu nome maior.

BRAZ.

Mas que noute será esta?

FÉ.

É noute do nascimento,
Em que Deus mostrou seu dia;
É noute de gran memoria,
Noute em dia convertida,
Escuridão consumida
Com gran resplandor de gloria,
No meio mais lumiosa
Que no mundo nunca viste,
E de escura, fria e triste,
A mais doce e gloriosa.

Oh noute favorecida
De memoravel coroa,
Vista de Deus em pessoa,
Começando humana vida!
Dos anjos toda cercada,
Dos elementos servida,
Do padre e filho escolhida,
Do Spirito sancto espirada!

BRAZ.

Não entendo, não.

FÉ.

Haveis de crer firmemente
Tudo quanto vos disser
Os que salvos quereis ser
Na questa vida presente:
Crede o sancto nascimento,
Ser Deus da virgem nascido,

Verbo de Deus concebido,
Para novo testamento.

E que a Virgem gloriosa
Ficou tal como nasceu:
E sem dor appareceu
A nossa flôr preciosa,
Deus em toda a perfeição,
Homem para padecer,
E tirar a Luciféc
Toda sua jurisdição.

BRAZ.

Ha quantos annos nasceu?

FÉ.

Mil quinhentos e dez.

BRAZ.

E nasce agora outra vez?

FÉ.

Tanto monta se agora
Contemplamos aquella hora
Como se agora passára.

Pastor, faze tu assi:
Começa de imaginar
Que vês a virgem estar
Como se estivesse ahi:
E esta virgem mui ornada,
De pobreza guarnecida,
De raios esclarecida,
De joelhos humilhada:

E que ves diante della
Um menino então nascido,
Filho de Deus concebido
Na quella sancta donzella.
Vê o menino chorar,
E a senhora affligida,
Sem ter couza nesta vida,
Nem pannos para o pensar:

Na mangedoura mettido

Em pobre palha chorando,
E os anjos embalando
O menino entanguecido.

BRAZ.

Porque nasceu tão pobre?

FÉ.

Por mostrar que a pobreza
Actual e espiritual
É o toque principal,
Da celestial riqueza:
Porque é porta da humildade,
Caminho da paciencia,
Horto da sancta prudencia,
Esteio da sanctidade.

É abrigo dos cuidados,
E de mundanas mudanças,
Fôrra de vãs esperanças
Dos homens desesperados.
Da fortuna vencedora
D'adversidades isenta,
Náo segura na tormenta,
Que tem porto cada hora.

Por tanto a virgem real,
Por geração generosa,
Foi a mais pobre e humildosa
De todo o genero humanal.
E assi o verbo do Padre
Ecce ancilla concebido
Pobre humilde foi nascido,
Bem parecido á madre.

Sentindo nossa miseria,
Chorava o sancto menino,
Cuberto, occulto o divino
Da quella fraca materia;
E porque elle é dado a nós,
Cujo imperio é eternal,
Faz esta corte real
A festa que vedes vós.

Fragmento do Auto de Mofina Mendes, representado a elrei D. João 3.º nas matinas do natal em 1534.

PROLOGO, UM FRADE.

Mandáram-me aqui subir
Neste sancto amphitheatro,
Para aqui introduzir
As figuras que hão de vir
Com todo seu apparato.
É de notar,
Que haveis de considerar
Isto ser contemplação
Fóra da historia geral,
Mas fundada em devoção.

A qual obra é chamada
Os mysterios da Virgem;
Que entrará accompanhada
De quatro Damas, com quem
De menina foi criada.
A uma chamam Pobreza,
Outra chamam Humildade;
Damas de tanta nobreza,
Que tod'alma que as préza
É morada da Trindade.

À outra, terceira dellas,
Chamam Fè por excellencia;
À outra chamam Prudencia.
E virá a Virgem com ellas,
Com mui fermosa apparencia.
Será logo o fundamento
Tractar de saudação,
E depois deste sermão,
Um pouco do nascimento;
Tudo per nova invenção.

Neste passo entra nossa Senhora, vestida como rainha e com as ditas donzellas, e diante quatro anjos com musi^a, e depois de assentadas, começam cada uma de estudar por seu livro, e diz a

VIRGEM.

Que lêdes, minhas criadas?
Que achaes escripto hi?

PRUDENCIA.

Senhora, eu acho aqui
Grandes couzas innovodas,
E mui altas pera mi.
Aqui a Sibylla Cimeria
Diz que Deus será humanado
De uma virgem sem peccado;
Que é profunda materia
Para meu fraco cuidado.

POBREZA.

Eruthea profetiza
Diz aqui tambem o que sente:
Que nascerá pobremente,
Sem cueiro, nem camiza,
Nem couza com que se aquente.

HUMILDADE.

E o propheta Isaias
Falla nisso tambem ca:
Eis a Virgem conceberá,
E parirá o Messias,
E frol virgem ficará.

FÉ.

Cassandra d'elrei Priámo
Mostrou essa rosa frol
Com um menino a par do sol
A Cesar Octaviano,
Que o adorou por Senhor.

PRUDENCIA.

Sarça, que no ermo estava,
Sem lhe pôr lume ninguem;
O fogo ardia mui bem,
E a sarça não se queimava.

FÉ.

Significa a Madre de Deus :
Esta sarça é ella só ;
E a escada que viu Jacob ,
Que subia aos altos ceos ,
Tambem era de seu voo.

PRUDENCIA.

É tão zeloso o Senhor ,
Que quererá seu estado
Dar ao mundo per favor ,
Por uma Eva peccador ,
Uma virgem sem peccado.

VIRGEM.

Oh ! se eu fosse tão ditosa
Que com estes olhos visse
Senhora tão preciosa ,
Thesouro da vida nossa ,
E por escrava a servisse ?
Que onde tanto bem se encerra ,
Vendo-a ca entre nós ,
Nella se verão os ceos ,
E as virtudes da terra ,
E as moradas de Deus.

(Neste passo entra o anjo Gabriel , dizendo :)

GABRIEL.

Oh ! Deus te salve , Maria ,
Cheia de graça graciosa ,
Dos peccadores abrigo !
Gosa-te com alegria ,
Humana e divina rosa ,
Porque o Senhor é comtigo.

VIRGEM.

Prudencia , que dizeis vós ?
Que eu muito turbada sam ;
Porque tal saudaçam
Não se costuma antre nós

PRUDENCIA.

Pois que é auto do Senhor ,
Senhora , não esteis turbada ;

Tornae em vossa color,
Que, segundo o embaixador,
Tal se espera a embaixada.

GABRIEL.

Ó Virgem, se ouvir me queres,
Mais te quero inda dizer
Benta es tu em mereceres
Mais que todas as mulheres,
Nascidas, e por nascer.

VIRGEM.

Que dizeis vós, Humildade;
Que este verso vae mui fundo,
Porque eu tenho por verdade
Ser em minha calidade
A menos couza do mundo

HUMILDADE.

O anjo, que dá o recado,
Sabe bem disso a certeza.
Diz David no seu tractado,
Qu' esse sp'rito assi humilhado
He couza que Deus mais préza.

GABRIEL.

Alta Senhora, sab'ras,
Que tua santa humildade
Te deu tanta dignidade,
Que um filho conceberás
Da divina Eternidade.
Seu nome, será chamado
Jesu e Filho de Deus;
E o teu ventre sagrado
Ficará horto cerrado;
E tu — Princeza dos Ceos.

VIRGEM.

E aquelle que occupa o mar,
Enche os céos e as profundezas,
Os orbes e redondezas;
Em tão pequeno logar
Como poderá estar
A grandeza das grandezas!

GABRIEL.

Porque tanto isto não pezes,

Nem duvides de querer,
Tua prima Elisabeth
É prenhe, e de seis meses,
E tu senhora, has de crer,
Que tudo a Deus è possivel,
E o que é mais impossivel,
Lhe é o menos de fazer.

VIRGEM.

Anjo perdoae-me vós,
Que com a fé quero fallar.
Pedirei signal dos ceos.

FÉ.

Senhora, o poder de Deus
Não se ha de examinar,
E nem deveis de duvidar,
Pois sois delle tão querida.

GABRIEL.

E de abinicio escolhida:
E manda-vos convidar;
Para madre vos convida.

VIRGEM.

Faça-se sua vontade
No que sua Divindade
Mandar que seja de mi,
E de minha liberdade

PRUDENCIA.

Louvae anjos do Senhor,
Ao Senhor das altezas,
A todalas profundezas,
Louvae vosso creador
Com todas suas grandezas.

VIRGEM.

Louvae o Senhor dos ceos,
Louvae-o, agua das aguas,
Que sobre o ceo sois firmadas;
E louvae o Senhor Deus,
Relampagos e trovoadas.

S. JOSÉ.

Não vos anojeis, Senhora,
Pois estaes em terra alheia,
Ser o parto sem candeia,

Porque as gentes d'agora
São de mui perversa veia.
Todos dormem a prazer,
Sem lhe vir pela memoria
Que por fôrça hão de morrer
E não querem accender
A sancta vela da glória.

HUMILDADE.

Deviam ter piedade
Da Senhora peregrina,
Romeira da christandade,
Que está nesta escuridade,
Sendo Princeza divina,
Pera exemplo dos senhores,
Pera lição dos tyrannos,
Pera espelho dos mundanos,
Pera lei aos peccadores,
E memoria dos enganos.

FÉ.

Não fica por lh'o prégar,
Não fica por lh'o dizer,
Não fica por lh'o rogar;
Mas não querem acordar,
Com pressa de adormecer.
Delles fazem que não ouvem,
E elles ouvem muito bem;
Delles fazem que não vem,
E delles que não entendem
O que vae nem o que vem.
Sem memoria nem cuidado
Dormem em cama de flores,
Feita de prazer sonhado:
Seu fogo tão apagado
Como em choça de pastores;
A vossa divina vela,
Vossa eterna candeia,
Feita de cera mais bella,
Em cidade nem aldeia
Não ha hi lume para ella.
Todo o mundo está mortal,
Posto em tão escuro porto

De uma cegueira geral,
Que nem fogo, nem signal,
Nem vontade: tudo é morto.

VIRGEM.

Prudencia, i vós co'ella,
Que nas horas ha hi mudança:
E accendei ess'outra vela,
Que se chama da esperança,
E lhes convem accendêl-a.
E dizei-lhe que o pavio
Desta vela é a salvação,
E a cera o poderio
Que tem o livre alvedrio,
E o lume a perfeição.

S. JOSÉ

Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios,
Que querermos por signaes
Metter couzas divinaes
Nas cabeças dos bugios.
Mandae-lhe accender candeias,
Que chamem ouro e fazenda,
E vereis bailar baleias;
Porque irão tirar das veias
O lume com que se accenda.
E á gente religiosa
Mandae-lhes velas bispaes:
A cera, de renda grossa;
Os pavios, de casaes;
E fogo não porão grosa.

PRUDENCIA.

Senhora a meu parecer,
Para esta escuridade
Candeia não ha mister;
Que o Senhor qu'ha de nascer
É a mesma claridade;
É profetizado a nós,
E agora se ha de cumprir;
Pois para que é ir e vir,
Buscar lume para vós,
Pois lume haveis de parir?

Nem deveis de estar afflicta,
Para lhe guizar manjar;
Porque é fartura infinita,
É chamado *Panis vita*,
Não tendes que desejar.
E se para seu nascer
Tão pobre casa escolheu,
Não vos deveis de doer,
Porque onde elle estiver
Está a côrte do Ceo.
Se cueiros vos dão guerra,
Que os não tendes por ventura,
Não faltará cobertura
A quem os ceos e a terra
Vestiu de tal formosura.

Fragmento do Auto da Alma representado á rainha D. Leonor e a seu irmão elrei D. Manoel em a noute de endoenças em 1508.

ANJO.

Alma humana formada,
De nehuma cousa feita
Mui preciosa,
De corrupção separada,
E esmaltada
Naquella fragoa perfeita
Gloriosa;
Planta neste valle posta
Pera dar celestes flores
Olorosas,
E para serdes tresposta
Em a alta costa
Onde se criam primores
Mais que rosas;
Planta sois e caminheira,
Que ainda que estaes, vos
Donde viestes.
Vossa patria verdadeira
É ser herdeira

Da glória que conseguis :
Andae prestes.
Alma bem-aventurada ,
Dos anjos tanto querida
Não durmaes ;
Um ponto não esteis parada ,
Que a jornada
Muito em breve é fenecida ,
Se attentaes.

ALMA.

Anjo que sois minha guarda ,
Olhae por minha fraqueza
Terreal :
De toda a parte haja resguarda,
Que não arda
A minha preciosa riqueza
Principal.
Cercae-me sempre ao redor ,
Porque vou muito temerosa
Da contenda.
O' precioso defensor
Meu favor !
Vossa espada lumiosa
Me defenda.
Tende sempre mão em mim ,
Porque hei medo de empeçar ,
E de cahir.

ANJO.

Pera isso sam , e a isso vim ;
Mas emfim
Cumpre-vos de me ajudar
E resistir
Não vos occupem vaidades,
Riquezas , nem seus debates.
Olhae por vós ;
Que pompas , honras , herdades
E vaidades ,
São embates e combates
Pera vós.
Vosso livre alvedrio ,
Isento , fôrro , poderoso ,

Vos é dado
Polo divinal poderio
E senhorio,
Que possaes fazer glorioso
Vosso estado.
Deu-vos livre entendimento,
E vontade libertada
E a memória,
Que tenhaes em vosso tento
Fundamento,
Que sois por elle criada
Pera a glôria.
E vendo Deus que o metal
Em que vos poz a estillar,
Pera merecer,
Que era muito fraco e mortal:
E por tal
Me manda vos ajudar
E defender.
Andemos a estrada nossa;
Olhae não torneis atraz
Que o imigo
Á vossa vida gloriosa
Porá grosa.
Não creaes a Satanaz,
Vosso perigo.

DIABO.

Tão depressa, ó delicada
Alva pomba, para onde is?
Quem vos engana,
E vos leva tão cansada
Por estrada,
Que somente não sentis
Se sois humana?
Não cureis de vos matar,
Que ainda estaes em edade
De crescer
Tempo ha hi para folgar,
E caminhar:
Vivei á vossa vontade,
E havei prazer.

Gozae, gozae dos bens da terra
Procurae por senhorios
E haveres.
Quem da vida vos desterra
Á triste serra?
Quem vos falla em desvarios
Por prazeres?
Esta vida é descanso
Doce e manso
Não cureis d'outro paraizo:
Quem vos põe em vosso siso
Outro remanso?

ALMA.

Não me detenhaes aqui,
Deixae-me ir, que em al me fundo.

DIABO.

Oh descansae neste mundo,
Que todos fazem assim.
Não são em balde os haveres,
Não são em balde os deleites,
E fortunas;
Não são de balde os prazeres
E comeres:
Tudo são puros affeites
Das criaturas.

ANJO.

Oh! andae quem vos detem
Como vindes para a gloria
De vagar!
Oh meu Deus! oh summo bem
Ja ninguem
Não se presa da victoria
Em se salvar.
Ja cançaes alma preciosa?
Tão azinha desmaiaes?
Sede esforçada!
Oh como virieis trigosa
E desejosa,
Se visseis quanto ganhaes
Nesta jornada!
Caminhemos, caminhemos;

Esforçae ora, alma sancta
Esclarecida!

DIABO. Que vaidades e que extremos
Tão supremos!
Pera que é essa pressa tanta?
Tende vida.
Is muito desautorisada,
Descalça, pobre, perdida
De remate;
Não levaes de vosso nada,
Amargurada.
Assi passaes esta vida
Em disparate.
Vesti ora este brial,
Mettei o braço por aqui:
Ora esperae.
Oh como vem tão real!
Isto tal
Me parece bem a mi:
Ora andae.
Uns chapins haveis mister
De Valença: — eilos aqui.
Agora estaes vós mulher
De parecer.
Ponde os braços presumptuosos:
Isso si.
Passeae-vos mui pomposa,
Daqui para alli, e de lá para cá,
E fantasiae.
Agora estaes vós fermosa
Como a rosa;
Tudo vos mui bem está.
Descançae.

ANJO. Que andaes aqui fazendo?

ALMA. Faço o que vejo fazer
Pelo mundo.

ANJO. Ó alma, is-vos perdendo;
Correndo vos is metter
No profundo.
Quanto caminhaes á vante;
Tanto vos tornaes atráz

E atravez
Tomastes ante com ante
Por mercante,
O cossairo Satanaz,
Porque querês.
Oh! caminhae com cuidado,
Que a Virgem gloriosa
Vos espera.
Deixaes vosso principado
Desherdado!
Engeitaes a gloria vossa
E patria vera!
Deixae esses chapins ora,
E esses rabos tão sobejos,
Que is carregada:
Não vos tome a morte agora
Tão senhora;
Nem sejaes com taes desejos
Sepultada.

ALMA. Andae, dae-me ca essa mão;
Andae vós, que eu irei,
Quanto puder.

DIABO. O ouro para que é,
E as pedras preciosas,
E brocados?
E as sedas para que?
Tende por fé,
Que pára as almas mais ditosas
Foram dados.
Vedes aqui um collar
D'ouro mui bem esmaltado,
E dez anneis.
E poreis estes pendentes,
Em cada orelha seu:
Isso si;
Que as pessoas diligentes
São prudentes.
Agora vos digo eu
Que vou contente d'aqui.

ALMA. Oh como estou preciosa,
Tão dina para servir,

E sancta pera adorar!

ANJO. Oh alma despiedosa
Perfiosa!
Quem vos devesse fugir,
Mais que guardar!
Pondes terra sobre terra;
Que esses ouros terra são.
O senhor,
Porque permittes tal guerra,
Que desterra
Ao reino da cofusão
O teu lavor?
Não ieis mais despejada,
E mais livre da primeira
Pera andar?
Agora estaes carregada
E embaraçada
Com couzas que, á derradeira,
Hão de ficar.
Tudo isso se descarrega
Ao porto da sepultura.
Alma sancta, quem vos cega,
Vos carrega
Dessa vã desaventura?

ALMA. Isto não me peza nada,
Mas a fraca natureza
Me embaraça.
Ja não posso dar passada
De cançada:
Tanta é minha fraqueza,
E tão sem graça!
Senhor, ide-vos embora,
Que remedio em mim não sento;
Ja estou tal......

ANJO. Sequer dae dous passos óra
Até onde mora
A que tem o mantimento
Celestial.

ALMA. É longe?

ANJO. Aqui mui perto,
Esforçae, não desmaieis;

E andemos,
Que alli ha todo concerto
Mui certo:
Quantas couzas querereis
Tudo tendes.
A hospeda tem graça tanta,
Far-vos-ha tantos favores.....

ALMA. Quem é ella?

ANJO. É a Madre Igreja sancta,
E os seus sanctos doutores.

DIABO. Esperae, onde vos is?
Essa pressa tão sobeja
É ja pequice.
Olhae por vossa fazenda:
Tendes umas escripturas
De uns casaes,
De que perdeis grande renda.
É contenda,
Que leixaram ás escuras
Vossos paes;
É demanda mui ligeira,
Litigios que são vencidos
Em um riso.
Citae as partes terça feira,
De maneira
Como não fiquem perdidas:
E havei siso.

ALMA. Cal-te por amor de Deus,
Leixa-me não me persigas;
Bem abasta
Estorvares os hereos
Dos altos ceos:
Que a vida em tuas brigas
Se me gasta.

ANJO. Vedes aqui a pousada
Verdadeira e mui segura
A quem quer a vida.

ALMA. Conheço-me por culpada,
E digo diante de vós
Minha culpa.
Senhora, quero pousada,

Dae passada ;
Pois que padeceu por nós
Quem nos desculpa.
Mandae-me ora agasalhar,
Capa dos desemparados,
Igreja Madre.
Soccorrei-me, hospeda senhora,
Que a mão de Satanaz
Me tocou.

Fragmento do Auto da Barca do Inferno.

DIABO. Á barca, á barca, hou lá,
Que temos gentil maré.
Á barca, á barca, hu!
Asinha, que se quer ir.
Oh que tempo de partir!
Louvores a Berzebu.
Ó precioso Dom Anrique!
Ca vindes vós? Que couza é esta?
FIDALGO. Esta barca onde vae ora,
Qu'assim está apercebida?
DIABO. Vae para a ilha perdida,
E ha de partir logo essa hora.
FIDALGO. Porem a que terra passaes?
DIABO. Para o inferno, senhor.
FIDALGO. Terra é bem sem sabor.
DIABO. Que! e tambem cá zombaes?
FIDALGO. E passageiros achaes
Pera tal habitação?
DIABO. Vejo-vos eu em feição
Pera ir ao nosso caes.
FIDALGO. Parece-te a ti assi.
DIABO. Em que esperaes ter guarida?
FIDALGO. Que deixo na outra vida

ERRATA. A pag. 29 em vez de 1355 é 1367.— A pag. 44 em vez de = Mas no bem querer, é : Mas no grande bem querer.— A pag. 49 em vez de = Ora rio abaixo descia, é : O rio abaixo descia.— A pag. 69 o verso 31 é : Que ainda que estaes, vos is.— A pag. 72 linha 37 em vez de *trigora* é trigosa ; e linha 38 em vez de drigora é desejosa.

Qem reze sempre por mi.

DIABO. Quem reze sempre por ti?
Hi hi hi hi hi hi hi.
E tu tiveste a teu prazer,
Cuidando cá guarecer,
Porque rezam la por ti?
Embarca, ou embarcae,
Qu'haveis hir á derradeira.
Mandae metter a cadeira,
Qu'assi passou vosso pae.

FIDALGO. Que, que, que! e assi lhe vae?

DIABO. Vae ou vem, embarcae prestes:
Segundo lá escolhestes,
Assi cá vos contentae.
Pois que ja a morte passastes,
Haveis de passar o rio.

FIDALGO Não ha aqui outro navio?

DIABO. Não senhor, que este fretastes,
E ja quando espirastes,
Me tinheis dado signal,

FIDALGO. Que signal foi esse tal?

DIABO. Do que vós vos contentastes.

FIDALGO. A est'outra barca me vou.
Hou da barca! pera onde is?
Ah barqueiros não me ouvis?
Respondei-me. Hou lá, hou!

ANJO. Que mandaes?

FIDALGO. Que me digaes.
Se a barca do paraizo
É esta em que navegaes.

ANJO. Esta é; que lhe buscaes?

FIDALGO. Que me leixeis embarcar:
Sou fidalgo de solar,
É bem que me recolhaes.

ANJO. Não se embarca a tyrannia
Neste batel divinal.

FIDALGO. Não sei porque haveis por mal
Qu' entre minha senhoria.

ANJO. Para vossa fantasia
Mui pequena é esta barca.

FIDALGO. Para senhor de tal marca

Não ha hi mais cortezia ?
Venha a prancha e o atavio
Levae-me desta ribeira.

ANJO. Não vindes vós de maneira
Pera entrar neste navio.
E'ssoutro vae mais vazio,
A cadeira entrará,
E o rabo caberá,
E todo vosso senhorio.
Ireis lá mais espaçoso,
Vós e vossa senhoria,
Contando da tyrannia,
De que ereis tão curioso.
E porque de generoso
Desprezastes os pequenos;
Achar-vos-heis tanto menos,
Quanto mais fostes fumoso.

DIABO. Á barca, á barca, senhores!
Oh que maré tão de prata ?
Hum ventosinho que mata,
E valentes remadores.

FID. Ao Inferno todavia!
Inferno ha hi pera mi ?
Oh triste! que em quanto vivi,
Nunca cri que o hi havia;
Tive qne era fantasia;
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado,
E não vi que me perdia.
Venha essa prancha, e veremos
Esta barca de tristura.

DIABO. Embarque vossa doçura,
Que ca nos entenderemos.
Tomareis um par de remos,
Veremos como remaes;
E chegando ao nosso caes,
Nós vos desembarcaremos.

FID. Mas esperae-me aqui;
Tornarei á outra vida
Ver minha dama querida,
Que se quer matar por mi.

DIABO. Que se quer matar por ti?
FID. Isto bem certo o sei eu.
DIABO. Ó namorado sandeu,
O maior que nunca vi!
FID. Era tanto seu querer,
Que m'escrevia mil dias.
DIABO. Quantas mentiras que lias,
E tu morto de prazer!
FID. Pera que é escarnecer,
Que não havia mais no bem?
DIABO. Assim vivas tu amen,
Como te tinha querer.
FID. Isto quanto o que eu conheço.
Dá-me licença, te peço,
Que va ver minha mulher.
DIABO. E ella por não te ver
Despenhar-s'ha d'hum cabeço.
Quanto ella hoje rezou
Antre seus gritos e gritas,
Foi dar glorias infinitas
A quem na desabafou.
FIDALGO. Cant'a ella bem chorou.
DIABO. E não ha hi chôro d'alegria?
FIDALGO. E as lástimas que dizia!
DIABO. Sua mãe lh'as ensinou.
Entrae, meu senhor, entrae;
Venha a prancha, ponde o pé.
FIDALGO. Entremos, pois que assi é.
DIABO. Ora agora descançae,
Passeae e suspirae,
Em tanto virá mais gente.
FIDALGO. Ó barca como ès ardente!
Maldito quem em ti vae!

Fragmento da tragicomedia, exhortação da guerra, representada a el-rei D. Manoel em 1513 na partida de D. Jaimes duque de Bragança para Azamor.

Um clerigo conjurando Satanaz e mais demonios, diz-lhe, quando estes lhes apparecem:

CLERIGO. Minha mercê manda e ordena
Que tragaes logo essas horas
Diante destas Senhoras
A Troiana Policena,
Muito bem ataviada
E concertada,
Assi linda como era.

POLICENA Senhores Guerreiros guerreiros,
E vós Senhoras guerreiras,
Bandeiras e não gorgueiras
Lavrae pera os cavalleiros.
Que assi nas guerras Troianas
Eu mesma e minhas irmans
Teciamos os estandartes,
Bordados de todas partes
Com divisas mui louçans.
Com cantares e alegrias
Davamos nossos collares,
E nossas joias a pares
Per essas capitanias.
Renegae dos desfiados,
E dos pontos enlevados:
Destrua-se aquella terra
Dos perros arrenegados.
Oh quem viu Pantisilea
Com quarenta mil donzellas
Armadas como as estrellas
No campo de Palomea!

PANTASILEA. Oh famoso Portugal,
Conhece teu bem profundo.
Pois até ó pólo segundo
Chega o teu poder real.
Avante, avante, Senhores,
Pois que com grandes favores
Todo o ceo vos favorece:
El-Rei de Fez esmorece,
E Marrocos dá clamores.
Oh! deixae de edificar
Tantas camaras dobradas,
Mui pintadas e douradas,
Que é gastar sem prestar.

Alabardas, alabardas!
Espingardas, espingardas!
Não queiraes ser Genoezes,
Senão muito Portuguezes,
E morar em casas pardas.
  Cobrae fama de ferozes,
Não de ricos, qu'é p'rigosa;
Dourae a patria vossa
Com mais nozes que as vozes.
Avante, avante, Lisboa!
Que por todo o mundo soa
Tua próspera fortuna:
Pois que fortuna t'enfuna,
Faze sempre de pessoa.
Achilles, que foi daqui
De perto desta cidade,
Chamae-o dirá a verdade,
Se não quereis crer a mi.

ACHILLES. Eu Achilles fui creado
Nesta terra muitos dias,
E sam bem aventurado
Ver este reino exalçado
E honrado per tantas vias.
O nobres seus naturaes.
Por Deus não vos descuideis;
Lembre-vos que triumphaes:
Ó prelados, não dormaes,
Clerigos não murmureis.
  Quando Roma a todas velas
Conquistava toda a terra,
Todas donas e donzellas
Davam suas joias bellas
Pera manter os da guerra.
O pastores da Egreja,
Moura a seita de Mafoma,
Ajudae a tal peleja,
Que açoutados vos veja,
Sem apellar para Roma.
  Deveis de vender as taças,
Empenhar os breviairos,
Fazer vasos das cabaças,

E comer pão e rabaças,
Por vencer vossos contrairos.

ACHILLES. Se viesse aqui Annibal
E Heitor e Scipião,
Vereis o que vos dirão
Das couzas de Portugal
Com verdade e com razão.

ANNIBAL. Deveis, Senhores, esperar
Em Deus que vos ha de dar
Toda Africa na vossa mão.
Africa foi de Christãos,
Mouros vo-la tem roubada.
Capitães ponde-lh'as mãos,
Que vós vireis mais loução
Com famosa nomeada.
Ó Senhoras Portuguezas,
Gastae pedras preciosas,
Donas, Donzellas, Duquezas,
Que as taes guerras e emprezas
São propriamente vossas.
É guerra de devoção,
Per honra de vossa terra,
Commettida com razão,
Formada com discrição
Contra aquella gente perra.
Fazei contas de bugalhos,
E perlas de camarinhas,
Firmaes de cabeças d'alhos;
Isto si, Senhoras minhas,
E esses que tendes dae-lh'os
Oh! que não honrão vestidos,
Nem mui ricos atavios,
Mas os feitos nobrecidos;
Não briaes d'ouro tecidos
Com trepas de desvarios:
Dae-os pera capacetes.
E vós, Priores honrados,
Reparti os Priorados
A Suiços e soldados,
Et centum pro uno accipietis.
A renda que apanhaes

O melhor que vós podeis,
Nas egrejas não gastaes,
Aos pobres pouco daes,
E não sei que lhe fazeis.
Dae a terça do que houverdes,
Pera Africa conquistar,
Com mais prazer que puderdes;
Que quanto menos tiverdes,
Menos tereis que guardar.
Ó senhores cidadãos,
Fidalgos e Regedores,
Escutae os atambores
Com ouvidos de christãos.
E a gente popular
Avante! não refusar.
Ponde a vida e a fazenda,
Porque para tal contenda
Ninguem deve recear.

Fragmento do Romance á morte de elrei D. Manoel.

Pranto fazem em Lisboa,
Dia de Santa Luzia,
Por ElRei Dom Manuel,
Que se finou nesse dia.
Chóram Duques, Mestres, Condes,
Cada um quem mais podia;
Os fidalgos e donzellas
Muito tristes em porfia;
Os Iffantes davam gritos.
A Iffanta se carpia;
Seus cabellos, fios d'ouro,
Arrincava e destruia.
Tres horas antes do dia
Mettido em um ataude
O qu'inda ha pouco regia,
O gran senhor do Oriente
Dos seus Paços se partia.
Seiscentas tochas accezas,
Escuras a quem as via;
Triste pranto até Belem

Nem passo não se esquecia.
Em terra fica enterrado,
Porque assi mandado havia,
Conhecendo que era terra
A mundanal senhoria.
Disse que os vãos thesouros
Á morte não pertencia.
Desque ficou enterrado
Cada hum se despedia,
Dizendo estes versos tristes
Á gloriosa Maria.

O Duque de Bragança.

Senhora Virgem gloriosa,
Que leixastes sepultado
O verbo deificado
Vestido da carne vossa,
Do mundo desamparado;
Este vosso encommendado
Rei, que tanto vos queria,
Que lhe dês tanta algria,
Como nos leixa cuidado
Neste dia.

O Conde de Penella.

Senhora, nossa esperança,
Triumpho da nossa vida,
Nave de certa guarida,
Fiel de fina balança,
Nossa carreira sabida:
Ó sem mágoa concebida,
Redemptora d'Israel,
Dae a ElRei Dom Manuel
A gloria que nos foi havida
Per Gabriel.

O Conde d'Alcoutim.

Querello-me, Senhora, a vós
De nossa vida enganosa,
Que alem de trabalhosa,

Parte-se breve de nós
Pera terra tenebrosa.
Lá queiraes ser piedosa
Ao Rei que ora enterramos,
E a nós, que isso esperamos,
Nos dae esperança vossa
Até que vamos.

Romance á acclamação d'elrei D. João 3.°

Desanove de Dezembro,
Perto era do Natal,
Na cidade de Lisboa
Mui nobre e sempre leal,
Foi levantado por Rei
Dos reinos de Portugal
O Principe D. João,
Principe angelical.
Sahiu n'uma faca branca,
Parecia de cristal,
Guarnecida de maneira
Que não se via sua igual.
Opa leva roçagante,
Tudo fio d'ouro tal,
Forrada de ricas martas,
Bem parecia real;
Pelote de prata fina,
Prata mui oriental,
Barrado de pedraria
Vinha-lhe mui natural.
O seu rosto tão formoso
Que parece divinal,
Seus olhos resplandeciam
Como estrellas igual;
Os cabellos da cabeça
D'ouro eram que não d'al;
Sua boca graciosa
Com ar mui angelical,
Um semblante soberano,
Um olhar imperial.
Chegou assi a San Domingos,

Onde estava o Cardial :
Benzeu o mui alto Rei
De benção pontifical,
E deu logo juramento ;
Jurou n'um livro missal
De fazer cumprir as leis
Como lei imperial ;
Confirmou os privilegios
Desta cidade Real.
Os povos muito contentes
De Rei tão especial,
De pequeno sempre grande,
Magnifico e liberal,
Que é virtude julgada
Dos Principes principal.
Isto tudo assi acabado,
Disseram : Arraial ! Arraial !
Alli tocam as trombetas,
Atabales outro tal :
Todos lhe beijam a mão
Os senhores em geral.

Eu estava ca no chão,
Como outro desmazelado,
Do theatro tão alongado,
Que via beijar-lhe a mão,
Mas não ouvia o fallado ;
E occupei o cuidado
No que cada um diria,
Assi de minha fantesia,
Segundo vi o passado
E a mudança que via.

O Marquez de Villa Real
Diria lagrimejando :
O neto d'El-Rei Fernando,
Todo de sangue Real,
Pera bem vos seja o mando.
E diria aconselhando :
Governae pelo antigo,
Que este pasto está em p'rigo,
As ovelhas suspirando
Sem abrigo.

Diria o Conde de Penella,
Como todos mui leal:
Beijo vossa mão Real,
E guiae-vos pola estrella
De vosso bom natural.
Sêde isento e liberal,
Provedor de lavradores
E pae dos povos menores;
C'os grandes muito Real,
E moderados favores.
Diria o muito jocundo
Senhor Conde de Tentugal:
Houvera de ser Portugal
Todo universo mundo
Pera Rei tão cordeal.
Conselho vos dou Real:
Que se elle for mester,
Seja de homem, a meu ver,
Sabio, velho e leal,
Que é o que o conselho quer.
O Bispo d'Evora creo
Que ouvindo esta rezão,
Diria: Pera redempção
Foi *homo missus a Deo*,
Cujo nome era João.
Bejo-vos, Senhor, a mão,
E ferrae sôbre o velho,
Não cureis daquelle espelho
Que cegou a Reboão,
De meu conselho.
Diria o Conde da Feira:
Senhor sam certificado
Que só Deus dá o reinado;
E, pois vo-lo deu, elle queira
Que o logreis prosperado.
Porém sereis avisado
Que a todo o julgador
Deis gran tença de temor,
Porque o povo coitado
Não coma pão de dolor.

O DOUTOR FANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

Pedes tu por ventura ás castas musas
Em didactico estylo puro e bello
Poetica moral? Na clara Lysia,
Inda muito melhor que em Grecia e Roma,
Monumentos te offerecem, consagrados
Ás instrucções do homem: lê as cartas
Do grave e douto Sá. . .

Em cinco escholas differentes se divide a poesia portugueza = a *gallega* ou *dos trovadores*; a *italiana*; a *hespanhola* ou *gongorismo*; a *latina*, e *a franceza*. Foram ornamentos da primeira Bernardim Ribeiro e Gil Vicente: da segunda Sá de Miranda, Ferreira, Caminha, Bernardes e Camões.

Sá de Miranda floreceu nos reinados de D. Manoel e D. João 3.º Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, ganhou por seus versos o titulo de *Seneca Portuguez*; e enriqueceu a lingua patria com um novo estylo, mais brilhante pela força e profusão dos conceitos, que pela harmonia e elegancia das palavras.

Versos conceituosos, satyricos e proverbiaes.

A virtude é paga egual
De si mesma sem mais troca.

Quem sabe por onde vae
Leva sua conta feita,
Nunca do caminho sae,
Não olha a quem diz tomae
Á esquerda, ou á direita.

Rosto ao sim, e rosto ao não,
A fortuna é feita assi,
Mal a conhece o vilão,
Cuidas que a tens na mão,
Está-se rindo de ti.

Vês tu couza, que estê queda?
Ora é noute, ora amanhece,
Ora corre uma moéda
Ora outra, tudo envelhece,
Tudo tem no cabo a quéda.

No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Tem o máo, se não vas bem,
Peor irás mais ávante,
Torna atraz, que te convem.

Não o tenhas por amigo
A quem te anda sempre á vontade
Dissimulando comtigo;
Lembra-te do dito antigo,
Que enfada muito a verdade.

Andei de aquem para alem,
Terras vi, e vi lugares,
Tudo seus avessos tem;
O que não experimentares,
Não cuides que o sabes bem.

Quem comsigo traz rancor,
Em espreita anda do mal,
Nunca lhe falece dor,
Mas se o bem egual não for,
Seja o coração egual.

Olhe cada um por si,
O bem não e como tinha,
Não se pega tão asinha,
O mal pode ser que si.

Cumpre a cada um que arribe,
Por si se deseja a honra,
Não dizer bons donos tive,
Que quem como elles não vive
Tanto mais sua deshonra.

Conta-se do elefante,
O que traz a torre ás costas,
Que ha mister quem o levante,
Se dá comsigo de costas.

Se não fosse essa prestança
Da falla, e razão do homem,
Por forças elle que alcança?
Mister ha fazer liança,
Se não máos bichos o comem.

Tanto que em terra cahimos
Do chorar nos ajudamos,
Soccorro e ajuda pedimos,
Nós sós para que prestamos?

Onde ha homens ha cubiça,
Cá, e lá tudo ella empeça,
Se a sancta, se a egual justiça
Não corta, ou não desempeça
O que a má malicia enliça.

Pena, e galardão egual,
O mundo a direito tem
Ha uma regra geral,
Que a pena se deve ao mal
E o galardão ao bem.

Se alguma hora aconteceu
Na paz, muito mais na guerra
Que a balança mais pendeu,
Faz-se engano ás leis da terra,
Nunca se faz ás do ceo.

Sempre foi, sempre ha-de ser,
Que onde uma só parte falla,
Que a outra haja de gemer,
Se um jogo a todos eguala,
As leis que devem fazer?

Dos vossos nobres avós

Ás cruzes em sangue abertas
Vos poem obrigações certas
Que não nas deixeis cá sós
A ser do musgo cobertas.

Por força nós que podemos ?
Isso que é do saber veio :
O bem todo está no meio,
O mal todo nos extremos.

Não julgue ninguem
Nunca outrem por si.

Deixa vaidades
Que da mão á bocca
O praser se troca.

O entendimento que é nosso,
Não nol-o qeurem deixar.

Homem de um só parecer,
De um só rosto, de uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo pode ser,
Mas de corte homem não é.

Neste tempo quem mal cae,
Mal jaz, e dizem que á luz
Por tempo a verdade sae,
Entre tanto poem na cruz
O justo, o ladrão se vae.

Contaes, gabaes, estendeis
Serviços, e lealdades,
Olhae que não nos daneis,
Fallae em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

Ó ricos que esta riqueza
Está no contentamento,
Mais tem quem mais a despreza,
Não foje o rico avarento

Por mais que fuja á pobreza.

Onde mais pode caber
Sinal é de logar vão,
Que se pode ainda encher,
Os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não.

Jesu Christo busca obreiros,
Não nos quer despedaçados,
Quer os seus de todo inteiros,
Dos corações alugados,
Poucos são os verdadeiros.

Da Carta a El-Rei D. João 3.º

A dignidade real
Que o mundo a direito tem,
Sem ella ter-se-hia mal,
É sagrada, e não leal,
Quem limpo ante ella não vem.

Não fallemos nos tyrannos,
Fallemos nos Reis ungidos,
Remedeiam nossos damnos,
Soccorrem os affligidos,
Cortam pelos máos enganos.

As vossas vellas, que vão
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão,
Gente d'outro algum Rei solta:
Sem cabeça o corpo é vão.

Dignidade alta, e suprema
Quem ha que a não reconheça?
Viu-se em Marco Antonio thema
De pôr real diadema
A Cesar sobre a cabeça.

Que o nome de Imperador
D'antes a Cesar se dera ,
Sem suspeita , e sem temor ,
Que inda então muito mais era
Ser Consul , ser Dictador.

Um Rei ao Reino convem ,
Vemos , que alumia o mundo
Um Sol , um Deos o sustem ,
Certa a queda , e o fim tem ,
O Reino onde ha Rei segundo.

Não ao sabor das orelhas ,
Arenga estudada , e branda ,
Abastam as razões velhas,
A cabeça os membros manda ,
Seu Rei seguem as abelhas.

A tempo o bom Rei perdoa ,
A tempo o ferro é mezinha :
Forças , e condição boa
Deram ao Leão coroa
Da sua grey montezinha.

Ás aves , tamanho bando
D'outra liga , e d'outra lei ,
Por vencer todas voando
A aguia foi dada por Rei ,
Que o Sol claro atura olhando.

O senhor da natureza ,
De quem Ceo , e terra é cheia ,
Vindo a esta nossa baixeza
Do Real sangue se preza :
Por Rei na Cruz se nomea.

Sobre obrigações tamanhas
Velem-se com tudo os Reis ,
Dos rostros falsos , das manhas ,
Com que lhe querem das leis
Fazer teas de aranhas.

E por muito que os Reis olhem
Vão por fora mil inchaços,
Que ante vós senhor se encolhem
D'uns Gigantes de cem braços
Com que dão, e com que tolhem.

Com a mão sobre um ouvido,
Ouvia Alexandre as partes
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscam d'artes.

Guardava elle o outro inteiro
Á parte não inda ouvida,
Não vae nada em ser primeiro
Quem muito sabe duvida,
Só Deos é verdadeiro.

Pensamentos nunca cheios,
Não tem fundo aquelles sacos
Inda mal, porque tem meios
Para viver dos mais fracos,
E dos suores alheios.

Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores,
Com nome, e rosto de honrados
Andar quentes, e forrados
Das pelles dos lavradores.

Aqui não vemos soldados,
Aqui não soa atambor,
Outros Reis, os seus estados
Guardam de armas rodeados,
Vós rodeado de Amor.

Que se pode ir mais avante,
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro, ou fogo que espante,
Com duas canas diante,
His amado, e his temido.

Do vosso nome um gram Rei
Neste Reino Lusitano
Se poz esta mesma lei :
Que diz o seu Pelicano
Pela lei , e pela grey,

Os Lavradores.

Ó vida dos lavradores,
Se elles conhecessem bem
As aventagens que tem,
Aquelles sanctos suores
Que sanctamente os mantem.

Quando os antigos alguem
Louvavam, não de senhor,
Não de rico era o louvor,
Chamavam-lhe homem de bem,
E ainda bom lavrador.

A nossa gente, que quiz
Arremedar os louvores,
Que agora parecem vis,
Aos bons Reis Sancho, e Diniz
Chamavam-lhe lavradores.

Os valorosos Romanos,
Que um tempo o mundo regeram,
Donde cuidaes que escolheram
Cincinatos, e os Serranos,
Que ante si em campo puzeram ?

E áquella sua grandeza,
Que o tempo não quer que moura,
Vemos que a mais da nobreza,
Sobrenomes de riqueza
Não pôz, antes da lavoura.

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostava,
Onde o sono a convidava,

Contente da cobertura
Tão rica que lhe o Ceo dava.

A João Rodrigues de Sá de Menezes.

As letras que não achastes
Vós as metestes na terra,
À nobreza as ajuntastes,
Com quem d'antes tinham guerra.

Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiam ler,
Eram bons, eram ousados,
Eu não gabo o não saber,
Como alguns ás graças dados.
Gabo muito os seus costumes,
Doe-me se hoje não são taes:
Mas das letras, ou perfumes
De quaes veiu o dano mais?

Destes mimos Indianos
Hei gram medo a Portugal,
Que venham a fazer-lhe os damnos,
Que Capua fez a Anibal
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,
De Canas, Capua viçosa
Venceu em tempo piqueno.

Deixemos queixas antigas,
Quero vos dizer de mim,
Que destas vossas amigas,
Digo as letras, para o fim
Ajunto como as formigas:
Porque ninguem me lançasse
Como a cegarrega, em rosto,
Em Dezembro que bayllasse,
Pois que cantara em Agosto.

Elogio de Coimbra.

Cidade rica do sancto
Corpo do seu Rey primeiro,
Que inda vimos com espanto
Ha tão pouco tempo inteiro
Dos annos, que podem tanto.

Rey, a quem se Deos mostrou,
Rey, que tantos Reys venceo,
Rey, que taes Reys nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que até Sevilha correo.

Outro Rey nosso sem mal,
Que lhe empeceo a bondade
O quarto de Portugal,
Qual teve elle outra Cidade
Que lhe fosse tão leal ?

Qual a sua fé salvou,
Por tanto perigo, e medo,
Qual outra tanto esperou,
Qual outra as chaves mandou
Ao Rey já morto em Toledo ?

Resposta da raposa ao leão enfermo offerecendo-lhe o seu covil.

Meu Rey, meu senhor Leão
Olho cá, e olho lá,
Vejo pegadas no chão
Que todas para lá vão,
Nenhuma vem para cá.

Mudança de costumes.

Os Momos, os serões de Portugal
Tão fallados no mundo onde são idos,
E as graças temperadas de seu sal ?
Dos motes o primor, e altos sentidos,
Os ditos avisados cortesãos,
Qué delles ? quem lhes dá sómente ouvidos ?

Mas deixemos ora ir queixumes vãos,
Assim foi sempre, assim sempre será,
Trocam-se os tempos, fogem d'entre as mãos.
Não vedes quantas voltas que o Sol dá,
Ora apparece, ora desapparece,
Que debaixo do Ceo cá quedo está?
O que hontem muito aprouve, hoje aborrece,
Dão volta as cousas todas a reveses,
N'um poço sobe um balde, e outro desce.

El-Rei D. Pedro 1.°

Pedro, que amores teve c'o a justiça
Real, e não cruel inclinação,
A justiça conforma co a razão,
E quer São Paulo que se tenha aos Reys,
Temor, não vai diante o estoque em vão.

Ousadia do homem.

Não tem termo homens ousando
De seu siso em desamparo,
Tudo foram apalpando,
Té pelo ar solto, e raro
Ouve quem fosse voando.
Gente que não teme nada
Cos medos se desafia,
Por mares sem fundo nada,
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.
Não é para tanto a vida
Quanto melhor escolheu
Quem na dorna ao Sol volvida
Viveu mais rico, e morreu,
Que Crasso, que Cresso, e Mida?
Por força a Cidade havida,
Respondeu ao inimigo,
Bias, a quem fica a vida,
Tudo o meu levo comigo,
Deixo a fortuna corrida.

Engenho.

D'este engenho, que diremos?
De quem nós taes gabos damos,
Com quem tudo acometemos?
Quantas vezes delle usamos
Mal, e como não devemos?

O DOUTOR ANTONIO FERREIRA.

O Doutor Antonio Ferreira, Lente da Universidade de Coimbra, e Dezembargador da Relação de Lisboa, viveu nos reinados de D. João 3.º e D. Sebastião. Discipulo da Eschola Italiana, e fiel imitador dos modelos gregos e latinos, reformou a poesia portugueza, e enriqueceu a lingua patria. Introduzio a poesia descriptiva e o verso solto, e poeta da razão distinguiu-se pela nobreza de pensamentos, pureza de linguagem, correcção e elegancia de estylo; tem porem muitos versos duros, já por cesuras mal collocadas, já pela suppressão do *m* nas terceiras pessoas dos verbos no plural. Emfim era tão amigo da gloria nacional, que delle disse Bernardes

Que dando á Patria tantos versos raros
Um só nunca lhe deu em lingua estranha.

Versos conceituosos.

Docemente suspira, doce canta
A portugueza musa, filha herdeira
Da grega e da latina, que assim espanta.

Floreça, falle, cante, ouça-se, e viva
A portugueza lingua, e ja onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva
Se até aqui esteve baixa, e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram
Esquecimento nosso, e desamor.

Não fazem damno as musas aos doutores,
Antes ajuda ás suas letras dão:
E com ellas merecem mais favores,
Que em tudo cabem, para tudo são.

. . . . versos dão vida
Ao digno de memoria, e o acrescentam.

Vence o trabalho tudo: o que cançou
Seu espirito e seus olhos, alguma hora

Mostrará parte alguma do que achou.

Não sofrem as altas musas meãmente
Serem tratadas; tanto que do extremo
Um pouco desço, caio baixamente

O ouro a terra o cria, a terra o tem,
Se alguma couza val, é só por ser
Um instrumento bom para usar bem.

Mais val a curta geira, a pobre herdade
Que, ó rica Arabia, ó India, o teu thesouro:
Se a justiça se rouba, se a verdade.

Taes novidades este tempo traz,
Que é necessario fingir pouco siso,
Se queres vida ter, se queres paz.

Cada um para seu fim busca seu meio,
Quem não sabe do officio não o tracta,
Dos que sem saber escrevem, o mundo é cheio.

Nunca egualmente se galardoaram
Em vida os altos feitos: só na morte
Seu verdadeiro premio e honra acharam.

Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
Dos seus bons capitães premios escuros:
E morta os suspira, honra e adora.

Prudencia e lealdade sô sostem
Os bons imperios: daqui nasce o amor,
Que ao povo o rei, ao rei seu povo tem.

A gloria e honra á virtude é devida,
Della nasce, e se cria, e se sostem,
Não se herda, não se compra, é como a vida.

Aquelles são sós homens, que se afamam
Com letras, com saber, com que alumiam

O mundo ; e tudo o mais fortuna chamam.

Seja a amizade facil, confiada,
Doce, aprazivel, branda; mas honesta,
Mas de sã liberdade acompanhada.

Ditosos os que vivem bem calados
Mettidos em si mesmos, e contentes
De não serem ouvidos, nem julgados.

Procura honras, estados, altezas,
Ambicioso vão, farta esse peito,
Que em fim comtigo acabam essas grandezas.

Quanto vae do engano á sã verdade,
Tanto vae d'um amigo ao lisonjeiro;
Um te falla á razão, outro á vontade.

C'os homens, c'os amigos sê humano;
Foje de pezadumes, de tristezas
Que te farão soberbo, ou deshumano.

E quem sem bom amor a Deus apraz ?
Em vão vive, em vão obra, em vão deseja,
Quem o bem, que deseja a outro não faz.

Não descança, não mora
Sancta felicidade
Em terras, em thesouros, em grandezas,
Errada vaidade !
Isso bens são de fora
Nosso só é o saber, que tanto prezas.

Aos bons Engenhos.

A vós só canto espiritos bem nascidos,
A vós, e ás Musas offereço a Lira:
Áo Amor meus ais, e meus gemidos,
Compostos do seu fogo, e da sua ira.

Eu desta gloria sô fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.

Affonso d'Albuquerque.

De Persia , e Arabia a tributaria gente
Viram de seu despojo as praias cheas ,
E do barbaro sangue a grã corrente.
Turvaram o Nilo, o Gange , o Hydaspe as veas
Vendo altas fortalezas levantadas ,
E o vencedor pendão entr'as ameas.
De Méca as portas té então cerradas
Tremêram ver-se , não sómente abertas ,
Mas do grande Alboquerque conquistadas.
Quantas Ilhas , e terras descubertas
Foram por elle ao Mundo ? quantas minas
D'ouro té li a todos encubertas ?
Quem mais gloriosas fez as Reaes quinas ?
Quem o Portuguez nome mais famoso
Com mais victorias de triumpho dignas ?
Ousado Capitão , e venturoso ,
S'a morte não cortara teus intentos ,
Que fructo inda nos déras tão formoso !
A ti se devem os altos fundamentos
Do Oriental Imperio , qu'inda dura
Firme entre tanto mar , e tantos ventos.

Da Carta a El-Rei D. João 3.°

Grã Rei , Senhor das Casas do Sol ambas.
Bonissimo João , mais pae da patria,
Que Brutos , ou que Augustos , ou Trajanos ,
Por grã mercê de Deos , e gloria nossa
Dado a estes Reinos teus do rico Téjo
Até Eufrates , Nilo , Tigre , Gange ;
Vencedor da braveza de Neptuno ,
Senhor de seu Tridente , e ricas conchas ,
De barbaros espanto , amor , e medo.
Luz clara de infieis ; columna firme
Da catholica Fé ; de idolatrias
Falsas destruidor , paz do teu reino.
Fortissimo João , graças te damos.
Não por tuas victorias com que espantas
O Mundo todo ; não por teus thesouros ,

Com que esta tua terra enriqueceste,
Justamente ganhados; não por letras
Com qu'as armas ornaste, honrado Phebo
Igualmente com Marte, que florecem
Agora mais que nunca: não por leis
Sanctas, iguaes. e justas, com que os vicios
Castigas nos maiores, e menores.
Não te louvamos, Rei, não te louvamos
D'espectaculos vãos dados ao povo,
De prodigalidade de moédas
Lançadas pelas ruas; não de mares
Appetitosamente atravessados,
De trabalhosas pontes semeadas
De peças de ouro, e prata, e ricas pedras,
De montes arrasados, rios seccos,
De sem necessidade agoas trazidas
De longe por mil canos, mil rodeos.
Não de popas douradas, velas ricas
De purpuras, e remos de ouro, e prata,
De tanques, de piscinas, de arcos, thermas,
Bosques, parques, theatros, capitolios,
Carros, litheras, Tigres, Liões, Ussos,
De féras monstruosas, nunca vistas,
E de outras não grandezas, mas solturas,
Que Reis Tyrannos livres costumavam
Em tempos infelices, e costumam
Pelo Mundo ind'agora, em si somente
Os publicos thesouros consumindo,
Tirados do suor, do sangue, e vida
De seus cativos povos. Nós, bom Rei,
De ti só te louvamos: de ti só
Damos graças ós Ceos, que te nos dêram
Rei justo, Rei clemente, Rei pacifico,
Rei homem, Rei, e pae, senhor, e amigo.
A fortaleza grande, e gloriosa
Para sempre a teu nome, a este teu Reino,
Que exemplo immortal fica d'outros Reinos;
Aquella fortaleza nunca vista,
Grã Rei, que contra a morte de um teu filho,
Unico successor do teu estado,
Mostraste, quem a entende? quem não espanta?

Como se pòde crer dos que vierem ?
Ou em qual dos passados se viu nunca ?
Christianissimo Rei, crer-se-ha de ti,
De João o Terceiro, que constancia,
Que espantos, que grandezas, que milagres
Se não creram no Mundo ? teu bom nome,
Por onde quer que soa, ama-se, e espanta.
E soa desd'um polo ao outro polo.
Fere novas Estrellas, novos Ceos,
De ti só descubertos, e mostrados.
Espantem outros, sejam mais temidos
Que Tigres, que Leões, e trema ant'elles
Como ant'a mesma morte o triste povo.
Não ousem levantar os olhos nunca
A seus irosos rostos: adorados
Se façam ser por forças, e por medos.
Novas cruezas usem, com que tenham
Seguros os estados de seus odios.
Tu rege mansamente, e com justiça,
Estas sejam tuas artes, a paz ama:
A vencidos perdoa, que se entregam.
A soberbos destroe, desfaze, e apaga.
Amemos-te nós sempre, e te chamemos
Clemente, bom, Christão, pai do teu Reino,
Filhos teus nos chamemos: como pai
Nos ama, nos castiga, e nos perdoa.
Pendamos de teus olhos, mostra-os sempre
Seguramente rindo: essa tua graça
Mais força tem que ferro, ou fogo de outros.
Nossas almas nos levas após ti
Onde quer que te viras, tu só Rei
És verdadeiro nosso. Em seu logar
Deos na terra te pôz de sua mão.
Amor faz os bons Reis, não medo; amor
Estados dá, e conserva: o que é temido
De muitos, muitos teme. Nós te amamos.
O nome, e a honra, que ós bons Reis passados
Com amor damos, vivo já ta damos.

Da carta a El-Rei D. Sebastião.

Iguaes somos, Senhor, na natureza,
Assi entramos na vida, assi sahimos.
O entendimento é nossa fortaleza.
Igualmente de um só principio vimos.
Igualmente a um fim todos corremos.
E uma estrada commum, e igual seguimos.
Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,
Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
Tanto o caminho do bom fim perdemos.
Cégos de nós, que nós tão mal trocamos,
Que a parte vil, e baixa senhorea,
E o mais alto ao mais baixo cativamos!
Força cruel, que dentro em nós guerrea,
Vence a céga vontade á razão clara,
E leva assim de nós victoria fea.
Aquelle lume, qu'a alma illustra, e aclara,
Apagado por nós nella, e perdido
Como mortos nos deixa, e desampara.
Deu o remedio Deos: eis um erguido
Por elle em poder alto, de que o povo
Seja ou por levado, ou constrangido.
Não é nome de Rei titulo novo:
Com elle começou o Mundo, e dura;
Por fabulas antigas não me movo.
Depois que d'aquella alta formosura
Cahiu o primeiro homem, e a triste sorte
O envolveu nesta sombra grossa, e escura.
Fugiu a luz, entrou armada a morte:
Cumpriu nova vigia, guarda, e lei,
Qu'ao cego mostre a luz, e obrigue o forte.
Elegeu Deos Pastor á sua grey,
Viu tambem a razão necessidade,
Eis aqui eleito um Rei, eis outro Rei.
Conforme, e junto o povo n'uma vontade
N'um só, por bem commum, por seus poderes,
Promettendo obediencia, e lealdade.
Obrigaram suas vidas, seus haveres,
Prometteu o bom Rei justiça, e paz,
E remedio, e soccorro a seus misteres.

Dalli sujeito ao Rei o povo jaz,
Dalli sujeito o Rei á boa razão
Da mesma lei, que em si esta força traz.
A quem todos seus bens, e vidas dão
Polos livrar d'injuria, e de violencia,
Se lhas elle fizer, a quem s'irão?
Seja juiz a justa consciencia,
E aquelle sancto, e natural preceito;
Deve á lei, o que a fez, obediencia.
Quem o caminho há de mostrar direito,
Se torce delle, e segue a falsa estrada,
Como terá seu povo á lei sujeito:
Pôz Deos na mão do Rei a vara alçada
Para guia do povo errado, e cego,
Mas não foi só á sua vontade dada.
Ama o povo o bom Rei, e é delle amado,
Lêdo, e facil em crer, e em julgar bem,
Imigo de todo animo dobrado.
Sempre a mão larga, sempre aberto tem
O generoso peito ao premio justo,
E triste, e vagaroso á pena vem.
Este é chamado bom, e grande, e Augusto,
Da patria pai, prazer, e amor do Mundo,
Mortal imigo do tyranno injusto.
Este logo d'um alto, e d'um facundo
Engenho té ás estrellas bem cantado
Voando vai na terra sem segundo.
Tal nos cresce, grã Rei, por Deos cá dado,
Inda maior que as nossas esperanças,
Maior que tua estrella, e alto fado.

Os bons poetas.

Para o publico bem tambem estudam,
E cantam os bons Poetas, deleitando
Ensinam; máos affeitos em bons mudam.
E ás vezes aos Reis vão declarando
Mil segredos, que então só vem, e sabem,
Mil rostos falsos, lingoas vãas mostrando.
Em poucas bocas as verdades cabem,
Terão ás vezes a culpa os ouvidos,

Os versos ousam, em toda a parte cabem.
  Dos bons amados, e dos máos temidos,
Assim é a Justiça, assim a verdade
Assim sejam tambem favorecidos.
  Usem da sua honesta liberdade
Rindo do Povo chamar só Letrados
Os que aconselham roubo, e crueldade.

Da carta a Sá de Miranda.

  Quem dos Ceos um socego bom alcansa
Mais não deseja: é livre, é Rei, é rico,
E tem da vida a bemaventurança.
  Que aproveita o que ajunta, o que edifica,
Por agoa e fogo pondo a vida a preço
Se quanto ajunta mais, mais pobre fica?
  Porque a alma, tão custosa a Deus, offreço
Ao fragil ganho, se um momento d'hora
Como uma sombra ao Sol desapareço?
  Quanto vivem melhor os que estão fora!
Contentes do que são, não mais desejam,
Vivem dia por dia, hora por hora.
  Sejam chamados ociosos, sejam,
Bom é o ocio, que do mal apparta,
Inda que outros mais bens nelle não vejam!
  Este desejo, que se nunca farta,
Ali mais obedece á Natureza,
Que quer que o bem por todos se reparta.
  Mais magnifica ás vezes é a Pobreza
D'um que os thesouros d'outro; a alta tenção
Estima Deos; as obras vãas despresa.
  Tudo se torna em bem no que está são,
O doce, e approveitoso amarga ao Doente.
Erra com côr de bem o Povo vão.
  Só andava Scipião fugindo á Gente,
Então mais occupado quando menos,
Fabricio pobre só, Fabio paciente.
  O campo ensina a ser justo aos pequenos,
Despresador dos máos, só no bem forte,
De si contente, e a si só somenos.
  Não acha, quando vem armada a Morte

Mais que seu vil despojo ; oh Serra ! oh Monte !
Ditoso aquelle a quem cahiste em sorte !
  Lá me escondas , lá onde ninguem conte
Minhas ditosas horas , lá sem nome
No Mundo , coma o fructo , e beba a fonte.
  Antes co'duro arado a Terra dome ,
E della as más espinhas arrancando ,
Do meu trabalho santo exemplo tome !
  Alma de máos dezejos appartando
Nella , e na terra má raizes planto ,
Que vão formoso fructo alevantando,

Amor da Lingua patria.

  Quanto foi mais sentida , e mais chorada
A morte do alto Homero por seu canto ,
Que a tua, Achylles, que elle fez honrada.
  Pois com quanta rasão me eu mais espanto
Do que em ti vêjo , tanto vêr perdido
Sinto o que me assi move a magoa , e espanto.
  Mostrastes-te athe qui tão esquecido ,
Meu Andrade, da Terra em que nasceste ,
Como se nella não fôras nascido.
  Esses teus doces versos com que ergueste
Teu claro nome tanto , e que inda erguer
Mais se vira , a estranha gente os deste.
  Porque o com que podias nobrecer
Tua Terra , e tua lingoa lho roubaste ,
Por hires outra lingua emriquecer ?
  Cuida melhor que quanto mais honraste
E em mais tiveste essa lingua Estrangeira ,
Tanto a esta tua , ingrato te mostraste.
  Volve , pois , volve , Andrade , da carreira ,
Que errada levas , com tua paz o digo ,
Alcansarás tua gloria derradeira.
  The quando contra nós , contra ti imigo ,
Te mostrarás ? obrigue-te a Rasão ,
Que eu como posso a tua sombra sigo.
  As mesmas Musas mal te julgarão ,
Serás em odio a nós teus naturaes ,
Pois , cruel , nos roubas , o que em ti nos dão.
  Sejam á boa tenção obras iguaes ,
E a boa tenção, e obra á Patria sirva ,

Dêmos a quem nos deu, e devemos, mais.
Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portuguesa Lingua, e ja onde fôr
Senhora vá de si, soberba, e altiva,
Se athequi esteve, baixa, e sem louvor,
Culpa é dos que mal a exercitaram,
Esquecimento nosso, e desamor.
Mas tu farás com que os que a mal julgaram.
E inda as estranhas Linguas mais desejam,
Confessem cedo ante ella quanto erraram.
E os que depois de nós vierem vejam
Quanto se trabalhou por seo proveito,
Porque elles pera os outros assim sejam.

Conselho a poetas.

Mas tratarei comtigo amigamente
Do conselho, que pedes; juizo, e lima
Acha em si todo o humilde, e diligente.
Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,
Que assim se favorece, e se perdoa,
Que esprito mostrará em prosa, ou rima?
Taes alguns a que a triste Hera corôa,
Roubada do vão Povo ao claro esprito,
Que esconder-se trabalha, e então mais sôa.
Aquelle dá de si publico grito,
Este calla, e se encolhe; o Tempo emfim
Um apaga; immortal faz d'outro o escripto.
A primeira ley minha é que de mim
Primeiro me guarde eu, e a mim não crea,
Nem os que levemente se me *rim*.
Conheço-me a mim mesmo; sigo a vêa
Natural, não forçada: o juizo quero
De quem com juizo, e sem paixão me lêa.
Na boa imitação, e uso que o fero
Engenho abranda, ao inculto da arte,
No conselho do amigo douto espero.
Muito, oh Poeta, o engenho pode dar-te,
Mas inda mais que o engenho o Tempo, e Estudo,
Não queiras de ti logo contentar-te.
E' necessario ser um tempo mudo

Ouvir, e lêr sómente; que approveita
Sem armas com furor cometer tudo?
  Caminho por aqui; esta é a direita
Estrada dos que sobem ao alto monte
Ao brando Appollo, ás nove Irmães acceita.
  Do bem escrever saber primeiro, é fonte.
Enriquece a memoria de Doutrina
Do que um cante, outro ensine, outro te conte.
  Isto me disse sempre uma divina
Voz á orelha; isto entendo, e creio,
Isto ora me castiga, ora me ensina.
  Cada um para seu fim busca seu meio,
Quem não sabe do officio não o trata,
Dos que sem saber escrevem o Mundo é cheio.
  Se ornares do fino ouro a branca prata,
Quanto mais, e milhor já resplandece,
Tanto mais vale o engenho se á arte se ata!
  Não prende logo a planta, não florece
Sem ser da destra mão limpa e regada,
Com tempo, e Arte flor, fructo apparece.
  Questão foi ja de muitos disputada
Se obra em verso Arte mais que a Natureza
Uma sem outra val ou pouco, ou nada.
  Mas eu quizera antes a rudeza
Daquelle que o trabalho, e Arte abrandou,
Que de estoutro a corrente, e vãa presteza.
  Vence o trabalho tudo; o que cançou
Seu esprito, e seus olhos, alguma hora
Mostrará parte alguma do que achou.
  A palavra, que sae uma vez fora,
Mal se sabe tornar; é mais seguro
Não tê-la, que excusar a culpa agora.
  Vejo teu verso brando, estilo puro,
Engenho, arte, doutrina; só queria
Tempo, e lima, da Inveja forte muro.
  Ensina muito, e muda um anno, um dia
Como em pintura os erros vai mostrando
O Tempo, os erros, que olho antes não via.
  Corta o sobejo, vai acrescentando
O que falta, o baixo ergue, o alto modera
Tudo a huma igual regra conformando.

Ao escuro dá luz, e ao que podéra
Fazer duvida aclara; do ornamento
Ou tira, ou põe; co' decoro o tempera.
Sirva propria palavra o bom intento,
Haja juizo, regra, e differença
Da pratica commum ao pensamento.
Dana ao estilo ás veses a sentença,
Tão igual venha tudo, e tão conforme,
Que em dùvida está vêr qual delles vença.
Mas diligente a Lima assi reforme
Teu verso, que não entre pelo são
Tornando-o, em vez d'orna-lo, então deforme.
O vicio que se dá ao Pintor que a mão
Não sabe erguer da tabua, fuge; a graça
Tiram quando mais cuidam que lha dão.
Roendo o triste verso como traça,
Sem sangue o deixam, sem esprito, e vida;
Outro o parto inda informe traz á praça.
Ha nas couzas um fim, ha tal medida,
Que quanto passa, ou falta della é vicio
E' necessaria a emenda bem regida.
Necessario é, confesso, o artificio
Não affeitado: empece a tenra Planta
O muito mimo, o muito beneficio.
A's vezes o que vem primeiro tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Musas parece que o inspira, e canta.
Qual é a lingua cruel que inda assim prove
Em vão ali seos fios? deixe inteiro
O bem nascido verso, o mais renove.
Não mude, ou tire, ou ponha sem primeiro
Vir aos ouvidos do prudente, experto
Amigo, não invejoso, ou lisonjeiro.
Engana-se o Amor proprio falso, e incerto,
Tambem se engana o medo de apraser-se,
Em ambos erro é quasi igual, e certo.
Por isso é bom remedio ás vezes lêr-se
A dois, ou tres amigos; o bom pêjo
Honesto ajuda então melhor a vêr-se.
Alli como Juiz quase me vejo,
Sinto quando igual vou, quando descaio,

Quando d'outra maneira me desèjo.
Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio
« Muda (dizia) e tira ; hia e tornava.
« Inda (diz) na sentença bem não caio. »
O que mais docemente me soava ,
O que me enchia o esprito por meu tinha ,
O que me desprasia me louvava.
Então conheci eu a dita minha ,
Em tal amigo , tão desenganado
Juizo , e certo , em quem comfiado vinha

Epitaphio de elrei D. Deniz.

Quem é este de insignias differentes
Sceptro , e Picão , e Livro , e espada , e arado ?
Este foi Paz dos Reys , e Amor das Gentes ,
Grande Deniz , Rey nunca assaz louvado ;
Outros foram n'uma só cousa excellentes ,
Este com todas nobreceo seo estado.
Regeu , edificou , lavrou , venceu ,
Honrou as Musas , poetou , e lêo.

Sonho de D. Ignez de Castro.

Nunca mais tarde para mim que agora
Amanheceu ! oh Sol claro , e formoso ,
Como alegras os olhos , que esta noite
Cuidaram não te vêr ! oh Noite triste !
Oh Noite escura , quam comprida foste !
Como cansaste esta alma em sombras vãas !
Em medos me trouxeste taes , que cria
Que ali se me achava o meu amor !
Alli a saudade de minha alma
Que me ficava cá ; e vós, meus Filhos ,
Meus Filhos tão formosos , em quem vèjo
Aquelle rosto , e olhos do Pay vosso.
De mim ficaveis cá desamparados.
Oh sonho triste , que assi me assombraste !
Tremo inda agora , tremo ! Deos afaste
De nós tão triste agouro. Deos o mude
Em mais ditoso fado , em melhor dia,

Crescereis vós primeiro, filhos meus,
Que choraes de me vêr star-vos chorando,
Meus Filhos tão pequenos! ai, meus Filhos!
Quem em vida vos ama, e teme tanto,
Na morte que fará? mas vivereis,
Crescereis vós primeiro, que vêja eu
Que pizaes este campo, em que nascestes,
Em formosos Ginetes arraiados,
Quaes vosso Pay vos guarda, com que o Rio
Passeis a nado a vêr esta Mãy vossa,
Com que canseis as Feras, e os imigos
Vos temam de tão longe! que não ousem
Nomear-vos sómente, então me venham
Buscar meos fados, venha aquelle dia
Que me está esperando; em vossos olhos
Ficarei eu, meos Filhos, vossa vida
Tomarei eu por vida em minha morte.

D. Affonso 4.º e seus conselheiros.

REY.

Vence o mal ao remedio: vejo o Infante
De todo contra mim determinado
Duro aos meus rogos, mais duro aos mandados,
Que Estrella foi aquella tão escura?
Que mau signo, ou que fado, ou que Planeta?

PACHECO.

Em quanto ha occazião, dura o pecado,
Tirando-lha, hei-lo livre!

REY.

Forte couza.
Endurecer-se assi aquella vontade!

PACHECO.

Endureça-se a tua com justiça.

REY.

Duro remedio! quanto melhor fôra
Amor, e obediencia! meus pecados
Quam gravemente sobre mim cahiram!

COELHO.

Senhor, pera que é mais? morra essa Dama.

REY.

Que morra todavia!

PACHECO.

Senhor, morra

Por salvação do Povo.

REY.

Não é crueza

Matar quem não tem culpa?

COELHO.

Muitos podes

Mandar matar sem culpa, mas com cauza.

REY.

Com que côr? com que cauza esta matamos?

PACHECO.

Não basta que em sua morte só se atalham
Os males, que sua vida nos promette?

REY.

Ella que culpa tem?

PACHECO.

Dá occasião.

REY.

Oh que ella não a dá; o Infante a toma.
Que ley ha que a condemne, ou que justiça?

COELHO.

O bem commum, Senhor, tem taes larguezas
Com que justifica obras duvidosas.

REY.

Assi que assentais nisso?

COELHO.

Nisto, morra.

PACHECO.

Morra.

Uma innocente!

COELHO.

Que nos mata!

REY.

Não haverá outro meio?

PACHECO.

Não o temos.

REY.

Mete-la-hei n'um Mosteiro.

COELHO.

Ei-lo queimado.

REY.

Manda-la-hei de meo Reyno.

COELHO.

O amor vôa.
Este fogo, Senhor, não morre logo,
Quanto mais lhes resistes mais se accende.
Contra amor que logar darás seguro?

REY.

Entre medo, e conselho fico agora.
Matar injustamente é gran crueza.
Soccorrer o mal publico é piedade.
D'uma parte receio, mas d'outra ouso.
Oh meu Filho, que queres destruir-me?
Ha dó desta velhice tão cansada,
Muda essa pertinacia em bom conselho,
Não dês occazião para que eu fique
Julgado mal na Terra, e comdemnado
Ante aquelle gran Juiz que está nos Ceos.
Oh vida felicissima, a que vive
O pobre Lavrador, lá no seu campo,
Seguro da fortuna, e descansado
Livre destes desastres, que cá reinam!
Ninguem menos é Rey que quem tem Reino.
Ah! que não é isto Estado, é captiveiro
De muitos desejado, mas mal crido!
Uma servidão pomposa, um gran trabalho,
Escondido sob nome de descanso:
Aquelle é Rey sómente que assi vive,
Inda que cá seu nome nunca se ouça,
Que de medo, dezejo, e de esperança
Livre passa seus dias. Oh bons dias,
Com que todos meus annos tão cansados
Trocára alegremente! temo os Homens,
Com outros dessimulo, outros não posso
Castigar, ou não ouso. Um Rey não ousa?
Tambem teme seu Povo, tambem sofre,
Tambem suspira, e geme, e dissimula.
Não sou Rey, sou captivo; e tão captivo
Como quem nunca tem vontade livre.

Salvo-me no conselho dos que creio
Que me serão leaes ; isto me salve,
Senhor, comtigo ; ou tu me mostra cedo
Remedio mais seguro, com que viva
Conforme a este alto Estado, que me deste
E me livra algum tempo antes, que morra,
De tanta obrigação, para que possa
Conhecer-me melhor, e a ti vôar
Com mais ligeiras azas, do que póde
Uma alma carregada de tal peso.

REI.

Oh sceptro rico a quem te não conhece !
Como és formoso, e bello ! e quem soubesse
Bem quam differente és do que promettes,
Nesse chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes c'os pés, que levantar-te !
Não louvo os que se louvam por Imperios
A ferro, fogo, e sangue destroirem,
O seu proprio estendendo, mas aquelles,
Oh grandeza espantosa, animo livre !
Que, tendo-os muito grandes, os deixaram.
Mór alteza, e mór animo é as grandezas
Despresar, que acceitar, e mais seguro
A si cada um reger, que o Mundo todo.
O resplandor deste ouro nos engana,
E é terra em fim, e terra a mais pesada.
De uma alta fortaleza estamos sempre
Póstos por Atalaias á Fortuna ;
Por escudos dos Povos, ofrecidos
A receber seus golpes : não faze-lo
É usar mal do sceptro, e bem faze-lo
É não ter vida mais segura, e certa,
Que quanto estes perigos nos promettem.

CANTO DO CORO.

Quanto mais livre, quanto mais seguro
É aquelle Estado, que de si contente,
Não se levanta, mais que quanto pode
    Fugir miserias !
Tristes pobrezas ninguem as deseje,

Cégas riquezas ninguem as procure,
N'um meio honesto está felicidade
Dos Ceos, e Terra.
Reys poderosos, Principes, Monarchas,
Sobre nós pondes vossos pés pisai-nos,
Mas sobre vós está sempre a Fortuna,
Nós livres della.
Nos altos montes soam muito os ventos,
As mais crescidas arvores derrubam,
As mais inchadas vellas no mar rompem
Com mores torres.
Pompas, e ventos, titulos inchados
Não dão descanso, nem mais doce somno,
Antes mais cansam, antes em mais medo
Poem, e perigo.
Como se volvem no gran mar as ondas,
Assim se volvem estes peitos cheios,
E nunca fartos, nunca satisfeitos,
Nunca seguros.
Se eu me podessse á minha vontade
Formar meos fados mais não quereria
Que mansamente segurar a vida
Co' necessario.
Quem mais deseja muitas vezes se acha
Triste, enganado; muitas vezes dorme
Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
Temendo os Homens.
Rey poderoso, tu porque desejas
Nunca ter Reyno? porque essa coroa
Chamas pesada? pelo pezo d'alma,
Que te carrega.

OUTRO.

Teme teus erros, Mocidade céga,
Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,
Que assi te deixa, correndo, e voando
Com suas azas.
Oh quanto uma hora, quanto um só momento
Breve alguma hora, quererás debalde,
Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o
Tè-lo-has seguro!
Todo ouro, e prata, pedras preciosas,

A que correndo vão todos perdidos,
Por agoa, e fogo, não temendo a morte
Cavar nas veias.
Nunca poderam, nunca poderão
Comprar um ponto deste tempo livre,
Que assi atraz deixa Principes, Senhores
Como os mais baixos.
Igual a todos, igualmente foge,
Não valem forças, não val gentileza,
Por tudo passa, tudo calca, e pisa
Ninguem o força.
Com sua fouce cruel vai cortando
Vidas a moços, trabalhos a velhos,
Só boa fama, só virtude casta
Pode mais que elle.
Esta se salva sómente em si mesma,
Esta o espirito segue, sempre vive,
Esta seguindo, vencerás o Tempo,
Rir-te-has da Morte.
Vive pois, vive, mocidade cega,
Vive co' Tempo, delle te enriquece,
Delle só te arma contra aquelle dia
Do grande apperto.

D. Ignez com os filhos pedindo perdão a El-rei.

.... Filhos tristes,
Eis aqui vosso avô, nosso senhor;
Beijae-lhe a mão, pedi-lhe piedade
De vós; desta mãe vossa, cuja vida
Vos vem, filhos, roubar... Meu senhor
Esta é a mãe de teus netos. Estes são
Filhos daquelle filho, que tanto amas.
Vens-me, senhor, matar? Porque me matas?
Oh triste, triste! meu senhor não me ouves?
Socega tua furia, não a sigas.
Ouve minha razão, minha innocencia.
Culpa é, senhor, guardar amor constante
A quem mo tem? Se por amor me matas,
Que farás ao inimigo? Amei teu filho
Não o matei. Amor amor merece;

Estas são minhas culpas ; estes queres
Com morte castigar ? Em que a mereço ?
Com estes teus pés me abraço. . . ai ! meus filhos
Chorae , pedi justiça aos altos ceos.
Pedi misericordia a vosso avô
Contra vós tão cruel , meus innocentes.
Ficareis cá sem mim , sem vosso pae ,
Que não poderá ver-vos , sem me ver.
Abraçae-me , meus filhos , abraçae-me.
Despedi-vos dos peitos , que mamastes.
. . . . Rei senhor
Pois podes soccorrer a tantos males ,
Soccorre-me , perdoa-me. Não posso
Falar mais. Não me mates , não me mates.
Senhor , não to mereço. . .

D. Pedro e o Mensageiro.

Outro Ceo , outro Sol me parece este
Differente daquelle , que lá deixo
Donde parti , mais claro , e mais formoso.
Onde não resplandecem os dous claros
Olhos da minha luz , tudo é escuro.
Aquelle é só meu Sol , a minha estrella ,
Mais clara , mais formosa , mais luzente
Que Venus , quando mais clara se mostra.
Daquelles olhos s'alumia a terra ,
Em que sombra não ha , nem nuvem escura.
Tudo alli é tão claro , que até a noite
Me parece mais dia , que este dia.
A terra alli s'alegra , e reverdece
D'outras flores mais frescas , e melhores.
O Ceo se ri , e se doura differente
Do que neste Orisonte se me mostra.
O soberbo Mondego com tal vista
Parece que ao grande mar vai fazer guerra.
D'outros ares respira alli a gente ,
Que fazem immortaes os que lá vivem.
Oh Castro , Castro , meu amor constante !
Quem me de ti tirar tire-me a vida.
Minh'alma lá ma tens , tenho cá a tua.

Morrendo uma destas vidas, ambas morrem.
E havemos de morrer? póde vir tempo
Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?
Nem achar os teus olhos tão formosos,
De que os meus tomam luz, e tomam vida?
Não posso cuidar nisto, sem os olhos
Mostrarem a saudade, que me fazem
Tão tristes pensamentos. Viveremos
Muitos annos, e muitos: viveremos
Sempre ambos nest'amor tão doce, e puro.
Rainha te verei deste meu Reino,
D'outra nova coroa coroada
Differente de quantas coroaram
Ou de homens, ou mulheres as cabeças.
Então serão meus olhos satisfeitos:
Então se fartará da gloria sua
Est'alma, que anda morta de desejos.

Mensageiro.

Ó triste nova, triste mensageiro
Tens ante ti, senhor. *Inf.* Que novas me trazes?
Mens. Novas crueis; cruel sou contra ti,
Pois m'atrevi trazê-las. Mas primeiro
Socega teu espirito: e nelle finge
A maior desaventura, que te agora
Podia acontecer: que gran remedio
É ter o espirito armado á má fortuna.
Inf. Tens-me suspenso. Conta: que acrescentas
O mal com a tardança.
Mens. É morta Dona Ignez, que tanto amavas.
Inf. Ó Deus, ó Ceos! que contas? que me dizes?
Mens. De morte tão cruel, que é nova mágoa
Contar-ta: não me atrevo. *Inf.* É morta? *Mens.* Sim.
Inf. Quem ma matou? *Mens.* Teu pai, com gente armada
Foi hoje salteá-la. A innocente,
Que tão segura estava, não fugio.
Não lhe valeo o amor, com que te amava.
Não teus filhos, com quem se defendia.
Não aquella innocencia, e piedade,

Com que pedio perdão aos pés lançada
D'elRei teu pai, que teve tanta força
Que lho deu já chorando. Mas aquelles
Crueis Ministros seus, e Conselheiros
Contr'aquelle perdão tão merecido
Arrancando as espadas se vão a ella
Traspassando-lh'os peitos cruelmente;
Abraçada c'os filhos a mataram,
Que inda ficáram tintos do seu sangue.
Inf. Que direi? que farei? que clamarei?
Ó fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!
Ó minha Dona Ignez, ó alma minha
Morta m'es tu? morte houve tão ousada
Que contra ti pudesse? ouço-o, e vivo?
Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua!
Morte céga mataste minha vida,
E não me vejo morto? abra-se a terra.
Sorva-me n'um momento: rompa-s'alma,
Aparte-se d'um corpo tão pezado,
Que ma detem por força.
Ah minha Dona Ignez, ah, ah minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minha esperança só, minh'alegria
Mataram-te? mataram-te? tua alma
Innocente, formosa, humilde, e sancta
Deixou já seu lugar? ah de teu sangue
S'enchêram as espadas? de teu sangue?
Que espadas tão crueis, que crueis mãos?
Ah como se movêram contra ti?
Como tiveram forças, como fios
Aquelles duros ferros contra ti?
. . . . Ó Ceos, que vistes
Tamanha crueldade, como logo
Não cahistes? ó montes de Coimbra
Como não sobvertestes taes Ministros?
Como não treme a terra, e s'abre toda?
Como sustenta em si tão gran crueza?
Mens. Senhor, para chorar fica assaz tempo:
Mas lagrimas que fazem contr'a morte?
Vai ver aquelle corpo, vai fazer-lhe
As honras, que lhe deves. *Inf.* Tristes honras!

Outras honras, senhora, te guardava:
Outras se te deviam. Ó triste, triste!
Enganado, nascido em cruel signo,
Quem m'enganou? ah cego que não cria
Aquellas ameaças! mas quem crêra
Que tal podia ser?
Como poderei ver aquelles olhos
Cerrados para sempre? como aquelles
Cabellos já não de ouro, mas de sangue?
Aquellas mãos tão frias, e tão negras,
Que antes via tão alvas, e formosas?
Aquelles brancos peitos traspassados
De golpes tão crueis? aquelle corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços
Vivo, e formoso, como morto agora,
E frio o posso ver? hai como aquelles
Penhores seus tão sós? ó pai cruel!
Tu não me vias nelles? meu amor
Já me não ouves? já não te hei de ver?
Já te não posso achar em toda a terra?
Chorem meu mal comigo quantos m'ouvem.
Chorem as pedras duras, pois nos homens
S'achou tanta crueza. E tu Coimbra
Cobre-te de tristeza para sempre.
Não se ria em ti nunca, nem s'ouça
Senão prantos, e lagrimas: em sangue
Se converta aquella agoa do Mondego.
As arvores se sequem, e as flores.
Ajudem-me pedir aos Ceos justiça
Deste meu mal tamanho.
Eu te matei, senhora, eu te matei.
Com morte te paguei o teu amor.
Tu, senhora, estás lá nos Ceos, eu fico
Em quanto te vingar: logo lá voo.
Tu serás cá Rainha, como foras.
Teus filhos, só por teus serão Infantes.
Teu innocente corpo será posto
Em estado Real: o teu amor
M'acompanhará sempre, até que deixe
O meu corpo c'o teu; e lá vá est'alma
Descansar com a tua para sempre.

PEDRO D'ANDRADE CAMINHA.

Nem tu deixes de ler as brandas rimas
Do amoroso Caminha, que podiam
Dobrar Phylis ingrata a seus queixumes.
A. R. dos Santos.

Pero d'Andrade Caminha foi contemporaneo e amigo de Sá de Miranda, Ferreira e Bernardes. Morreu em 1589. As suas obras que constam de eclogas, odes, elegias, epistolas, epigrammas, e sonetos, sairam á luz a primeira vez em 1791, impressas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Versos conceituosos.

Se pareceres desejas o que és, falla :
Se pareceres não quéres o que és, calla.

Ser principe e senhor é merecel-o,
E ser em tudo sempre tão perfeito,
Que nunca possa o tempo escurecel-o.

Sempre foi de prudente e de entendido
O conselho mudar, se o tempo o ensina,
Que o tempo é mestre digno de ser crido.

Ser principe é ser digno de memoria,
Digno de grande nome, e glorioso,
E saber ter de si sempre victoria.

Boas são boas leis, melhor guardar-se
Inteiramente tudo o que ellas mandam,
Isto faz até aos ceos a terra alçar-se.

Nunca a golpe nenhum sejas rendido,
Em damno d'alma, o corpo a mil perigos,
Por teu Deus, por teu rei ande offerecido.

Horas ditosas, doces, bem gastadas,
As que longe da gente, e povo cego,

N'uma sã liberdade são passadas.

Quem largamente reparte o seu ouro
Nos corações alheios faz thesouro.

Amor ferido , Epygramma.

De uma abelha o amor na mão mordido ,
Chorando á mãe se foi todo espantado ,
De ser de tão pequena ave ferido.
Venus vendo o menino assim corrido ,
E da dor grande e nova assim tomado ,
Lhe disse : Deixa os choros e os espantos ,
Que tambem és pequeno , e feres tantos.

Da Elegia a Bernardes sobre a morte de Ferreira.

Um silencio , Bernardes , me rompestes
Já quasi a não fallar determinado
Na dôr , que ora de novo em mim moveste.
Igualmente á dôr minha ser chorado
Não podia em meu verso o meu Ferreira ,
Nem ser de mim seu espirito bem cantado.
Entendia de mim , que á verdadeira
Fama do que elle em tudo merecia ,
Não chegaria a minha voz inteira.
Calava , e a fallar delle me escondia,
Por não offender morto um bom amigo ,
Que me quiz tanto quando cá vivia.
Fizeste-me chorar ora comtigo
Com mágoa nova , nova saudade ,
A dôr , que eu cá chorava só comigo.
Moveste-me a alma a nova piedade ,
A nova pena , a novo sentimento ,
Daquella grande perda , desta Edade.
Daquella grande perda , que um momento ,
Depois de tanto mal acontecido ,
Não deixei de trazer no pensamento.
Mas eu não choro vêr d'entre nós hido ,
Este retrato só da Edade antiga
Do Céo á nossa lingua concedido.

Mas faltar-me um engenho a que o meu siga,
Uma voz, que ouça, e espirito de que aprenda
E os segredos das Musas me abra, e diga.
E quem o meu mau verso me reprenda,
E o meão mo concerte, e mo levante
Com douto aviso, e com segura emenda.
Sinto faltar, Bernardes, quem me espante
Com seu bom senso, com seu bom escripto,
Com cuja imitação possa ir ávante.
Aquelle claro, aquelle puro espirito
De são conselho cheio, e de prudencia
Sempre será de mim cantado, e escripto.
Agora em sua triste, e longa ausencia
Quem acharei, que a dôr me desagrave,
E me mostre o remedio na paciencia ?
Fazia-me a tristeza menos grave,
Mais branda a dura pena, a dôr mais leve,
Fazia-me a alegria mais suave.
Se teve, mágoa nossa, a vida breve,
Largo nome terá, larga memoria,
Que a toda a parte, tempo a Fama leve.

Descripção do inverno, Elegia XIX.

Apoz o Verão brando o Inverno duro
Começa triste, e cheio de asperezas,
Importuno, pezado, frio, escuro.
Entra o tempo com furias, e bravezas,
Na terra, n'agoa, no ar faz movimentos,
Que ameaçam mil damnos, e tristezas.
Revolvem tudo os furiosos ventos,
E parece que tem aspera guerra
Uns com outros os grandes Elementos.
Mais pesada se torna, e grave a Terra,
E tudo quanto d'antes produzia
Nega, e dentro em si mesmo esconde, e encerra.
O que ora aos olhos mostra, o que ora cria,
Tojos, Fspinhos, Cardos, e secura,
Tudo alheio de graça, e de alegria.
Cessou aquella varia formosura
De differentes rosas, varias flores,

De que se ornam as Plantas, e a verdura.
  Das fontes não são claros os liquores,
Correm, como corriam; turvo é tudo,
Tem as Aves silencio em seus Amores.
  Seu brando canto está de todo mudo,
E só das tristes se ouve o triste canto,
Que eu com meus tristes versos sigo, e ajudo.
  O Vento enche no mar de medo, e espanto
Assim o destro, esforçado Navegante,
Como o que não entende, ou ousa tanto.
  Ora as ondas com furia leva ávante,
Ora as contrasta, e força, que uma desça
Ao mais fundo, outra ás nuvens se levante.
  Não ha cousa que triste não pareça,
Tanques, fontes, ribeiras, mares, lagos,
Nem peito, que de os vêr não se entristeça.
  Todo o Mundo padece mil estragos
Da grande força dos Ventos poderosos,
Mais livres, e mais soltos, e mais vagos.
  Os Ceos puros, e claros, e formosos,
São de nós vistos menos livremente
Co'a grossura dos ares rigorosos.
  O clarissimo Sol resplandecente
Todo de escuras nuvens encoberto
Deixa com menos luz a humana gente.
  A lua, inda que de nós anda mais perto,
Tambem c'os tempos tristes, e cerrados,
Já seu lume não dá tão descoberto.
  De trovões os ouvidos atroados,
Os olhos de relampagos vencidos,
Os ares de chuveiros carregados.
  Mil outros damnos são vistos, e ouvidos,
No triste Inverno, duro, e grave inimigo,
Que inda que costumados, são temidos.

Descripção do verão, Elegia XX.

  Apoz o inverno duro o verão brando
Começa alegre, e cheio de branduras,
Vai-se com elle o anno renovando.
  Traz o tempo alegrias, e frescuras

Co'a bella , alegre , e suave Primavera ,
Cheia de differentes formosuras.
  Tudo que triste , tudo que secco éra ,
Se alegra já de novo , e reverdece ,
Ah ! se o mesmo este peito usar podera !
  Já de mil varias flores apparece
A terra toda ornada , e tão formosa ,
Ao Céo com suas estrellas se parece.
  No rouxo Lyrio , e na purpurea Rosa ,
No alvo Jasmim , no Goivo almiscarado ,
Na amarella Giesta , e bem cheirosa ;
  E em outras muitas flores , de que ornado
Vem o doce verão claro , e formoso ,
Vê-se o Ceo mais benigno , e temperado.
  Tudo é mais claro , tudo é mais lustroso ,
Quanto ora cria a grande Natureza ,
Mais brando , mais suave , e mais cheiroso.
  Fugio já aquella furia , e aspereza
Do inverno ante o verão , que a deitou fóra ,
E venceu co'a brandura sua dureza.
  A formosura da formosa Aurora
Sempre formosa , clara , e sempre pura ,
Mais formosa , mais clara , e pura é agora.
  Traz o dia outra nova formosura ,
É formosa a manhaã , formosa a tarde ,
Formoso o horisonte , e mais a altura.
  A noite em tão formosos lumes arde ,
Que póde competir c'o claro dia ,
Nasce mais cedo o Sol , poem-se mais tarde.
  A agua não corre já , como corria ,
Escura , e turva ; mas já pura , e clara
Enche os ouvidos , e olhos de alegria.
  O formoso verão tudo repara ,
Dá novo fructo a tudo , e nova vida ,
Faz liberal a terra , antes avara.
  É já das Aves docemente ouvida
Aquella branda musica , e suave ,
Que lhes tem Natureza concedida.
  Ouvem-se ora em som brando , ora em som grave
Seus queixumes cantar , e seus amores
Que não ha quem o Amor não damne , e agrave.

Entre as folhas das Arvores, e as Flores
Da grande força da calma se defendem,
Nem temem já do inverno ali os rigores.
Umas, e outras parece que se entendem,
Que ora uma canta, ora outra lhes responde,
Ora juntas no campo mais se accendem.
Mas que parte haver póde no mundo onde
Do verão a brandura não se vêja.
E a sua formosura que se esconde ?
O mar que contra si mesmo peleja,
Da grande força do inverno tão movido,
Que inda até os altos ares rompe, e peja.
Do brando tempo seu furor vencido
Se vê já tão quieto, e já tão manso,
Que parece que nunca foi temido
Correm os brandos ventos manso, e manso;
E os de maior rigor, e mais forçosos,
Parece que buscavam já descanso.
Os zephyros suaves, amorosos
Sem furia, sem rigor, mais brandamente
Contra a força do sol são poderosos.
No trabalho que mais cança, e se sente,
Dão ao que o sente, e passa novo alento,
E lho fazem passar mais facilmente.
Mais claro o formosissimo ornamento
Do claro Céo se vê resplandecente,
Sem nada que dê á vista empedimento.
Ora as formosas nuvens se estão vendo,
Que do formoso sol todas ornadas
Vão delle varias flores recebendo.
Verdes, azues, e rôxas, e encarnadas,
De prata, e ouro, brancas, e amarellas,
Outras de muitas côres variadas.
Vê-se, com grande prazer da vista, entre ellas
Formosissimas formas differentes,
Formosissimo é quanto se vê nellas.

Epigramma a uma molher feia.

Feia, se fallas, és; feia callada,
Ouvindo feia, feia respondendo,

Feia branda pareces, feia irada,
Negando feia, feia prometendo,
Feia toucada, feia destoucada,
Feia contente, feia descontente,
Em tudo sempre feia a toda a gente.
Se a boa proporção faz formosura,
Deves por bem formosa ser julgada,
Pois a tens tão igual, e tão segura
Em ser em tudo desproporcionda.
Quem bem te vê entende, affirma, e jura,
Que em ti tal proporção não falta em nada,
E assim se mostra claro ser verdade,
Que ha tambem proporção na variedade.

DIOGO BERNARDES.

Em seu fluido estylo vae Bernardes
Serpeando manso e manso até que mana
Dos ouvidos nas intimas entranhas,
Qual vae ribeiro crystallino
Debruçando-se puro e saudoso
Debaixo de inquietas avelleiras
Por entre hervosos valles sempre verdes,
Té que ao largo se estende em lisa mesa
Espelho e ás vezes banho de serranos.
FILINTO FLYSIO.

Diogo Bernardes, o cantor do Lima, é contado entre os melhores poetas do seculo do ouro da litteratura portugueza, pela pureza da sua linguagem, e pela doçura e harmonia dos seus versos. Ficou prisioneiro na batalha de Africa, em que foi morto el-rei D. Sebastião, que o havia escolhido, e levado comsigo para transmittir á posteridade, em um poema digno do seu nome, as proezas do triumpho com que contava. Morreu em Lisboa em 1596, e foi sepultado na igreja de S. Anna, onde jazia Luiz de Camões desde o anno de 1579.

Versos conceituosos.

De condição humana é não ver traves
Em nossos proprios olhos, nos alheios
Arestas leves nos parecem graves.

Ninguem já quer verdades, ou se fallem
Desembuçadamente, ou por figuras,
Por isso espiritos bons sintam e calem.

Mil vezes cahe quem se não precata,
Quem a tudo o que cuida, solta a penna,
Muitas cousas enfeixa, e poucas ata.

Quem não quizer errar antes escolha
Calar; ou se fallar, vá sobre aviso,
Que sempre com bom tempo se recolha.

É perigo não ter, e ter amigos,
Mal se pode viver nesta estreitêza,
Se me hei de velar delles como imigos.

Rico poderá ser, mas não amado
Quem das proprias riquezas se captiva.

Que val o que mais tem, e o que mais val,
Se só para si val, para si tem?
Se trata a outrem mal, e a si mais mal?

O louvor que se ganha pelos meios
Da virtuosa vida, este sim dura,
Este de se perder não tem receios.

Não prende logo a planta, não florece
Sem ser da destra mão limpa e regada,
C'o tempo, e arte flor e fructo parece.

Do tempo espera a cura dos teus damnos,
Que tudo em fim o tempo remedea,
Apezar de successos deshumanos.

O que fama não quer por virtuoso,
O que de todo a vicios se entregou,
Não pode, ainda que lembre, ser famoso.

Mil couzas que no publico tachamos,
Seguimos no secreto á redea solta,
Cuidando de enganar, nos enganamos.

O bom espirito, que pertende fama,
Ser louvado do povo não deseja,
Que sempre ao menos sabio mais afama.

Da canção a Nossa Senhora, feita em seu captiveiro,

Oh Virgem das mais Sanctas a mais Sancta,
Do inconstante mar fiel Estrella,
Porta do Paraiso, estrada e guia.
Volvei os olhos bellos, Virgem bella,
Vêde tanta tristeza, magoa tanta,
Quanto com magoa choro noite, e dia
Não me deixeis sumir, doce Maria,
Neste profundo pégo:
Porque Povo tão Cégo
Como se ri de mim de vós não ria,
E saiba que deixastes castigar-me
Por gran peccado meo.
E não por não poder do seo livrar-me.

Oh Virgem de humildade, e graça cheia,
Que converteis em riso o triste pranto,
Da triste, miseravel vida nossa,
Como vos cantarei alegre canto
Captivo, sem repouso em terra alheia,
Entre barbara gente imiga vossa?
Desatai vós esta cadeia grossa,
Que meos erros sem fim,
Forjaram contra mim,
Porque solto por vós cantar-vos possa
Nas ribeiras do Lima sem receio;
Oh Madre de Jesus,
Não do turvo Lucus de Sangue cheio.

Da Elegia acerca da perda da batalha de Africa.

Não choro quanto a mim vêr-me perdido;
Choro que vi perder em breve espaço
Um Rey tão bellicoso, e tão temido.
Na ventura lhe foi o Ceo escasso,
Tanto quanto em esforço liberal
O que bem nos mostrou seu forte braço.
Que nunca Scipião, nunca Annibal
Fizeram nos imigos tal estrago,
Mas emfim contra mil um só que val?
Vendo a Morte que dava justo pago,
A quem chegar-lhe perto não recêa,
Enviou-lhe de largo o mortal trago.
Cahio na rubicunda, e ardente area
O Lusitano Rey, e a lingoa fria
Deu o final suspiro em terra alhêa.
Vai-te, animoso esprito á companhia
D'outros mil, que por ti no Ceo esperam,
Vai-te á vida milhor a milhor dia.
As azas, que, da fama, se estenderam,
Teu nome espalharão pelo universo,
Como teus pensamentos pertenderam.

....

Ah jornada infelice? ah cégo engano!
Deixar tão rica terra, hir a desterros
Por livrar de um Tyrano, outro Tyranno.
Ambos imigos nossos, ambos Perros
Ambos despresadores da Cruz Santa,
Ambos tinham um culto, ambos mil erros.
Quem põe os olhos nisto não se espanta,
De permittir o Ceo castigo tanto
A descuido tamanho, a culpa tanta.
Dia cheio de dôr, cheio de espanto,
Em quanto o Ceo der luz, verdura os prados
Celebrado serás com triste pranto.
Morrestes, Cavalleiros esforçados,
Daquella multidão de bruta gente
Vencidos não, mas de vencer cansados.
Soará vossa fama eternamente
Da callida Ethiopia ao Norte frio,

E donde o Sol nos nasce athe Poente.

....

Oh Sol, como tua luz não encobriste
Quando do Real sangue Lusitano,
As hervas, que secaste, humidas viste.
Que Libico Leão, que Tigre Hircano
Negará desusada piedade,
A lastima tamanha, a tanto damno?
Não te valeo, oh Rey, a tenra edade,
Não te valeu esforço, nem destreza,
Não te valeu suprema Magestade.
Das armas a provada fortaleza
Poderosa não foi para guardar-te
Da mão de fogo armada de crueza.
Conjurou contra ti o fero Marte,
Vendo que sua fama escurecias,
Se vencedor ficavas desta parte.
Acabou, juntamente com teus dias,
Do Lusitano Reyno a segurança,
Que tu estender tanto pertendias.
Dos teus na tua incerta confiansa
Qual se desenganou, se não do Imigo
O pelouro mortal, o alfange, a lansa?
Cobriam com teu gosto o teu perigo
Estando teu perigo já tão claro,
A fim de não valer menos comtigo.

....

Se fôras com bom zelo aconselhado
Não vieras com poucos buscar tantos,
Oh Rey, por nosso mal, tão esforçado,

....

A riqueza vencida no Oriente
Veio, n'um dia só, por varia sorte
A vencer cá a vencedora Gente.
Cahio o fraco alli junto do forte,
Não houve d'alto a baixo differença,
A todos igualou a dura morte.
Logo como do Ceo teve licensa,
Sem esperar mais termo natural,
Cumprio a cada um sua sentença.
Oh illustre valor de Portugal,

Quem podia cuidar perda tamanha?
A quem não abrangêo tamanho mal?
  No gran campo que o turvo Lucos banha
O ar vos deixam só por cobertura!
Que não vos quiz cobrir a terra estranha.
  E ainda por ser môr a desventura,
As Feras com as Aves carniceiras
Vos deram em seus ventres sepultura.
  Mas vós, Espiritos puros, nas Cadeiras
Da gloria merecida, a que subistes,
Dá-vos pouco das honras derradeiras.
  Não tendes que temer successos tristes,
A que vos obrigava a humana ley,
Estando na prisão, de que sahiste.
  Oh amigos, com quem me aventurei,
Com quem fui, sem ventura, aventureiro,
Sempre, pois vos perdi, triste serei.
  Sendo no fero assalto companheiro,
A vós pôz-vos no Ceo o fim da guerra,
A mim em miseravel captiveiro.

Versos melodiosos.

  Tudo o que nella vêjo me emtristece,
Triste me deixa o Sol em trasmontando,
Triste me torna a vêr quando amanhece.
  As Flores para ti mais cedo crescem
As aguas em te vendo correm brandas,
Os dias mais formosos amanhecem.
  Se tu nos prados, se nos bosques andas,
Alli nunca falesce a Primavera,
Alli toda a aspereza logo abrandas.

Da Carta a João Gomes da Gram.

  As Estatuas do Tempo são gastadas,
Tambem o foram já suas memorias,
Se não foram das Musas conservadas.
  Mas não te contariam mil victorias
Dos nossos valorosos Lusitanos,
Porque elles são mais d'obras, que de Historias.

Os celebrados Gregos, os Troianos,
Os famosos Romãos Conquistadores
Não foram mais nas obras soberanos.
Mas se no Mundo tem muitos louvores,
A causa disso foi porque souberam
Grangear os prudentes Escriptores.
As honras, e mercês, que receberam
Oppiano, e Virgilio foram pennas,
Com que tão altas couzas escreveram.
Porque menos Coimbra do que Athenas,
Porque mais fará Roma, que Lisboa
Cantar ao som das Armas as Camenas?
Dos Engenhos a quem Phebo encordôa
A doce, a branda Lyra com mão propria,
A quem de verde Louro dá côroa,
Quando é que entre nós houve maior copia?
E porém de Mecenas tantos temos
Como de Brancos tem a Ethiopia.

Da Carta a D. Gonçalo Coutinho.

Aquella é mais formosa, e rica Musa,
Que sempre nas figuras, e palavras
Conformes ao sujeito, e uso, as usa,
Está tão mal a um pastor de Cabras,
Tractar de Astrologia, e Medecina,
Como a um grande Rey de Gado e Cabras.
Eu sei d'alguns, que, por mostrar Doutrina
Sem guardarem docóro se desviam
De quanto a experiencia, e Arte ensina.
Estes, e os que de si tanto se fiam,
Que não admittem bom juizo alheio
O castigo de Marsyas mereciam.
Os versos destes taes serve o Lotheio,
Ou vão para embrulhar Drogas na tenda,
Como tambem dos meus inda receio.
Quem se teme de si, quem sofre emenda,
Não tem de quem temer, nem dá motivo,
Que nelle ache a malicia, que reprehenda.
Deixa depois de morto nome vivo,
E adorna os seus escriptos de brandura

Com ser contra si mesmo duro, e esquivo.
  O Tempo o mau descobre, o bom apura,
Umas couzas reprova, outras inventa,
O que vai de vagar mais se segura.
  Quem tanto de seus versos se contenta,
Quem cuida que não ha que emendar nelles,
Afronta ás suas faltas accrescenta.
  A'porta punha o celebrado Appelles
Do seu ingenho raro os partos bellos,
Não fiando de si a emenda delles.
  Eu já li versos, que para entendel-os
Cumpria ser Mirlem, ou Nigromante,
Ou andar com Apollo aos cabellos.
  E outros tão pezados, que Athalante
Não podéra suster sós dois Tercetos,
E com trez não daria um passo adiante.
  Eu, Senhor, já podera ter bisnetos
Depois que comecei a fazer Trovas,
E ainda bem não caio nos Sonetos.
  E vêjo muitos que ainda as pennas novas
Com que sahem do ninho não mudaram,
E querem de Poetas fazer provas;
  Por isso nas emprezas, que tomaram,
Tão fraca, e friamente procederam,
Que em vez de honra ganhar se deshonraram.
. . . .
  Ah! quem me dera agora a liberdade
Que tive n'outro tempo, n'outro estado,
Para poder fallar mais á vontade.
  Mas para que? se estou certificado,
Que certos desenganos pouco prestam,
Com quem não quizer ser desenganado.
  Reprensões, e verdades, que mollestam,
Basta serem tocadas de passagem,
Por que inda muito assim nos manifestam.
  Por tanto mudo aqui a linguagem,
A vida, que escolheste aldeã,
Que faz a esta de cá muita vantagem.
  Ahi mais cedo vêdes a manhã,
Que bella em Oriente se levanta,
Vestida de ouro, azul, de neve, e grã,

Ahi o rouxinol mais doce canta,
E as mais aves livres de senhores
Mais livres vôam de uma em outra planta.
Ali se alegra a vista com as flores,
Que tem a verde selva matizada
De novas, naturaes, alegres côres.
Ahi no ramo a fructa pendurada
O gosto vos desperta, e vos convida
Não colhida sem tempo, nem comprada.
Ahi, segundo o meu entendimento,
De mais alegre vida vos lograes,
Que quantos della tem contentamento.
Ahi, quando quereis caçar, caçaes
Pêga com gavião, com galgo lebre,
A poucos passos, que no campo daes.
Ahi pouco vos dá que as pazes quebre
O Calipha do Egipto, e o Saladino,
Nem que o Prestre João morra de febre.
E menos, que Rinaldo Paladino,
Va por amor d'Angelica la bella
A'serra d'Ossa a se metter Beguino.
Ahi, sem passar mar, nem mudar sella,
Vereis pintado o Mundo, ou por escripto
Em Plinio, Ptolomeo, Pomponio Mella.
Ahi não vos abrange o interdicto,
Que pôz Rabi Asar em Babilonia,
Porque largou Granada El-Rey Chiquito.
Ahi viveis em fim sem ceremonia,
E ledes, sem estorvo, um dia todo
Sem vos ser necessario Celidonia.
Finalmente, Senhor, eu me resumo,
Que outra vida não ha que milhor seja,
Posto que a todas vou lansando o prumo.
Quem a póde gozar, que mais deseja?
A que Banda, a que Mythra, a que Corôa,
A que couza do Mundo tem inveja?
Do mal ahi mais tarde a nova sôa,
Do bem hi vô-la manda o bom amigo,
Ou seja de Madrid, ou de Lisboa,
Uma, e outra vos affirmo, e digo,
Que na vida do campo corre a vida,

E a alma tambem , menos perigo.
  Soberba não é vista , nem ouvida
Entre simples , e humildes Lavradores ,
Nem falsa hypocrisia conhecida.
  Não trazem entre si aduladores ,
Que por proveito seu e alheio damno ,
Ao gosto sempre fallam dos Senhores.
  Ali não tem logar o falso engano
Em escripturas , tractos , e destractos ,
Em ouro , e prata , nem em seda , e pano.
  Ahi em vãos , sobejos apparatos
Não gastam o que tem , e o que não tem ,
E appellar depois para Pilatos.
  Emfim , Senhor , vós escolheste bem ,
Seja por uma via , ou por outra via ,
Tal vida por agora vos convem.
  Concede-vos ahi a noute , e o dia
Branda conversação , casta , soave
Com vossa bella Esposa em companhia.
  Ella do peito seu vos deu a chave ,
Vós lha deste tambem do peito vosso ,
E assim não tem Amor , de que se aggrave.
  Ah , Senhor Dom Gonçalo , que não posso
Tractar desta materia como devo ,
Tal ando eu , tal anda o tempo nosso.
  Este , em que eu estes versos vos escrevo ,
A negocios , que emportam , fui roubando ,
Por elles ser mais largo não me atrevo.

Da carta a seu irmão Fr. Agostinho da Cruz quando este tomou o habito de capucho sem lho communicar.

  Em que te mereci que me negasses
Teu pensamento bom , teu bom desejo
Primeiro que do Mundo te appartasses ?
  Agora sinto , Irmão , agora vejo ,
Que tinhas pouco amor pera comigo ,
Sendo pera comtigo o meu sobejo.
  Perdoa , se te agravo no que digo ,
Não te posso negar que sou humano ,
E que da Natureza a regra sigo.

Faz nesta parte a dôr á razão damno,
Não me deixa cuidar quanto accertaste,
E como tudo o mais é puro engano.

Da carta [de] Fr. Bernardo da Cruz em resposta a esta.

Culpas o meu amor, e dizes quanto
Me tinhas; muito foi; não sei se diga
Que tenho agora mais sempre outro tanto.
A Ley do Redemptor não desobriga
A quem a professou, ser obrigado
Daquillo, a que a razão humana obriga.
Se quiz que nosso inimigo fosse amado,
Como não quererá que nosso amigo
Seja no mesmo amor avantajado?
Quão ditosos, quam bem considerados
Os dias são daquelles, que fugindo
Pelos desertos vão despovoados.
Agora do coelho vão seguindo
Os passos, que lhe mostra o cão ligeiro,
Que busca, corre, salta, e vai latindo.
Ora se vai trepar no sovereiro
D'onde, sem ser ferido, o porco fira,
Que por ferir escuma no terreiro.
Ora no raso campo onde se estira
O galgo apoz da lebre fugitiva,
No cançado rocin se ponha á mira.
Ora tome, caçando, a perdiz viva,
Das mãos do seu açor, ou do seu laço,
Ficando a preza d'um d'outro captiva.
E se de condição fôr mais escaço,
No rio vá pescar peixes á cana
Que a marateca tem como bagaço.

Da Elegia do mesmo deplorando a morte de Bernardes,

Que mór consolação, que mór ventura,
Antes quanto favor de Deus alcança
Quem dá na vida á vida sepultura!
Ah claro, e caro Irmão, que confiança
Me fica neste passo saber certo,

Que tinha lá no Ceo tua esperança!
  Sabias que da morte andavas perto,
Perto tambem de Deus a desejavas,
Como d'antes me tinhas descoberto.
  Que nem sempre do Lima praticavas,
Nem sempre cá do Téjo só comigo,
Nem tudo era poesia o que tratavas.
  Eras, alem de Irmão, mais do que amigo,
Por me veres do Mundo despedido,
Cujos males chorar vinhas comigo.
  Tinhas chorado assás, tinhas gemido,
O tempo vão da verde mocidade,
Na velhice madura conhecido.
  Não se deixa sentir a vaidade,
No principio da vida grangeada,
Quando contra a razão reina a vontade.
  D'um gosto n'outro falsa encaminhada,
Não sofre mais ouvir do que deseja,
Nem sabe desejar couza accertada.
  É necessario pois que se proveja
D'alheio parecer na causa sua,
Porque na sua o seu sempre manqueja.
  Mas porque mais não note, nem argúa,
Os defeitos communs da Natureza
Dos meus quero tractar na morte tua.
  Eu cuidava bastar a fortaleza
Da solitaria serra, em que eu habito,
Para fortalecer minha fraqueza.
  Mas nella se abalou mais meu espirto,
Que chorando não fica consolado
Da muito aguda dôr, que o tem afflicto.
  Dôr, que no coração amargurado,
De momento em momento mais se entranha,
Sem que possa ficar desafogado
Nas lagrimas de amor em que se banha.

PEDRO DA COSTA PERESTRELLO.

Perestrello contemporaneo de Ferreira e Camões foi insigne poeta; e posto que ainda não tenham apparecido impressos ou manuscriptos os seus poemas a *Batalha Ausonia* e o *Descobrimento da India*, a collecção de poesias que delle publicou Antonio Lourenço Caminha lhe dá o titulo de classico portuguez.

Paraphrase das lições de Job.

Porque, Senhor, lhe diz, és contra mim,
E queres opprimir á força pura
A obra de tuas mãos, feita por Ti?
Parece-te justiça por ventura
Os maus serem de Ti favorecidos,
Condemnados os bons tua feitura?
Teus olhos por ventura esclarecidos
São de carne, Senhor, e corporaes,
Quaes vêmos os dos homens cá nascidos?
Ou são, Senhor, teus dias naturaes
Quaes nossos dias são? ou os teus annos
C'os tempos vão correndo desiguaes?
Porque, Senhor, por termos inhumanos
Meus peccados inquires, e maldade,
E sem culpa padeço tantos annos?
Justiça peço a Ti, Deus de verdade,
Livre de vicios, e desejos vãos,
Pois ninguem com peccados, ou maldade
Póde, Senhor, fugir das tuas mãos.

Tuas mãos que de nada me fizeram,
De graças mil, e dotes rodeado,
Comtigo contra mim te converteram.
Pois lembre-te, Senhor, que sou formado
De lôdo, e pó, que em carne converteste,
E depressa serei nelles tornado.
Qual leite me mungíste, e composeste,
Como massa do queijo me ajuntaste.
De carne, nervo, e ossos me fizeste.

De piedade, e vida me dotaste,
Com teu soccorro, e bem favorecido,
Visitaste minha alma, e me amparaste,
Espirito me deste engrandecido.

Dita fôra mui grande, em que me vira,
Se dentro dos Infernos me amparasses,
E me escondesses thė passar tua ira;
E tempo certo algum me lemitasses,
Em que depois daquella pena esquiva
De dar fim a meus males te lembrasses.
Qual homem morto cuidas tu que viva?
Meus males cessem, e do corpo austero
Desejo desatar a alma captiva.
E, se me chamas responder-te quero,
« Sou obra de tuas mãos, dá-me a direita,
« Em que salvar-me do naufragio espero.
« De meus passos tomaste a conta estreita,
« Vistos os tens, Senhor, e numerados,
« A conta que fizeste hei por bem feita,
« Mas tu, bom Deos, perdoa os meus peccados. »

Homem nascido da mulher, e enfermo
De pouca vida, e de miserias cheia,
Que passa como a flor em breve termo.
E quasi ao vento como solta areia
Fugindo em sopro a nós desapparece,
Ou como sombra, que do Sol se alheia.
Que no mal, e mudanças que padece,
Não teve, nem terá alegre um dia,
Nem nunca n'um estado permanece.
A este pois, Senhor, nesta agonia
Com sanha abres teus olhos, e o destinas
A juizo severo em tal porfia?
Quem podera, bom Deus, obras indinas
Do sujo peccador fazer limpeza,
Se não as tuas mãos, que são divinas?
Do homem breves são por natureza
Os dias, e os mezes, mas consiste
Em ti delles o termo, e a certeza.
O quanto hão de durar constituiste,

Que traspassar não póde a humana gente :
Que queres pois , Senhor , ao homem triste ?
  Delle te aparta piedosamente ,
E deixa um pouco de lhe ser contrario ,
Porque goze de ti suavemente ,
E seja de seus dias mercenario.

  Pegou-se a minha pelle á minha bocca ,
A carne já tão fraca , e consumida ,
Que só c'os beiços a meus dentes toca.
  A Gente por mim chore entristecida ,
E pelo menos meus amigos sintam
A dôr da minha trabalhosa vida.
  E nunca desfavores teus consintam
Debaixo de tua mão ser perseguido
Daquelles , que os desastres meus requintam.
  Que quer dizer o peito endurecido
Dos homens , senão Deus ser-me inimigo
Farto de carne , que me tem comido ?
  Oh ! quem poderá neste gran perigo
Vêr que se escrevam declaradamente
Minha voz , e palvras como as digo !
  Oh quem me dera que destintamente
Em chumbo as escrevesse ó ferro duro ,
Ou pedreneira mais que o fogo ardente !
  Que vivo , meu bom Deos , estou seguro ,
Que da Terra no dia derradeiro ,
Em carne , pelle , e osso vivo , e puro ,
  Homem resurgirei , qual fui primeiro ,
Com olhos proprios meus , e não alheios ,
Verei então a ti , Deus verdadeiro
C'os d'alma em tanto de esperanças cheios.

  Porque , Senhor , das corporaes entranhas
Da mulher me tiraste , e fui trazido
A vêr miserias tantas , e tamanhas ?
  Melhor me fôra então ser consumido ,
E não me vira em tanta desventura
Se quasi sem nascer fôra nascido ?
  E do ventre levado á sepultura ,
O fim se antecipára de meus dias ,

Que sei são breves, e de pouca dura.
  Deixa-me pois, Senhor, as agonias,
E dôres lamentar desta alma tua
Antes de entrar nas tenebrosas vias.
  E assim comigo de tornar me exclua
A vêr terra tão secca, e tenebrosa
De miserias coberta, e morte crua.
  E da sombra me guardes espantosa,
Onde só trevas, e clamor do inferno
Em confusão habitam lastimosa,
Desordem, dor, temôr, e pranto eterno.

Dissuadindo a El-rei D. Sebastião da conquista d'Africa.

  A Guerra é doce vista na apparencia,
Terrivel, fêa, fera, e espantosa
A quem della tem mais experiencia.
  Em apparato, e resplendor famosa,
Nos effeitos cruel Serpe malina,
Sobre todas as pestes perniciosa.
  Quem nella viu de furia serpentina
Corpos nos campos feitos natomia
Ter nos Abutres sepultura indina.
  E quem as nuvens d'arcabuzaria,
Estrepito, furor, grita, e espanto
De horrendos trons da grossa artelharia;
  E quem sangue de vivos correr tanto
Que delle tintos viu passar os rios,
E dos feridos o clamor, e espanto.
  Perde da mocidade os altos brios,
E teme com razão (delles isento)
Tornar a tantos duros martyríos.
  Ora contra isto corre o pensamento
Com furia juvenil ao que não viu,
Em que busca prazer, e acha tormento.
  E como não passou, viu, nem sentiu
O mal da guerra antes de entrar nella,
Não póde vêr quão mal se persuadiu.
  O grande Xerxes com milhões de gentes,
Gozando em paz a grande monarchia
De seus reinos quietos, e florentes.

Quiz conquistar a Grecia com porfia,
De tomar para si o que era alheio,
Tocado de soberba, e phrenesia.
Chegado a ella conheceu o enleio,
E com poucos dali rôto, e vencido
Desbaratado a seus dominios veiu.
O outro Cyro fero, e tão temido,
Se o peito moderára denodado,
E fôra satisfeito do adquerido,
Não fôra por Thomiris degolado,
Nem seu peito, que em sangue se mantinha,
No odre do seu proprio mergulhado.
Cousas são de cruel vida mesquinha,
Em que por culpa de homens temerarios
Por graves desventuras se caminha.
Ninguem se livra de successos varios,
Se não se conservar co'a paz amada
Em seus termos suaves, e ordinarios.
Cousa foi dos antigos bem notada
Nos Alexandres, Pyrrhos, e outros taes
Reprovando de guerras a jornada.
Houveram que nos Paços seus reaes
Poderam ser supremos, e excellentes
Gozando fama, e nome de immortaes.
E sendo dano cruel de tantas gentes,
Perderem com viver menos famosos
Mais quietos viver, e mais contentes.
Sentença foi de sabios curiosos
Dizerem que mais vale aos reys da terra
Ser justos do que val ser poderosos.
Estado é o dos Reys sublime, e honroso,
Se co'a Phylosophia sempre unido,
O rey fôr sabio quanto é poderoso.
E assi na paz de santas leys regido,
Os bens conseguirá perfeitamente,
Dos bons amado, e pelos maus temido.
Aqui lembro, Senhor, humildemente,
Exemplos de conquistas já passadas,
Que bem podem servir no que é presente.
Que sendo com resguardo ponderadas,
E antes de as provar bem entendidas,

Quanto forem dos sabios approvadas,
Tanto serão de Deus favorecidas.

Outava á morte de Lucrecia.

Se culpa tens Lucrecia no adulterio,
Foi justo premio tua morte feia;
E se culpa não tens, foi vituperio
Chegar a te matar por culpa alheia.
E posto que das castas tens o imperio,
E por fama geral assim se creia,
Ainda nella duvidosa corres,
Se casta vives, se culpada morres.

LUIZ DE CAMÕES.

Posto que o louvor proprio mal esteja,
Quem louvará Camões, que elle não seja?
ULYSSIPO. CANT. XII.

Aquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.
LUSIADAS. CANT. X.

Para servir-vos braço ás armas feito;
Para cantar-vos mente ás Musas dada.
LUSIADAS. CANT. X.

Qual Canace, que á morte se condemna,
N'uma mão sempre a espada, e noutra a penna.
LUSIADAS. CANT. VII.

CAMÕES, nascido na cidade de Lisboa em 1524, contemporaneo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Jeronymo Corte-Real e de outros poetas insignes, que d'elle nunca fallaram em suas poesias, foi um d'esses genios raros, que lá de seculos em seculos apparecem para abrir á

posteridade novos caminhos nas artes e sciencias, aperfeiçoar o que está feito, e pôr o sello da immortalidade nas obras, que devem servir de modello e padrão ás gerações futuras. Apurou, enriqueceu, poliu e fixou a lingua patria; creou o dialecto poetico, separando-o da prosa, com que até então andava confundido, e, elevando-o ao seu maior gráo de sublimidade, introduziu novas palavras, e novas formas de dizer tão naturaes, tão puras e elegantes, que até hoje ainda não envelheceram, nem jámais envelhecerão como tem envelhecido as dos seus contemporaneos. Foi o Astro da Litteratura Portugueza, que illuminou as acções grandes, e heroicas dos filhos da Lusitania, e as fez patentes aos olhos do universo. Morreu no anno de 1579, seguinte ao da perda fatal d'el-rei D. Sebastião na batalha de Alcacer-Kibir, eclypsando-se com elle toda a gloria do seculo de ouro da Monarchia Lusitana, á qual deixou levantado um monumento eterno no seu Poema intitulado: Os Lusiadas.

Versos conceituosos.

Oh caminho da vida nunca certo!
Que onde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança.
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céo sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno.
Onde reina a malicia está o receio,
Que o faz imaginar no peito alheio.
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se la dos ceos não vem celeste aviso.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lirio rôxo, a fresca rosa bella
Qual reluce nas faces da donzella.
Ali a cabeça a flor Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa paphia, inda suspiras.
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,

Se lá de cima a guarda soberana
Não acudir á fraca força humana ?
  Depois de procellosa tempestade
Nocturna sombra , e sibilante vento ,
Traz a manhã serena claridade ,
Esperança de porto e salvamento.
  Com esta condição pezada e dura
Nascemos ; o pezar terá firmeza ,
Mas o bem logo muda a natureza.
  Quão facil é ao corpo a sepultura !
Quaesquer ondas do mar , quaesquer outeiros
Estranhos , assim mesmo como aos nossos ,
Receberão de todo o illustre os ossos.
  Quão doce é o louvor , e a justa gloria
Dos proprios feitos quando são soados !
Qualquer nobre trabalha , que em memoria
Vença , ou iguale os grandes já passados.
  As invejas da illustre e alheia historia .
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valorosas obras exercita ,
Louvor alheio muito o esperta , e incita.
  Sem vergonha o não digo , que a razão
D'algum não ser por versos excellente ,
É não se ver presado o verso , e rima ,
Porque quem não sabe a arte , não a estima.
  Por isso , e não por falta de natura ,
Não ha tambem Virgilios , nem Homeros ;
Nem haverá se este costume dura
Pios Eneas , nem Achilles feros.
  Porem não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito ;
Que por esta , ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço , e sua valia.
  . . . . . ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.
  . . . . . alegria não pode ser tamanha ,
Que achar gente visinha em terra estranha.
  . . . . do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.
  O prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros , e parentes ,

Cada um, tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.
. . . . . . essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente :
Melhor é merecel-os sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
C'os seus uma ira insana não refrea,
Põe na fama alva noda negra e fea.
. . . . o bom religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.
Tomae conselhos só de experimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que posto que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.
Crer tudo emfim; que nunca louvarei
O capitão que diga: Não cuidei.
A virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade.
. . . . . tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes.
Occultos os juizos de Deus são!
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deus pura.
. . . . esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.
Inimiga não ha tão dura e féra
Como a virtude falsa da sincéra.

Da Canção III.— Manhã clara e serena.

Já a roxa manhã clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.

O sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz ella pressuroso,
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiram nas hervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando;
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.
A manhã bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena.

Da canção XVI. A ribeira de Buina.

Por meio d'umas serras mui fragosas,
Cercadas de silvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes aguas deleitosas,
Na ribeira de Buina, assim chamada,
Celebrada,
Porque em prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura,
Assim se mostra amena, assim graciosa,
Que excede a qualquer outra mais formosa.
As correntes se vem que acceleradas
As hervas regando e as boninas,
Se vão a entrar nas agoas Neptuninas,
Por diversas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea arêa
Bem se arrêa;
Voam aves;
Mil suaves
Passarinhos,
Nos raminhos,
Acordemente estão sempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.

O doce rouxinol n'um ramo canta,
E de outro o pintasirgo lhe responde;
A perdiz d'entre a mata, em que s'esconde,
O caçador sentindo, se levanta;
Voando vai ligeira mais que o vento;
Outro assento
Vai buscando,
Porêm quando
Vai fugindo,
Retinindo,
Traz ella mais veloz a setta corre,
De que ferida, logo cai e morre.
Aqui Progne d'um ramo em outro ramo,
Co' o peito ensanguentado anda voando;
Cibato para o ninho indo buscando;
A leda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador que a rede estende,
E pretende
Com engano
Fazer damno
Á coitada,
Que enganada
D'uns esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cair de seu imigo.
Aqui soa a calhandra na parreira;
A rola geme; palra o estorninho;
Sae a candida pomba do seu ninho;
O tordo pousa em cima da oliveira;
Vão as doces abelhas susurrando,
E apanhando
O rocío
Fresco e frio,
Por o prado
De herva ornado,
Com que o aureo licor fazem, que deo
Á humana gente a industria de Aristeo.
Aqui as uvas luzidas penduradas
Das pampinosas vides resplandecem;
As frondiferas arvores se offerecem
Com differentes frutos carregadas;
Os peixes na agua clara andam saltando,

Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comsigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.
Aqui por entre as serras se levantam
Animaes Calidoneos, e os veados,
Na fugida ainda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pés se espantam.
Sai o coelho, a lebre sai manhosa
Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Cão ligeiro;
Mas primeiro
Que ella ao contrario fervido se entregue,
A vezes deixa em branco a quem a segue.
Luzem as brancas e purpureas flores,
Com que o brando Favonio a terra esmalta;
O formoso jacintho alli não falta:
Lembrado dos antigos seus amores;
Inda na flor se mostram esculpidos
Os gemidos;
Aqui Flora
Sempre mora,
E com rosas
Mais formosas,
Com lirios e boninas mil fragrantes,
Alegra os seus amores circumstantes.
Aqui Narciso em liquido crystal
Se namora de sua formosura;
Nelle as pendentes ramas da espessura
Debuxando-se estão ao natural.
Adonis, com que a linda Cytherea
Se recrea
Bem florido
Convertido
Na bonina,
Que Erycina

Por imagem deixou de qual seria
Aquelle por quem ella se perdia.
  Lugar alegre, fresco, accommodado
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego amor tivesse derribado;
E para memorar ao som das aguas
        Suas maguas
        Amorosas,
        As cheirosas
        Flores vendo,
        Escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.

Da canção X.— O Cabo Feliz.

  Junto d'um secco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido
É *Feliz*, por antiphrasi infelice;
        O qual a natureza
        Situou junto á parte,
Aonde um braço de alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice,
        Ficando á parte donde
O sol, que nella ferve, se lhe esconde;
O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que de Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado;
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.

Da Elegia I.— A vida do campo.

Oh lavradores bemaventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara da agua pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vêm o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grão cobiça de ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado;
Se não tem as delicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda, e o jacintho;
Se suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltam.
Ali lhe mostra o campo varias cores;
Vêem-se os ramos pender co'o fruto ameno;
Ali se affina o canto dos pastores.
Ali cantára Títyro e Sileno;
Em fim, por estas partes caminhou
A sã justiça para o ceo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou.

Da Elegia XI.— Deus.

Se quando contemplamos as secretas
Causas porque este mundo se sustenta,
E o revolver dos céos e dos planetas;
E se quando á memoria se presenta
Este curso do sol tão bem medido,
Que um ponto só não mingua, nem augmenta;

Aquelle effeito tarde conhecido
Da lua, na mudança tão constante,
Que minguar e crescer é seu partido;
Aquella natureza tão possante
Dos céos, que tão conformes e contrarios
Caminham sem parar um breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que não mente,
Co'os effeitos da terra necessarios;
Se quando, em fim, revolve subtilmente
Tantas cousas a leve phantasia,
Sagaz escrutadora e diligente;
Bem vê, se da razão se não desvia,
Aquelle unico SER, alto e divino,
Que tudo póde, manda, move e cria.

Soneto a D. Fernando de Castro.

Debaixo desta pedra está mettido,
Das sanguinosas armas descançado,
O capitão illustre e assignalado,
Dom Fernando de Castro, o esclarecido.
Este por todo o Oriente tão temido,
Este da propria inveja tão cantado,
Este, emfim, raio de Mavorte irado,
Aqui está agora em terra convertido.
Alegra-te, ó guerreira Lusitania,
Por est'outro Viriato que criaste,
E chora a perda sua eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania;
Que se a Roma com elle anniquilaste,
Nem por isso Carthago está contente.

Soneto á constancia de Jacob.

Septe annos de Pastor Jacob servia
Labão, Pae de Rachel, Serrana bella,
Mas não servia ao Pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.
Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vel-a,

Porém o Pae, usando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe dava Lia.
  Vendo o triste pastor, que com enganos
Assim lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,
  Começou a servir outros septe annos,
Dizendo « mais servira, se não fôra
« Para tão longo amor tão curta a vida!

Da canção XI, em que o Poeta se lastima das adversidades da fortuna.

  Desta arte a vida em outra fui trocando,
Eu não, mas o destino fero, e irado;
Que eu ainda assim por outra não trócara,
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o largo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida chara,
Agora experimentando a furia rara
De Marte que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fructo seu,
      E neste escudo meu
A pintura verão do infesto fogo;
Agora peregrino, vago, errante
Vendo Nações, linguagens, e costumes
Ceos varios, qualidades differentes
Só por seguir com passsos diligentes
A ti, Fortuna injusta, que consumes
As edades levando-lhes diante
Uma esperança em vista de diamante:
Mas quando das mãos cahe se conhece,
Que é fragil vidro aquillo, que apparece!
  A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via
No perigo primeiro; e no segundo
Terra, em que pôr os pés me fallescia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me emfim o tempo, e o Mundo.
Que segredo tão arduo, e tão profundo
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o mundo tem para ella!

E não poder perdel-a
Estando tantas vezes já perdida!
Emfim não houve transe da Fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
Injustiças daquelles, que o confuso
Regimento do Mundo, antigo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos,
Que eu não passasse atido á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços!
Não conto tantos males como aquelle,
Que depois da tromenta procelosa
Os casos della conta em porto lèdo;
Que inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar um só passo tenho medo.
Já do mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me falleça já pertendo,
Que para mim não val astucia humana,
De força soberana,
Da providencia emfim divina pendo.
Isto que cuido, e vêjo ás vezes tomo
Para consolação de tantos danos,
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
Senão memoria dos passados annos:
As agoas, que então bebo, o pão que como,
Lagrimas tristes são que eu nunca domo,
Se não com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas de alegria.

Da Ode IX.— A Primavera e mais estações.

Fogem as neves frias
Dos altos montes, quando reverdecem
As arvores sombrias,
As verdes hervas crescem,
E o prado ameno de mil flores tecem.

Zephyro brando espira ;
Suas settas amor afia agora ;
Progne triste suspira ,
E Phylomella chora ;
O Ceo da fresca terra se namora.

Já a linda Cytherea
Vem do choro das Nymphas rodeada ;
A branca Pasytea
Despida , e delicada
Com as duas Irmãas acompanhada ,

Em quanto as officinas
Dos Cyclopes Vulcano está queimando ,
Vão colhendo boninas
As Nymphas , e cantando
A terra co' ligeiro pé tocando.

Desce do aspero monte
Diana , já cançada da espessura ,
Buscando a clara fonte
Onde por sorte dura
Perdeu Actheon a natural figura.

Assim se vai passando
A verde Primavera , o secco Estio :
O Outono vem entrando ,
E logo o Inverno frio ,
Que tambem passará por curto fio.

Hir-se-ha embranquecendo
Com a frigida neve o secco monte ;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte ,
Temerá o marinheiro o horisonte.

Porque emfim tudo passa ;
Não sabe o tempo ter firmeza em nada ;
E a nossa vida escassa
Foge tão appressada ,
Que quando se começa é acabada.

Que se fez dos Troianos,
Heitor temido, Eneas piedoso?
Consumiram-te os annos,
Oh Cresso tão famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento,
Crias, que estava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento,
Que a conta do teu dano
Do sabio Sólon creste o desengano!

O bem, que aqui se alcança,
Não dura por possante, nem por forte:
Que a bemaventurança
Duravel de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.

Porque emfim nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna;
Nem póde a Deosa casta
Tornar á luz superna
Hyppolito da escura sombra eterna.

Nem Theseo esforçado
Ou com manha, ou com força valorosa,
Livrar póde o ousado
Perithoo da espantosa
Prisão Lethea escura, e tenebrosa.

Floresta verde e sombria n'um formoso sitio.

Entre rusticas serras e fragosas,
Compostas de asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;
Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca e fria
Brotando estão de si mil arvoredos;
Uma floresta fez verde e sombria
A natureza experta, que rodêa
Como elevado muro a serrania.

Dos agrestes loureiros rodeado
Faz o valle uma sombra deleitosa
Quando apparece o sol mais levantado.
E por cima da relva bem graciosa,
As gotas de crystal quasi imitando
Estão de aljofar puro a luz formosa.
As crystallinas fontes, que brotando
Por entre alvos seixinhos se derivam,
Das arvores os troncos vão banhando.
As rosas que de sangue resplandecem
Nas candidas boninas marchetadas,
Qual roxo esmalte á vista bem se offerecem.
Do matutino orvalho rociadas,
As flores rutilantes e cheirosas,
Estão como por cima prateadas.
Os humidos botões abrindo as rosas
Que os agudos espinhos vão cercando
No prado se vem rindo deliciosas.
A mellifera abelha susurrando
Por cima das boninas, que rodêa,
Está c'o som das aguas concertando.
Do tremulo regato a branda arêa
De jacinthos se cobre e de vieiras,
Que encrespam da corrente a branca vêa.
Os alamos se abraçam co'as videiras
De sorte que se enxerga escassamente
Se são os cachos seus, se das parreiras;
E pendendo por cima da corrente,
Outro formoso bosque debuxando
Estão no fundo d'ella brandamente.

Elegia III.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Vêr-se de seus Penates appartado,
Sua cara mulher desemparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
Da sua Patria os olhos appartando,
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava

Do seu escuro, e triste nascimento.
  O curso das Estrellas contemplava,
E aquella ordem, com que descorria
O Ceo, o Ar, e a Terra adonde estava.
  Os peixes pelo mar nadando via,
As feras pelo monte procedendo
Como o seu natural lhe permittia.
  De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal
A sua natureza obedecendo.
  Assi só de seu proprio natural
Appartado se via em terra estranha,
A cuja triste dôr não acha igual.
  Só sua doce Musa o acompanha
Nos saudosos versos, que escrevia,
E nos lamentos, com que o campo banha.
  Desta arte me figura a phantasia
A vida, com quem morro desterrado,
Do bem que em outro tempo possuia.
  Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuchado.
  Aqui vejo caduca, e debil gloria
Desenganar meu erro co'a mudança,
Que faz a fragil vida transitoria.
  Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; me entristece
Vêr sem razão a pena que me alcança.
  Que a pena que com causa se padece,
A causa tira e sentimento della,
Mas muito doce a que se não merece.
  Quando a rôxa manhã dourada, e bella
Abre as portas ao Sol, e cae o orvalho,
E torna aos seus queixumes Phylomella,
  Este cuidado, que co' somno atalho
Em sonhos me apparece, que o, que a gente
Por seu descanço tem, me dá trabalho.
  E depois de accordado cegamente
Ou por melhor dizer desaccordado,
Que pouco accordo logra um descontente,
  De aqui me vou com passo carregado

A um outeiro erguido, e ahi me assento
Soltando toda a redêa a meu cuidado.
  Depois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.
  Não vêjo senão montes pedregosos,
E sem graça, e sem flôr os campos vêjo,
Que já florîdos víra, e graciosos.
  Vêjo o puro, suave, e rico Téjo
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.
  Umas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As cristalinas agoas appartando.
  Dali fallo co'a agua, que não sente,
Com cujo sentimento esta alma sae
Em lagrimas desfeita claramente.
  Oh fugitivas ondas, esperae,
Que pois me não levaes em companhia,
Ao menos estas lagrimas levae.
  Até que venha aquelle alegre dia,
Que eu vá onde vós ides, livre, e lêdo,
Mas tanto tempo quem o passaria?
  Não póde tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabará
Que se acabe tão áspero degredo.
  Mas essa triste morte que virá
Se em tão contrario estado me acabasse,
Esta alma assi impaciente adonde irá?
  Que se ás portas Tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal pela memoria
Nem ao passar do Lethes lhe passasse.
  Que se a Tantalo, e Ticio foi notoria
A pena com que vae, e que a atormenta,
A pena que lá tem terão por gloria.
  Essa imaginação, que emfim me augmenta,
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
  Que pois de todo vive consumida
Porque o mal, que possue, se resuma
Imagina na gloria possuida.

Até que a noite eterna me consuma,
Ou vêja aquelle dia desejado,
Em que a fortuna faça o que costuma,
Se nella ha hi mudar-se um triste estado.

Estanças sobre as erradas opiniões dos homens, e falsa idea da felicidade.

Demócrito dos Deoses proferia
Que eram só dois, a Pena, e o Beneficio.
Segredo algum será da phantasia
De que eu achar não posso claro indicio,
Que se ambos vem por não cuidada via
A quem os não merece é grande vicio
Em Deoses sem justiça, e sem razão,
Mas Democrito o disse, e Paulo não.

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
É fartàr esta sede cubiçosa
De querer dominar, e mandar tudo,
Com fama larga, e pompa sumptuosa;
Deixo aquelles, que tomam por escudo
De seus vicios, e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidam de si que são peores.

Aquelle deixo a quem do somno esperta
O gran favor do Rei, que serve, e adora,
E se mantem desta aura falsa, e incerta,
Que de corações tantos é Senhora.
Deixo aquelles, que estão co'a boca aberta,
Por se encher de thesouros de hora, em hora,
Doentes desta falsa hydropesia,
Que, quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A que já não ha alguem, que contradiga;
Nem de outra cousa alguma é governado,
Que de uma opinião, e usança antiga;
Mas pergunto ora a Cezar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga

Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencel-as, que alcançou?

Cezar dirá « Sou digno de memoria,
« Vencendo povos varios, e esforçados,
« Fui Monarcha do mundo, e larga historia
« Ficará de mais feitos sublimados, »
É verdade! mas esse mando, e gloria
Lograste–o muito tempo? os Conjurados
Bruto, e Cassio dirão, que, se venceste,
Em fim, em fim ás mãos dos teus morreste.

Dirá Platão « Por vêr o Ethna, e o Nilo,
« Fui a Cicilia, a Egypto, e outras partes,
« Só por vêr, e escrever em alto estylo
« Da natural Sciencia em muitas Artes. »
O tempo é breve, e queres consumil-o,
Platão todo em trabalhos, e repartes
Tão mal do teu estudo as breves horas,
Que em fim de falso Phebo o filho adoras?

Pois quanto des que vive já appartada
A alma desta prisão terreste, e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que, da fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sente nada,
O Cynico dirá se por ventura
No campo onde lançado morto estava
De si os cães, ou as aves enxotava.

De um certo Trasiláo se lê, e escreve
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido grão tempo o siso teve
Por causa de uma grave enfermidade;
E em quanto de si fóra doudo esteve
Tinha por teima, e cria por verdade,
Que eram suas as náos que navegavam,
Quantas no Porto Pyreo ancoravam.

Por um Senhor mui grande se teria
Além da vida alegre, que passava,

Pois nas, que se perdiam, não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo quando um dia
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
Chegando á patria, quando o viu perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

Aos medicos o entrega, e com aviso
O faz estar á cura refusada,
Triste porque tornar-lhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada.
As hervas Apolineas de improviso
O tornam á saude já passada,
Sisudo Trasiláo ao charo irmão
Agradece a vontade, a obra não.

Porque depois de vêr-se no perigo
Do trabalho, a que o siso o obrigava,
E depois de não vêr o estado antigo
Que a louca presumpção lhe appresentava,
« Oh inimigo Irmão com côr de amigo,
« Para que me tiraste (suspirava)
« Da mais quieta vida, e livre em tudo
« Que nunca pode ter algum sisudo ?

« Por qual Senhor algum eu me trocára,
« Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
« Que me dava que o mundo se acabára,
« Ou que a ordem mudasse a natureza?
« Agora me é penosa a vida cara,
« Sei que cousa é trabalho, e o que é tristeza,
« Torna-me ao meu estado, que eu te aviso
« Que na doudice só consiste o siso.

Ecloga I. — UMBRANO.

Que grande variedade vão fazendo,
Frendelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas varias, e insperadas!
Um dia a outro dia vae trazendo

Por suas mesmas horas já ordenadas :
Mas quão conformes são na quantidade,
Tão differentes são na qualidade.

Eu vi já deste campo as varias flores
Às estrellas do ceo fazendo enveja :
Adornados andar vi os pastores
De quanto por o mundo se deseja :
E vi co'o campo competir nas cores
Os trajes de obra tanta, e tão sobeja,
Que se a rica materia não faltava,
A obra de mais rica sobejava.

Agora tudo está tão differente,
Que move os corações a grande espanto ;
E parece que Jupiter potente
Se enfada já de o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo e descontente,
As aves deixam seu suave canto :
E o gado, inda que a herva lhe fallece,
Mais que da falta della se emmagrece.

FRONDELIO.

Umbrano irmão, decreto é da natura,
Inviolavel, fixo, e sempiterno,
Que a todo bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno :
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao suave verão o duro inverno :
E se ha cousa que saiba ter firmeza,
É sómente esta lei da natureza.

Toda alegria grande, e sumptuosa,
A porta abrindo vem ao triste estado :
Se um hora vejo alegre, e deleitosa,
Temendo a estou do mal aparelhado.
Não vês que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco, e verde prado?
Ah! não te engane algum contentamento,
Que mais instavel é que o pensamento!

E praza a Deos que o triste, e duro fado
De tamanhos desastres se contente ;

Que sempre um grande mal inopinado
É mais do que o espera a incauta gente.
Que vejo este carvalho que queimado
Tão gravemente foi do raio ardente,
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro Cultor meus campos are.

UMBRANO.

Em quanto do seguro Azambugeiro
Nos Pastores de Luso houver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no mundo tão assinalados;
Não temas tu, Frondelio companheiro,
Que em algum tempo sejam subjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offreça.

E posto que a soberba se levante
De inimigos a torto, e a direito,
Não creas tu que a força repugnante
Do fero, e nunca jà vencido peito;
Que desde quem possue o monte Atlante,
Aonde bebe o Hidaspe tem sujeito,
O possa nunca ser de força alheia,
Em quanto o Sol a Terra, e Ceo rodea.

FRONDELIO.

Umbrano, a temeraria segurança
Que em força, ou em razão não se assegura,
É falsa, e vãa, que a grande confiança
Não é sempre ajudada da Ventura.
Que lá junto das aras da Esperança,
Nemesis moderada, justa, e dura,
Um freio lhe está pondo, e lei terrivel,
Que os limites não passe do possivel.

Canta agora, pastor, que o gado pasce
Entre as humidas hervas socegado;
E lá nas altas serras onde nasce
O sacro Tejo á sombra recostado,
Co'os seus olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir aparelhado;
E com silencio triste estão as Ninfas

Dos olhos destilando claras linfas.

O prado as flores brancas, e vermelhas
Está suavemente presentando;
As doces, e solicitas abelhas
Com susurro agradavel vão voando:
As candidas, pacificas ovelhas,
Das ervas esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som divino
Que faz passando o Tejo cristalino.
O vento de entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio:
Nas sombras a ave gárrula suspira,
Sua magoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lira;
Que d'aquelle verde alamo sombrio
A branda Filomela entristecida
Ao mais saudoso canto te convida.

Delirios do Amor. Ecloga II.

Amor não será amor, se não vier
Com doudices, deshonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer, e desprazer,
Perigos, linguas más, murmurações,
Ciumes, arroidos, competencias,
Temores, nojos, mortes, perdições.
Estas são verdadeiras penitencias,
De quem põe o desejo, onde não deve;
De quem engana alheas innocencias.
Mas isto tem o amor, que não se escreve,
Senão donde é illicito, e custoso;
E donde é mais o risco mais se atreve.

Desafio entre pastores e pescadores. Ecloga. VI.

A rustica contenda desusada
Entre as Musas do bosque, e das arêas,
De seus rudos cultores modulada.

AGRARIO.

Vós semicapres Deoses do alto monte,

Phaunos longevos, satyros, silvanos,
E vós Deosas do bosque, e clara fonte,
E dos troncos, que vivem largos annos:
Se tendes prompta um pouco a sacra fronte
A nossos versos rusticos, e humanos,
Ou me dai jà a capella de loureiro,
Ou penda a minha lyra de um pinheiro.

ALICUTO.

Vós humidas Deidades deste pégo,
Tritões ceruleos, Prótheo com Palemo,
Vós, Nereidas do sal, em que navego,
Por quem do vento as furias pouco temo,
Se ás vossas sacras aras nunca negó
O congro nadador na pá do remo,
Não consintaes que a musica marinha
Vencida seja aqui na lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez um tempo o moço louro,
Que do sol as carretas move, e guia;
Ouviu o rio Amphriso a lyra de ouro,
Que o seu claro inventor ali tangia.
Io foi vacca, Jupiter foi touro,
Mansas ovelhas junto da agoa fria
Guardou formoso Adonis; e tornado
Em bezerro Neptuno foi já achado.

ALICUTO.

Pescador já foi Glauco, e Deos agora
É do mar, e Prothêo Phocas guarda,
Nasceo no pégo a Deosa, que é Senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda,
Se foi bezerro o Deos, que cá se adora
Tambem já foi Delphim. Se se resguarda,
Vê-se que os moços pescadores eram,
Que o escuro enygma ao primo Vate deram.

AGRARIO.

Formosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei,
À doce Phylomella, e dos Murtinhos
Para ti, fera! as flores apanhei,
E se os crespos Medronhos nos raminhos
Com tanto gosto já te presentei,

Porque não dás a Agrario desditoso
Um só revolver d'olhos piedoso!

ALICUTO.

Para quem trago d'agoa em vaso cavo
Os ruivos Camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo
Na praia, os brancos buzios apanhanando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral fui arrancando?
Senão para a formosa Lemnoria
Que co'um só riso a vida me daria?

AGRARIO.

Quem vio o desgrenhado, e crespo Inverno
D'átras nuvens vestido, horrido, e feio,
Enegrecendo á vista o Ceo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheio,
Raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
Que ao mundo mostra um pallido receio,
Tal é o amor cioso, a quem suspeita,
Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALICUTO.

Se alguem vê, se alguem ouve o sibilante
Furor lançando flammas, e bramidos
Quando as pasmosas serras traz diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos,
A braços derribando o já nutante
Mundo, c'os elementos destruidos,
Assim me representa a phantasia
A desesperação de a ver um dia.

AGRARIO.

Minha alva Dinamene, a primavera,
Que os deleitosos campos pinta, e veste,
E, rindo-se, uma côr aos olhos gera,
Que em terra lhe faz vêr o arco celeste,
As aves, as boninas, a verde hera,
E toda a formosura amena, agreste,
Não é para os meus olhos tão formosa,
Como a tua que abate o lyrio, a rosa.

AGRARIO.

As conchinhas da praia, que presentam
A côr das nuvens quando nasce o dia,

O canto das Sirenas, que adormentam,
A tinta, que no múrice se cria,
O navegar por ondas, que se assentam
C'o brando bafo, com que o sol se esfria,
Não podem, nympha minha, assim aprazer-me
Como o vêr-te, se em tanto chego a vêr-me.

AGRARIO.

A Deosa, que na lybica lagôa
Em forma virginal appareceu,
Cujo nome tomou, que tanto sôa,
Os bellos olhos tem da côr do céo.
Garços os tem; mas uma que a corôa
Das formosas do campo mereceo
Da côr do campo os mostra graciosos,
Quem diz que não são estes os formosos?

Memoria e Esquecimento

O poeta Simonides fallando
Co'o capitão Temístocles um dia,
Em cousas de sciencia praticando;
Um'arte singular lhe promettia,
Que então compunha, com que lhe ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia.
Onde tão sutis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passase.
Bem merecia, certo, fama, e gloria,
Quem dava regra contra o esquecimento
Que sepulta qualquer antiga historia.
Mas o capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia,
Do passado as lembranças, por tormento;
Oh! illustre Simonides (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras à memoria nova via;
Se me desses um'arte, que em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Ó quanto melhor obra me farias!

A fonte do Parnaso.

No cume do Parnaso, duro monte,
De silvestre arvoredo rodeado,
Nasce uma crystallina e clara fonte;
D'onde um manso ribeiro derivado
Por cima de alvas pedras mansamente
Vai correndo suave e socegado.
O murmurar das ondas excellente
Os passaros incita, que cantando
Fazem o verde monte mais contente.
Tão claras vão as aguas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem uma e uma estar contando.
Não se verão em derredor pisadas
De fera, ou de pastor, que ali chegasse,
Porque do espesso monte são vedadas.
O roxo lirio apar da branca rosa,
A cecem pura, a flor que dos amantes
A cor tem magoada e saudosa.
Ali se vem as murtas circumstantes
Que a crystallina Venus encobriam,
Escondendo-a dos Faunos petulantes.
Hortelã, mangerona ali respiram
Onde nem frio inverno, ou quente estio
As murcharam já mais, ou seccas viram.
D'esta arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado e o deserto
Sempre com verdes arvores sombrio.

Engenhos peregrinos.

Sempre foram Engenhos peregrinos
Da Fortuna envejados;
Que quanto levantados
Por um braço nas azas são da Fama;
Tanto por outro aquella que os desama,
Co'o peso, e gravidade,
Os oprime, da vil necessidade.

O Verão. Ode II.

Ja a calma nos deyxou
Sem flores as ribeiras deleitosas ;
Ja de todo seccou
Candidos lirios , rubicundas rosas :
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo dos seus ninhos.
Menea os altos freyxos
A branda viração , de quando em quando ;
E de entre varios seyxos
O liquido cristal sae murmurando :
As gotas que das alvas pedras saltam ,
O prado , como pérolas, esmaltam.
O mar , que agora brando
das Nerecidas candidas cortado ,
Logo se irá mostrando
Todo em crespas escumas empolado :
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.
Ley é da Natureza
Mudar-se desta sorte o tempo leve :
Succeder á belleza
Da Primavera o fructo ; a elle a neve ;
E tornar outra vez por certo fio
Outono , Inverno , Primavera , Estio.
Tudo , enfim , faz mudança ,
Quanto o claro Sol vê , quanto alumia ;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia :
Mudam-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados , e a vontade.
Sómente a minha imiga
A dura condição nunca mudou ;
Para que o mundo diga
Que nella ley tam certa se quebrou :

Inveja.

Achou que a má tenção dos envejosos
Não se doma senão depois que o véo

Se rompe corporal : porque na vida
Ninguem alcança a gloria merecida.

Fama.

Aquella que por o ar com ligeireza
As pennas de mil azas abre, e cerra ;
E que com velocissima presteza
Com outros tantos pés corre por terra :
Aquella, que de sua natureza
Não cuida em quanto diz se acerta, ou erra ;
E de uma em outra boca se derrama :
Aquella, emfim, a quem chamamos fama :
Ia por todo o mundo divulgando
Os estremos da virgem soberana.

Poder do Amor. Ecloga. V.

Bem vês, que por amor se move tudo,
E que delle não ha quem seja isento ;
O mais simples animal, mais baixo, e rudo,
O de mais levantado pensamento :
Debaixo da agua fria o peixe mudo
Tambem lá tem de ardor seu movimento :
Pois as aves, que no ar cantando vôam,
Não menos umas de outras se affeiçoam.
A musica do leve passarinho,
Que sem concerto algum solta, e derrama,
De um raminho saltando a outro raminho,
Mostra, que por amor suspira, e chama :
Emquanto no secreto amado ninho
Não acha aquelle, que só busca, e ama,
No canto a nós alegre triste chora,
Porque teme perder a quem namora.
A fera, que é mais fera, e o leão,
Sempre acha outro leão, sempre outra fera,
Em que possa empregar uma affeição,
Que o conversar no peito seu lhe gera.
Tambem sabe sentir sua paixão,
Tambem suspira, morre, desespera,
Acena, salta, brada, ferve, e geme ;

E não temendo a nada, á amor só teme.
O servo, que escondido, e emboscado,
Temendo ao cubiçoso caçador,
Está na selva, monte, bosque, ou prado,
Ali donde anda, e vive, vive amor:
De temor, e de amor acompanhado,
Com justa causa amor tem, e temor:
Temor a quem para feril-o vinha;
Amor a quem já, já, ferido o tinha.
Pois, se a fera insensivel, que não sente,
Tambem sente de amor a frecha dura,
Porque a ti não te abranda um fogo ardente,
Que procede da tua formosura?
Porque escondes a luz do sol á gente,
Que nesses olhos trazes bella, e pura?
Mais pura, mais suave, mais formosa,
Que lirio, que jasmim, que cravo, e rosa.
Amor é um brando affecto,
Que Deos no mundo poz, e a natureza,
Para augmentar as cousas, que criou.
De amor está sujeito,
Tudo quanto possue a redondeza:
Nada sem este affecto se gerou.
Por elle conservou
A causa principal o mundo amado,
Donde o pai famulento foi deitado.
As causas elle as ata, e as conforma
Com o mundo, e reforma
A materia. Quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre fórma.

Belleza do campo. Ecloga III.

Que alegre campo, e praya deleitosa!
Quão saudosa faz esta espessura
A fermosura angelica, e serena
Da tarde amena! Quão saudosamente
A sesta ardente abranda, suspirando
De quando em quando o vento alegre, e frio!
No fundo rio os mudos peixes saltam:
Os ceos se esmaltam todos de ouro, e verde,
E Febo perde a força da quentura.

O Solitario. Ecloga V.

Quando a formosa aurora mostra a fronte,
Alegra toda a terra vendo o dia:
Quando Febo apparece no horizonte,
Manifesta tambem grande alegria:
Contente pasce o gado ao pé do monte,
Contente a beber vai na fonte fria:
Está tudo contente, alegre tudo;
Eu só, só pensativo, triste, e mudo.

OS LUSIADAS.

O rudo canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas ja passadas
Dos bellicosos nomes Lusitanos
Para thesouro dos futuros annos.
Camões. Ode VII, 5.

Os Lusiadas são um monumento de gloria para a Nação portugueza, que a mão aniquiladora do tempo nunca poderá arrasar. São o epitaphio eterno da velha Monarchia, que a divina penna de Camões lhe gravou na campa ao exhalar o ultimo arranco de grandeza nos areaes africanos.

« Luiz de Camões, diz o sr. José Maria da Costa e Silva no seu Ensaio, considerando as façanhas dos Heroes Portuguezes, viu que a mais importante de todas, pelos seus grandes resultados, não só para este Reino, mas para a humanidade, era o descobrimento da India por Vasco da Gama; conheceu mais, que Portugal entregue aos Jesuitas, á Inquisição, e a um Governo dominado por estas duas potencias maleficas, principiava a decahir do pinaculo da gloria, a que havia subido, e que tanta grandeza adquirida á custa de tamanhas fadigas, e tanto sangue heroico generosamente vertido, iria em breve sumir-se no esquecimento; quiz pois salvar este thesouro das glorias nacionaes imprimindo-as em um monumento, que resistisse á foice do Tempo, e que nos seculos futuros dissesse ao Mundo

inteiro « Eis aqui o que foi Portugal, respeitai-o, Povos da Europa, porque nenhum de vós fez tanto. »

« O Homero Portuguez, para conseguir este grande fim levantou no Parnaso uma Pyramide mais soberba, que todas as do Egypto; collocou Vasco da Gama no cimo, porque a sua acção foi o remate das façanhas Lusas, e nas quatro faces da mesma Pyramide grupou sem confusão em baixo relevo todas as proezas dos seus Reis, e dos seus Heroes antigos, e modernos. Nenhum homem ainda consagrou á sua Nação um Monumento tão brilhante! »

São pois os Lusiadas, no sentir deste profundo litterato, o poema mais nacional e popular, que tem apparecido até hoje em todas as partes do mundo. O seu grande objecto, é a Nação Portugueza na sua edade de ouro, subordinada ao feito mais importante da sua historia, o descobrimento da India por Vasco da Gama. A sua proposição está em perfeita harmonia com o titulo da obra, e pensamento do Autor. O mesmo erro que a critica lhe nota de fundar o maravilhoso do poema na mythologia grega e romana, havida no seu tempo como parte essencial da boa poesia, facilmente se desculpa com a idéa de que a elle devem sua origem muitas das principaes bellezas desta Epopeia, como o Concilio dos Deoses (Cant. I, 20); as Nimphas salvando as náos (II, 18); o sonho d'el-rei D. Manoel (IV, 68); o Adamastor (V, 37); os Paços de Neptuno (VI, 8); e a ilha encantada (IX, 52).

Emfim concluiremos com o mesmo Autor. « A gloria dos grandes Escriptores não está, como bem advertiu Longino, em não ter defeitos: as-faculas, e manchas que ás vezes observamos no disco do Sol, não impedem que elle seja o mais brilhante de todos os Astros, pelo menos em relação aos habitantes do nosso Planeta. »

CANTO I.

Argumento.

Fázem concilio os deoses na alta Côrte,
Oppõe-se Bacho á Lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:

Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo e matando junctamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fora.

Proposição.

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda alem da Taprobana,
Em perigos, e guerras esforçados
Mais, do que promettia a força humana:
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram:
Calle-se de Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o, que a Musa antigua canta;
Que outro valor mais alto se alevanta.

Invocação.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente:
Dai-me agora um som alto, e sublimado,

Um estylo grandíloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

Dai-me uma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual Canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe, e se cante no universo:
Se tão sublime preço cabe em verso.

Dedicatoria a El-Rei D. Sebastião.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande;
Para do mundo a Deos dar parte grande:

Vós, tenro e novo ramo florecente
De uma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárea, ou Christianissima chamada:
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As, que elle para si na Cruz tomou:

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio:

Inclinai por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daquelles, de quem sois senhor superno:
E julgareis, qual é mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Narração. Concilio dos Deoses,

Já no largo oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.

Quando os deuses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela via lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co'o pensamento

Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Alli se acharam juntos n'um momento
Os, que habitam o Arcturo congelado,
E os, que o Austro tem, e as partes, onde
A aurora nasce, e o claro sol se esconde.

Estava o padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'um assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano:
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano,
Com uma coroa, e sceptro rutilante
De outra pedra mais clara, que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perolas, mais abaixo estavam
Os outros deuses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Jupiter alto assim dizendo,
C'um tom de voz começa grave, e horrendo.

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'um poder tão singelo, e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Céo sereno:
Assim que sempre em fim com fama e gloria
Teve os tropheos pendentes da victoria.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram :
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram;
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na Cerva espirito divino.

Agora vedes bem, que, commettendo
O duvidoso mar n'um lenho leve
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve :
Que, havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços, onde nasce o dia.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do sol a roxa entrada :
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas, e céos experimentados,
Tanto furor dos ventos inimigos :
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

Estas palavras Jupiter dizia :
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia

No, que Jupiter disse; conhecendo,
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

Ouvido tinha aos fados, que viria
Uma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo, quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria.

Vê, que já teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso:
Teme agora, que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes portuguezes, que navegam.

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antiga tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana:
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

Estas causas moviam Cytherea,
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assim que, um pela infamia, que arrecea,
E o outro pelas honras, que pertende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,

De sylvestre arvoredo abastecida ,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto , e braveza desmedida ,
Brama toda a montanha , o som mormura ,
Rompem-se as folhas , ferve a serra erguida :
Tal andava o tumulto levantado ,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

Mas Marte , que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia ,
Ou porque o amor antigo o obrigava ,
Ou porque a gente forte o merecia :
De entre os deoses em pé se levantava :
Merencorio no gesto parecia :
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz , medonho , e irado :

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco , mui seguro
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter , armado , forte , e duro :
E dando uma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro ,
O ceo tremeu , e Apollo de torvado
Um pouco a luz perdeu como enfiado.

E disse assim : Ó Padre , a cujo imperio
Tudo aquillo obedece , que creaste ,
Se esta gente , que busca outro hemispherio ,
Cuja valia , e obras tanto amaste ,
Não queres , que padeçam vituperio ,
Como ha já tanto tempo que ordenaste ,
Não ouças mais , pois és juiz direito ,
Razões de quem parece , que é suspeito.

Como isto disse , o Padre poderoso ,
A cabeça inclinando , consentiu
No , que disse Mavorte valeroso ,
E nectar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada um dos deoses se partiu ,

Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

Navegação.

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam
Na costa da Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas:
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Mas, assim como a aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O regedor das ilhas, que partia.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo, e a forte armada,
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia.

Perguntas do Rei e resposta do Gama.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé;
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas, de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

Responde o valeroso Capitão
Por um, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mim, da lei, das armas, que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil,
Aquelle, que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil:
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

Deste Deos-Homem, alto, e infinito
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Escaramuça.

Andam pela ribeira alva arenosa

Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode, que é primeiro.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra;

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilheria:
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhes resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

Não se contenta a gente Portugueza:
Mas seguindo a victoria estrue, e mata;
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
Que bem cuidou compral-a mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

Fugindo a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de Covarde, e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando;
Da-lhe armas o furor desatinado:
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:

Passa, e corta do mar o estreito braço.
Que a ilha em torno cerca em pouco espaço.

Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado deligente,
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornam victoriosos para a armada
Co'o despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antiguo, mais que nunca, accesa:
E, vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano,

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes, que tratava.

Versos Epigraphicos.

Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o Céo deseja.
Não tornes por detraz; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
....o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra, quanto pode: e com razão;
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

CANTO II.

Argumento.

Dar El Rei de Mambaça o fim prepara
Ao Gama illustre, com mortal engano;
Desce Venus ao mar, a frota empara,
E a fallar sóbe ao Padre soberano:
Jove os casos futuros lhe declara:
Apparece Mercurio ao Lusitano:
Chega a frota a Melinde e o Rei potente
Em seu porto arecebe alegremente.

Baccho finge-se Christão. Palito da critica.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis, que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'uma casa da cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura:
A companhia santa está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas, que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

Aqui os dois companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos,
Na panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assim por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

Venus e as Ninfas salvando as Náos.

Na terra cautamente apparelhavam
Armas, e munições; que como vissem,
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem desse geito
O mal, que em Moçambique tinham feito.

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada,
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como uma setta.

Convoca as alvas filhas de Nereo;
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa, a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.

Já na agua erguendo vão com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma;
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

Nos hombros de um Tritão com gesto acceso
Vai a linda Dióne furiosa:
Não sente quem, a leva, o doce peso,

De soberbo com carga tão formosa ;
Já chegam perto, donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa ;
Repartem-se, e rodeam nesse instante
As náos ligeiras, que hiam por diante.

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando :
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náo forçando :
Outras, em derredor, levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

Qnaes para a cova as providas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado ;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado :
Taes andavam as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

Torna para detraz a náo forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a um bordo, e a outro atravessando :
O mestre astuto em vão da poppa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náo lhe mette medo.

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro, que trabalha ;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha :
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha ;
Cuidam, que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, e a nado se acolhiam:
De um bordo e d'outro subito saltavam;
Que o medo os compellia do, que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimgas entregar-se.

Assim como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoas,
Estando fóra da agua incautamente;
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

Assim fogem os mouros: e o piloto,
Que ao perigo grande as náos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e chara,
A ancora sólta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza;
Entende o, que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a náo passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia;

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado

Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
Ò tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscâmos;
Pois só por teu serviço navegâmos.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Diône: e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida:
Já penetra as estrellas luminosas,
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa, e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,
E tudo, quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

E mostrando no angelico semblante

Co'o riso uma tristeza misturada;
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'um mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada:
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil, e amoroso;
Postoque a algum contrario lhe pezasse:
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse;
Faça-se como Baccho determina,
Assentarei em fim, que fui mofina.

Este povo, que é meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois; por que o amo, é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fui...E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
Callada um pouco, como se entre os dentes,
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a seguil-a: e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos

Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente:

Que, se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo:
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charibdis o mar bravo:
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados:
Os Turcos bellacissimos, e duros,
Delles sempre vereis desbaratados:
Os Reis da India livres, e seguros
Vereis ao Rei potente sobjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

Vereis este que, agora pressuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso,
Que trema e ferva o mar em, calma estando!
Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser um porto mui decente,
Em que vão descançar da longa via
As náos, que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo,
Não poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:

Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e subjugado:
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas transpassado;
Que, quem vai contra os vossos, claro veja,
Que, se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do Peito Lusitano fero, e horrendo:
Do Mouro, alli verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo, e insolente,
Que cithara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

Nunca com Marte instructo, e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Accias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,

A victoria trazia , e presa rica,
Preso da Egypcia linda , e não pudica ;

Como vereis , o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos , pelejando ,
Levando o Idololátra , e o Mouro preso ,
De nações differentes triumphando :
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso ,
Até o longinquo China navegando ,
E as ilhas mais remotas do Oriente ;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

De modo , filha minha , que de geito
Amostrarão esforço mais , que humano ;
Que nunca se verá tão forte peito ,
Do Gangetico mar ao Gaditano ,
Nem das Boreaes ondas ao Estreito ,
Que mostrou o aggravado Lusitano ;
Postoque em todo o mundo , de affrontados ,
Resuscitassem todos os passados.

Como isto disse , manda o consagrado
Filho de Maia á terra ; porque tenha
Um pacifico porto , e socegado ,
Para onde sem receio a frota venha :
E , para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha ,
Lhe manda mais , que em sonhos lhe mostrasse
A terra , onde quieto repousasse.

Já pelo ar o Cyllenêo voava :
Com as azas nos pés á terra dece :
Sua vara fatal na mão levava ,
Com que os olhos cançados adormece :
Com esta as tristes almas revocava
Do inferno , e o vento lhe obdece :
Na cabeça o galero costumado :
E desta arte a Melinde foi chegado.

Comsigo a Fama leva ; porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro ;

Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co'o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto, e modo.

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as náos estavam temerosas;
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas:
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrellas no ceo co'a luz alheia
Tinham o largo mundo allumiado,
E só co'o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite, que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava:
A outra gente a quartos vigiava.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada, que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano:
Fuge; que o vento, e o ceo te favorece;
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

Festa e visita do rei de Melinde ás náos.

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio

Nas bombas, que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam,

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido:
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido:
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra; e assi festeja
Um ao outro, á maneira de peleja.

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãi de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho;
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que á ver só concorre leda:
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lüa, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem corôa verdadeira.

Um batel grande, e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores,
Na cabeça uma fota guarnecida,
De ouro, e de seda, e de algudão tecida.

Cabaia de damasco rico, e dino,

Da Tyria côr, entre elles estimada:
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra é superada:
C'um resplandor reluze adamantino
Na cinta a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pês, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

Com um redondo amparo alto de seda,
N'uma alta e dourada hastea enxerida,
Um ministro á solar quentura veda,
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na prôa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia:
Vestido o Gama vem ao modo Hispano
(Mas Franceza era a roupa, que vestia)
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto preza:

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega:
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega:
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta, e achega:
Ao Italico modo a aurea espada:
Pluma na gôrra, um pouco declinada.

Gratulação do Gama.

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade
Dos mares exprimenta a furia insana;

Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana;
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o, que nós outros não podemos.

Tu só, de todos, quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo:
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achâmos bom, fido, e jucundo:
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.

Pedido do Rei.

Mas antes, valoroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, deligente
Da terra tua o clima, e região
Do Mundo, onde moraes, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo;
Que, sem sabel-as, sei que são de preço:

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

CANTO. III.

Argumento.

A populosa Europa se descreve;
De Egas Moniz o feito sublimado,
Lusitania, que Reis, que guerra teve;
Christo a Affonso se expõe cruçificado:
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado:
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o grão poder de um gesto suave, e brando.

Exordio do Gama.

Promptos estavam todos escuitando
O, que o sublime Gama contaria;
Quando, despois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é, que se costuma, e se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceio,
Que louvor tão suspeito mal me esteja:
E, para dizer tudo, temo, e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja.
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o, que devo, e serei breve.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
É não poder mentir no, que disser;
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas; porque nisto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

Descripção da Europa, Hespanha e Portugal.

Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com suas salsas ondas, o Occeano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

Da parte, donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide: e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais, que a memoria, o navegante.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço, e ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
Este quiz o Ceo justo, que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra, e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada;

Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania, derivada,
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

Desta o pastor nascéo, que no seu nome
Se vê, qne de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguem virá, que dome;
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta o velho, que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre, e foi desta arte.

Um Rei por nome Afonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida, e a terra:
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

E c'um amor intrinseco accendidos
Da Fê mais, que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares.
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostràram nas armas singulares,
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
Levassem premio digno e dões iguaes.

Destes Henrique, dizem, que segundo
Filho de um Rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado:
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Thereza sua filha o Conde fosse:
E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

Lealdade d'Egas Moniz.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Mas, o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo:
Que elle faria dar-lhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mando submettido
Lhe désse obediencia, que esperava:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

E com seus filhos, e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,

Que mais move a piedade, que a vingança
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho efferecido
A te pagar co'a vida o promettido

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes,
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

Qual diante do algôz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido;
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

Ó grão fidelidade Portugueza
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto, e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias, que tomara.

Batalha de Ourique. Fundação da Monarquia. Armas de Portugal.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,

Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

A matutina luz serena, e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o, que podeis!

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: « Real, Real,
Por Afonso alto Rei de Portugal. »

Qual co'os, gritos, e vozes incitado
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro, que forçoso;
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

Tal do Rei novo o estamago, accendido
Por Deos, e pelo povo junctamente,
O barbaro commette apercebido
Co'o animoso exercito rompente:
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

Bem como quando a flamma, que ateada

Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando :
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea :

Desta arte o Mouro attónito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa :
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa :
Uns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

Alli se vêm encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra :
Golpes se dão medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra.
Mas o de Luso, arnêz, couraça, e malha
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Ja perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde
Tornado carmezi de branco, verde.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica :
Desbaratado, e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica,
Aqui pinta no branco escudo ufano,

Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta
Daquelle, de quem foi favorecido:
Em cada um dos cinco cinco pinta;
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

Elrei D. Diniz.

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece,
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero florece,
Alcançada já a paz aurea divina,
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra ja tranquilla claros lumes:

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros,
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros:
Mas despois que a dura A'tropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excellente.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito despresou firme e sereno;
Porque não ê das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porêm, quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Hesperico terreno,
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

A Rainha de Castella pedindo soccorro a seu Pai D. Affonso. IV.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados;
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha;
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Aquelle, que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do reino ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congella,

Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella:
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pai; que, se não corres,
Pode ser que não aches, quem soccorres.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está,, que a triste Venus, quando,
A Jupiter seu pai favor pedia
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.

Episodio. D. Ignez de Castro.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que, despois de ser morta, foi Rainha.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga:
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
É porque queres, aspero e tyranno,
Tuas armas banhar em sangue humano.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego,

De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas,

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam,
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, e Princezas
Os desejados thálamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O mormurar do povo, e a phantesia
Do filho, que casar-se não queria;

Tirar Ignez ao mundo determina;
Por lhe tirar o filho, que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais, que a propria morte, a magoava:

Para o ceo crystallino alevantando

Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos; porque ás mãos lhes estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assim dizia:

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

Ó tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem forças, só por ter sujeito
O coração, a quem soube vencel-a
A estas criancinhas tem respeito;
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha;
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem, para perdel-a, não fez erro:
Mas, se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me, onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei,
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
Naquelle, por quem mouro, criarei

Estas reliquias suas, que aqui viste;
Que refrigerio sejam da mãi triste.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
Que desta sorte o quiz lhe não perdoam:
Arrancam das espadas de aço fino
Os, que por bom tal feito alli apregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha;
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
Bem como paciente, e mansa ovelha
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sustinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó concavos valles, que podeste
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,

Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, e co'poca vida.

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
Às lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores;
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

Não correo muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CANTO IV.

Argumento.

Acclamado João , de Pedro herdeiro ,
Convoca Leonor ao Castelhano :
Oppõe-se Nuno , intrepido , guerreiro ;
Dá-se batalha ; vence o Lusitano :
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano ;
E como ao Gama coube esta alta empreza ,
Por affinar a gloria Portugueza.

Acclamação d'Elrei D. João I.

Despois de procellosa tempestade ,
Nocturna sombra , e sibilante vento ,
Traz a manhãa serena claridade ,
Esperança de porto , e salvamento :
Aparta o Sol a negra escuridade ,
Removendo o temor do pensamento :
Assi no reino forte aconteceo ,
Despois que o Rei Fernando falleceo ;
Porque se muito os nossos desejaram ,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles , que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando ;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei , como de Pedro unico herdeiro ,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Falla de D. Nuno a seu favor.

Como da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio marte ?
Como desta provincia que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte ,
Ha de sahir , quem negue ter defeza ,
Quem negue a fé , o amor , o esforço e arte

De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?
Como? Não sois vós inda os decendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes
Vencêram esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa, que tiveram?
Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se é certo, que co'o Rei se muda o povo.
Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratereis tudo o, que quizerdes,
Quanto mais, a quem já desbaratastes;
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes;
Atai as mãos a vosso vão receio;
Que eu só resistirei ao jugo alheio:
Eu só com meus vassallos, e com esta
(E, dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem subjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Batalha de Aljubarrota.

Estavam pelos muros temerosas,
E de um alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.

Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

Apostrophe notavel.

Ó tú Sertorio, ó nobre Corilaano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos;
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Falla de D. João I. animando os seus.

Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.
Vedes-me aqui Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças, settas, e os arnezes
Dos inimigos côrro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

El-Rei D. Manoel emprehende o descobrimento da India.

Parece, que guardava o claro Céo
A Manoel, e seus merecimentos
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos, e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino cargo,

Tomou mais a conquista do mar largo.
O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra cara)
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado: No tempo, que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam, quando cahem;
Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu officio, e sangue, a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.
Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera:
E lá bem junto, donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longinquos, e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.
Aves agrestes, feras, e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores silvestres, e hervas varias
O passo, e o tracto ás gentes atalhavam:
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravam,
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.
Das aguas se lhe antolha, que sahiam,
Para elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiam
Gôtas que o corpo todo vão banhando,
A côr da pelle baça e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Um delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha;
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia, que doutra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.
Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada:
Ó tu, a cujos reinos, e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisâmos, que é tempo, que já mandes
A receber de nós tributos grandes.
Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro é o Indo, Rei, que nesta serra,
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra:
Mas, insistindo tu; por derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.
Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desparecem n'um momento:
Acorda Manoel c'um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento,
Veio a manhã no ceo pintando as cores
Da pundibunda rosa, e roxas flores
Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão,
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar, cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.
Eu, que bem mal cuidava que em effeito

Se pozesse o, que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia:
Não sei, por que razão, por que respeito,
Ou por que bom signal, que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande, e grave.
  E com rogo, e palavras amorosas,
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende;
Então, se menos dura, mais se estende.
  Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empreza, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais, mas logo: Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

O Embarque.

  E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo
(Onde o licôr mistura, e branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As náos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo;
Porque a gente maritima, e a de Marte
Estão para seguir-me a toda a parte.
  Pelas praias vestidos os soldados
De varias cores vem, e varias artes,
E não menos de esforço apparelhados,
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,

De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.
Depois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.
Partimo-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certefico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.
A gente da cidade aquelle dia
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudôsos na vista, e descontentes;
E nós co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.
Em tão longo caminho, e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'um chôro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas (que o temeroso
Amor mais desconfia) accrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.
Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em chôro acabará penoso, e amaro:
Porque me deixas misera e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?

Qual em cabello : Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor, que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão dôce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis, que com as velas leve o vento?
Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado;
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado :
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Falla do Velho.

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber sô d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito :
Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamâmos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama;
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!
Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios :
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de imfames vituperios :

Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes, com quem se o povo nescio engana!
A que novos desastres daterminas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?
Mas ó tu geração da quelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia
Não somente do reino soberano
Te pôz neste desterro, e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado, mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou:
Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia:
Já que á bruta crueza, e feridade
Pozeste nome, esforço, e valentia:
Já que prézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada; pois que já
Temeo tanto perdel-a, quem a dá:
Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas.?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras, e riqueza mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?
Deixas criar ás portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovôe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto, e incognito perigo,
Por que a fama te exalte, e te lisonge,

Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!
Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas velas pôz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho:
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome, e a gloria!
Trouxe o filho de Jápeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano.
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
Quanto melhor nos fôra, Promettheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!
Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architectôr, co'o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!

CANTO V.

Argumento.

Relata o Gama illustre ao Rei potente
Sua viajem longa, e incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia:
Como a Adamastor vio, Gigante ingente,
Que um dos filhos da terra se dizia,
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e são conforto.

Viajem.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.
Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemæo truculento,
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vê, eomo tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.
Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavam:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam:
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam:
E já, depois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim, que mar, e ceo.
Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrío,

Ás novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes, e lugares,
Terra, que Anthêo n'um tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que â direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.
Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assim se chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem, por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam, quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

Santelmo.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem;
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.
Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os, que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou por mal entendidos.
Vi claramente visto e lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas aguas do Oceano.

Eu o vi certamente (e não presumo ,
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho , e subtil fumo ,
E , do vento trazído , rodear-se :
De aqui levado um cano ao polo summo
Se vía , tão delegado , que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia :
Da materia das nuvens parecia.
Hia-se pouco e pouco accrescentando ,
E mais ; que um largo mastro , se engrossava :
Aqui se estreita , aqui se alarga , quando
Os golpes grandes de agua em si chupava :
Estava-se co'as ondas ondeando ,
Em cima delle uma nuvem se espessava ,
Fazendo-se maior , mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.
Qual róxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que , imprudente ,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente :
Chupando , mais e mais se engrossa , e cria ,
Ali se enche , e se alarga grandemente :
Tal a grande columna , enchendo , augmenta
A si , e a nuvem negra , que sustenta.
Mas , depois que de todo se fartou ,
O pé , que tem no mar , a si recolhe ,
E pelo ceo chovendo em fim voou ;
Porque co'a agua a jacente agua molhe :
Ás ondas torna as ondas , que tomou ;
Mas o sabor do sal lhe tira , e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura ,
Que segredos são estes de natura.
Se os antigos philosophos , que andaram
Tantas terras , por ver segredos dellas ,
As maravilhas , que eu passei , passaram ,
A tão diversos ventos dando as velas :
Que grandes escripturas que deixaram !
Que influição de signos , e de estrellas !
Que estranhezas , que grandes qualidades !
E tudo sem mentir puras verdades.

Ousadia de Velloso.

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada:
Quando da etherea gavea um marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.
Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergámos:
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas já chegados amainâmos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas, onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:
Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pizou:
Porêm eu co'os pilotos na arenosa
Praia; por vermos, em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.
Achámos ter de todo já passado
Do Semicrapo peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.
Torvado vem na vista, como aquelle,
Que não se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais, que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:

A nada disto o bruto se movia.
Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Um barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo, e assim caminha
Para a povoação, que perto tinha.
Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem, que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.
É Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê, que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procure,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado, do que fôra, vinha.
O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Ethiope ousado se arremessa
A elle; porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem, vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse:
Acudo eu logo; e, em quanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.
Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida,
E não foram ao vento em vão deitadas;
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que, em mais que nos barretes, se suspeita,
Que a côr vermelha levam desta feita.

E, sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fêa, e rudo intento
Da gente bestial, bruta, e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudémos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assim tornei a dar ao vento a vela.
Disse então a Velloso um companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer, que de subir.
Si é, responde o ousado aventureiro:
Mas, quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa um poueo vim;
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.
Contou então que, tanto que passaram
Aquelle monte os negros, de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matal-o:
E tornando-se, logo se emboscaram;
Porque, sahindo nós para tomal.o,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

O Adamastor.

Porèm já cinco soes eram passados,
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando uma noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.
Tão temerosa vinha, e carregada,
Que pôz nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo

Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?
  Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A bôca negra, os dentes amarellos.
  Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e os cabello
A mim, e a todos, só de ouvil-o e vel-o.
  E disse: Ó gente ousada mais, que quantas
No mundo commetteram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo, e tenho,
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:
  Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;
Ouve os damnos de mim, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.
  Sabe, que, quantas náos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,

Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.
Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio, summa vingança:
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas náos vereis cada anno
(Se é verdade o, que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.
E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos,
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quíloa com Mombaça.
Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.
Verão morrer com fome os filhos cáros,
Em tanto amor gerados e nascidos:
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.
E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacavel espessura:
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão

Da formosa e miserrima prisão.
  Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.
A bôca, e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:
  Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.
  Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encélado, Egeo, e o Centimano:
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o, que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra;
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.
  Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza,
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Um dia a vi co'as filhas de Nereo
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa, que mais queira.
  Como fosse impossivel alcançal-a
Pela grandeza fêa de meu gesto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa então por mim lhe falla;
Mas ella c'um formoso riso honesto
Respondeo: qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o d'um gigante?

Com tudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cair não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.
Já nescio, já da guerra desistindo,
Uma noite de Doris promettida
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços para aquella, que era vida
Deste corpo; e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.
Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.
Ó nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, e quasi insano
Da magoa, e da deshonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse,
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.
Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado inimigo
Por meus atrevimentos o castigo.
Converte-se-me a carne em terra dura,

Em penedos os ossos se fizeram ,
Estes membros , que vês , e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam :
Em fim , minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses ; e , por mais dobradas magoas ,
Me anda Thetis cercando destas agoas.
  Assim contava , e c'um medonho chôro
Subito d'ante os olhos se apartou :
Desfez-se a nuvem negra , e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu , levantando as mãos ao sancto côro
Dos Anjos , que tão longe nos guiou ,
A Deos pedi , que removesse os duros
Casos , que Adamastor contou futuros.

Lealdade portugueza.

  Ora vê , Rei , quamanha terra andámos ,
Sem sahir nunca deste povo rudo ,
Sem vermos nunca nova , nem signal
Da desejada parte Oriental.
  Crês , tu , que se este nosso ajuntamento
De soldados não fôra Lusitano ,
Que durára elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei , e a seu regente ?
  Crês , tu , que já não foram levantados
Contra seu capitão , se os resistira ,
Fazendo-se piratas , obrigados
De desesperação , de fome , de ira ?
Grandemente por certo estão provados ;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella portugueza alta excellencia
De lealdade firme , e obediencia.
  Trabalha por mostrar Vasco da Gama ,
Que essas navegações , que o mundo canta ,
Não merecem tamanha gloria , e fama ,
Como a sua , que o ceo e a terra espanta.
Si : mas aquelle Heroe , que estima , e ama
Com dons , mercês , favores , e honra tanta
A lyra Mantuana ; faz , que soe

Eneas, e a Romana gloria voê.
Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio entre as maiores oppressões
Compunha versos doutos, e venustos:
Não dirá Fulvia certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.
Vai Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas, n'uma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe, e alcança,
É nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.
Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
É não se ver prezado o verso, e rima;
Porque quem não sabe a arte, não na estima.
Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama
De toda a illustre e bellica fadiga;
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem:
Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é somente o presupposto
Das Tágides gentis, e seu respeito:
Porêm não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço, e sua valia.

CANTO VI.

Argumento.

Parte-se de Melinde o illustre Gama,
Com Pilotos da terra, e mantimento:
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deoses do humido elemento:
Conta Velloso, aos seus dando honra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.

Paços de Neptuno.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.
Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas ali de prata fina,
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se é crystal o, que vê, se diamante;
Que assim se mostra claro e radiante.
As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nasce,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em côres variadas
Do velho chaos a tão confusa face:
Vêm-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.
Ali sublime o fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha,

Daqui as cousas vivas sempre anima ,
Depois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisivel ar , que mais asinha
Tomou lugar , e nem por quente , ou frio
Algum deixa no mundo estar vazio.
  Estava a terra em montes revestida
De verdes ervas , e arvores floridas ,
Dando pasto diverso , e dando vida
Ás alimarias nella produzidas :
A clara forma ali estava esculpida
Das aguas entre a terra desparzidas ,
De pescados criando varios modos ,
Com seu humor mantendo os corpos todos :
  N'outra parte esculpida estava a guerra ,
Que tiveram os deoses co'os gigantes ,
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna , que as flammas lança crepitantes :
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno , quando as gentes ignorantes ,
Delle o cavallo houveram , e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

Tritão.

  Tritão , que de ser filho se gloria
Do Rei , e de Salacia veneranda ,
Era mancebo grande , negro e feio ,
Trombeta de seu pai , e seu correio.
  Os cabellos da barba , e os que decem
Da cabeça nos hombros , todos eram
Uns limos prenhes d'agua , e bem parecem ,
Que nunca brando pentem conheceram :
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões , que ali se geram :
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.
  O corpo nu , e os membros genitaes ,
Por não ter ao nadar impedimento ;
Mas porêm de pequenos animaes
Do mar todos cobertos cento e cento :

Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebo crescimento:
Ostras, e breguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.
Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos depois da Grega insania.

A Tempestade.

Mas neste passo assim promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estae; que o vento crece
Daquella nuvem negra, que apparece.
Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem; mas, juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.
O ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo;
Que, no romper da vela, a náo pendente
Toma grande somma d'agua pelo bordo:
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar á bomba não cessando:
Á bomba; que nos imos alagando.
Correm logo os soldados animosos

A dar á bomba; e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á náo, n'um bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, e forçosos
A manear o leme não bastaram,
Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força, e arte.
  Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante náo, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.
  Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grande ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grande diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.
  Quantos montes então que derribaram
As ondas, que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram,
Que nunca para o ceo fossem viradas,
Nem as fundas areas, que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.
  Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia:
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia:
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossivel pode, desta sorte:
  Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar, e terra senhorea,

Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas feas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:
Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla, e Charybdis já passados,
Outras syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados:
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?
Oh ditosos aquelles, que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras della!
Assim dizendo, os ventos, que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

Chegada á India.

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa:
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa:
Disse alegre o Piloto Melindano,
«Terra é de Calecut,» se não me engano.

Esta é por certo a terra, que buscaes,
Da verdadeira India, que apparece;
E, se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em vêr, que a terra se conhece,
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo:
As graças a Deos dava, e razão tinha;
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho experimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, férvido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.
Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os, que são de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos.
Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos:
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:
Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um arduo soffrimento:
E com forçar o rosto, que se enfia,

A parecer seguro, ledo, inteiro
Para o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte, o peito um callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.
  Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua, e não rogando.

CANTO VII.

Argumento.

Dá fundo a frota a Calecut chegada;
Manda-se mensageiro ao Rei potente;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente:
Faz Gama ao Samori sua embaixada;
É recebido bem da Indica gente:
Co'o Regedor o Mouro ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna.

Gratulação aos Portuguezes.

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fôra,
Qne entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sôis no mundo,
Não digo ainda no mundo, mas no amigo
Curral, de quem governa o ceo rotundo:
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia:

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezaes;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilataes:
Assim do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejaes,
Muito façaes na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andaes de vosso sangue, ó gente insana,

Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
É na Asia mais, que todas, soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

Pinturas das bandeiras da náo do Gama.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera,
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apascenta.
Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita Epicurêa, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licôr, que Noé mostrara á gente:
Mas comer o Gentio não pretende;
Que a seita, que seguia, lho defende.
A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre têr nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia ali descreve.
Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano:
Os olhos põe no bellico transunto
De um velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não pode ser defunto,
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita,
Um ramo por insignia na direita.

Um ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario;
Que, se não me ajudaes, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.
Olhai, que ha tanto tempo, que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos:
Qual Canace, que á morte se condena,
N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna:
Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alhẽos degradado:
Agora da esperança já adquirida
De novo, mais que nunca, derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'um fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.
E ainda, Nymphas minhas, não bastava,
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A trôco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.
Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem prezar com taes favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!
Pois, logo em tantos males é forçado,

Que só vosso favor me não falleça ;
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feitos diversos engrandeça :
Dai-mo vós sós ; que eu tenho já jurado ,
Que não no empregue em quem o não mereça ,
Nem por lisonja louve algum subido ,
Sob pena de não ser agradecido.
Nem creaes, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Inimigo da divina e humana lei :
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei ,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.
Nenhum, que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio ,
E que por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras, que Proteio :
Nem, Camenas, tambem cuideis, que cante
Quem com habito honesto e grave veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.
Nem quem acha, que é justo, e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha, que é justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente :
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões apprende, e cuida que é prudente ;
Para taixar com mão rapace, e escassa
Os trabalhos alheios, que não passa.
Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram
Tambem de suas obras merecida :
Apollo, e as Musas, que me accompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tómo alento descançado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

CANTO VIII.

Argumento.

Vem-se de Lusitania os Fundadores ;
E aquelles , que por feitos valerosos ,
De alta memoria são merecedores ,
De hymnos , e de versos numerosos :
Como de Calecut os Regedores
Consultam os Haruspices famosos ,
E corruptos com dadivas possantes ,
Tratam de destruir os navegantes.

Na primeira figura se detinha
O Catual , que vira estar pintada ,
Que por divisa um ramo na mão tinha ,
A barba branca , longa , e penteada :
« Quem era , e por que causa lhe convinha
« A divisa , que tem na mão tomada ?
Paulo responde , cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas , que apparecem ,
Bravos em vista , e feros nos aspeitos ,
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos :
Antigos são , mas inda resplandecem
Co'o nome entre os engenhos mais perfeitos :
Este , que vês , é Luso , donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

O ramo , que lhe vês para divisa ,
O verde thyrso foi de Baccho usado ,
O qual á nossa idade amostra , e avisa ,
Que foi seu companheiro , ou filho amado.
Vês outro , que do Tejo a terra pisa ,
Depois de ter tão longo mar arado ,
Onde muros perpetuos edifica ,
E templo a Pallas , que em memoria fica ?

Ulysses é , o que faz a sancta casa
Á deosa , que lhe dá lingua facunda ;
Que , se lá na Asia Troia insigne abrasa ,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.

Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.
  Assim o Gentio diz: responde o Gama:
Este, que vês, pastor já foi de gado,
Viriáto sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencivel, afamado;
Não tem com elle, não, nem ter puderam
O primôr, que com Pyrrho já tiveram:
  Quem é, me diz, est'outro, que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tão pouca tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?
  Este é o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma;
Este é aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro inimigo doma,
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.
  Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Noniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.
  Vêl-o cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno;
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhano:
Fêz com siso e promessas levantar-se

O cêrco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena:
Para que o senhor salve, a si condena.
  Vês este, que, sahindo da cilada,
Dá sobre o Rei, que cérca a villa forte,
Já o Rei tem preso, e a villa descercada?
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vêl-o cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:
  É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente
Co'o fogo, que accendeo junto da serra
De Abyla nas galés da Maura gente:
Olha como em tão justa e sancta guerra
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos com justa palma.
  Olha aquelle, que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavôr é o forte peito.
  Olha cá dous Infantes, Pedro, e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz, que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.
  Outros muitos verías, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe côres,
Honra, prémio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam

Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.
Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geração, que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa, que descende:
Cegos! Que dos trabalhos, que tiveram,
Se alta fama, e rumôr delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.
Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre, donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais, que a mil, que esforço, e saber tenham,
Estes os seus não querem vêr pintados,
Crendo, que côres vãas lhe não convenham,
E, como a seu contrario natural,
Á pintura, que falla, querem mal.
Não nego, que ha com tudo descendentes
De generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza, que lhe fica:
E se a luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.
Assim está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos
Do singular artifice ali pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distincta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas, que ali via.
Mas já a luz se mostrava duvidosa;
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antípodas o dia:
Quando o gentio, e a gente generosa
Dos Naires da náo forte se partia,
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

Dever dos Reis.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar, que os conselheiros, ou privados
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apertados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.
Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'um pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encoberta:
E quando um bom em tudo é justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em Deos promta.
Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E, sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Trémulo, aqui e ali desaçocegado:
Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e igualal-os:
Voar co'o pensamento a toda a parte,
Adivinhar perigos, e evital-os:
Com militar engenho, e subtil arte
Entender os inimigos, e enganal-os,
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão, que diga: Não cuidei.

O Dinheiro.

Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assim como no pobre,
Pode o vil interesse, e sêde inimiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

A Polydoro mata o Rei Threïcio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, e louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada em pago morre.
Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores, e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.
Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz, e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente:
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os, que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr com tudo de virtude.

CANTO IX.

Argumento.

Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meio do tumido Oceano,
Venus lhe mostra uma Insula excellente:
Aqui de todo bem soffrido dano,
Acha repouso assaz conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria.

Volta do Gama.

Parte-se costa abaixo; porque entende,
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende,
Por firmar o commercio, que tratava:
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava;
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achara.
O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios ceos, e gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.
Porêm a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.
Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio

Das aguas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino, que confina
Da primeira co'o terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas.
No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando;
E aquellas, em que já foi convertida
Peristéra, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida
No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella, por onde passa, o ar, e o vento
Sereno faz com brando movimento.
Já sobre os idadalíos montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde; porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos fôram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.
Vê, que aquelles, que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam somente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade:
Da feia tyrannia, e de aspereza
Fazem direito, e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.
Vê em fim, que ninguem ama o, que deve,
Senão o, que somente mal deseja:
Não quer, que tanto tempo se releve
O castigo, que duro, e justo seja.
Seus ministros ajunta; porque leve
Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.
Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,

Uns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando :
Trabalhando , cantando estão de amores ,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora , e concertada ,
Suave a letra , angelica a soada.
Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes ,
Por lenha , corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes :
As aguas, onde os ferros temperavam ,
Lagrimas são de miseros amantes :
A viva flamma , o nunca morto lume
Desejo é só , que queima , e não consume.
Mas diz Cupido , que era necessaria
Uma famosa e celebre terceira ,
Que , postoque mil vezes lhe é contraria ,
Outras muitas a tem por companheira :
A deosa Gigantêa , temeraria ,
Jactante , mentirosa , e verdadeira ,
Que com cem olhos vê , e por onde voa ,
O , que vê , com mil bôcas apregoa.
Vão a buscar , e mandam a diante ,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante ,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara :
Falla verdade , havida por verdade ;
Que junto a deosa traz Credulidade.

Ilha namorada.

Cortando vão as náos a larga via
Do mar ingente para a patria amada ,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada :
Quando juntas com subita alegria
Houveram vista da ilha namorada ,
Rompendo pelo ceo a mãi formosa
De Memnónio , suave e deleitosa.

De longe a ilha viram fresca e bella ;
Que Venus pelas ondas lha levava ,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava.
Que , porque não passassem , sem que nella
Tomassem porto , como desejava ,
Para onde as náos navegam a movia
A Acidália , que tudo em fim podia.
Mas firme a fêz e immovel , como vio ,
Que era dos nautas vista , e demandada ;
Qual ficou Delos , tanto que pario
Latôna Phebo , e a deosa á caça usada.
Para lá logo a prôa o mar abrio ,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta , cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.
Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa ,
Que de gramíneo esmalte se adornavam ,
Na formosa ilha alegre , e deleitosa ;
Claras fontes , e limpidas manavam
Do cume , que a verdura tem viçosa :
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.
N'um valle ameno , que os outeiros fende ,
Vinham as claras aguas ajuntar-se ,
Onde uma mesa fazem , que se estende
Tão bella , quanto pode imaginar-se :
Arvoredo gentil sôbre ella pende ,
Como que prompto está para affeitar-se ,
Vendo-se no crystal resplandecente ,
Que em si o está pintando propriamente.
Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos :
A larangeira tem no fructo lindo
A côr , que tinha Daphne nos cabellos :
Encosta-se no chão ; que está cahindo ,
A cidreira co'os pezos amarellos :
Os formosos limões ali cheirando
Estão virgineas têtas imitando.
As arvores agrestes , que os outeiros

Tem com frondente côma ennobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos:
Myrtos de Cytherêa, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraiso.
Os dons, que dá Pomôna, ali natura
Produz differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura:
As amoras, que o nome tem de amores:
O pomo, que da patria persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.
Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide c'uns cachos roxos, e outros verdes:
E vós se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.
Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Acheménia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça a flor Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Páphia, inda suspiras.
Para julgar difficil cousa fôra,
No ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flôres.
Pintando estava ali Zephyro, e Flora
As violas da côr dos amadores:
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:
A candida cecêm, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;

Vêm-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxérga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.
 Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fagace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Ali no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.
 Nesta frescura tal desembarcavam
Já das náos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas:
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas arpas, e sonoras flautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.
 Assim a formosa, e a forte companhia
O dia quasi todo estão passando,
N'uma alma, doce, incognita alegria
Os trabalhos tão longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido
Com fama grande, e nome alto e subido.
 Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintanda,
Outra cousa não é, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.
 Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia

Sôbre as azas ínclitas da fama
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso;
  Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
Todos fôram de fraca carne humana.
  Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.
  E ponde na cubiça um freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomaes mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente;
Porque essas honras vãas, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os, sem os merecer.
  Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes
Contra a lei dos inimigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos,
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.
  E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados:

Impossibilidades não façais ;
Que , quem quiz , sempre pôde : e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos ,
E nesta ilha de Venus recebidos.

CANTO X.

Aogumento.

Ás mesas de vivificos manjares ,
Com as nymphas os Lusos valerosos ,
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas , em accentos numerosos :
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares ,
E quanto os ceos rodeam luminosos ,
Á pequeno volume reduzido ,
E torna a frota ao Tejo tão querido.

O Banquete.

Mas já o claro amador da Larissea
Adúltera inclinava os animaes
Lá para o grande lago , que rodea
Temistitão nos fins Occidentaes :
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sôpro , que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena , e despertava
Os lirios e jasmins , que a calma aggrava.
Quando as formosas nymphas , co'os amantes
Pela mão já conformes e contentes ,
Subiam para os paços radiantes ,
E de metaes ornados reluzentes ,
Mandados da Rainha , que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes
Lhe tinha apparelhadas , que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.
Ali em cadeiras ricas , crystallinas
Se assentam dous e dous , amante , e dama :
N'outras á cabeceira , d'ouro finas ,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas ,
A quem não chega a Egypcia antiga fama ,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro ,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.
Os vinhos odoriferos , que acima
Estão , não só do Italico Falerno ,

Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima;
Com todo o ajuntamento sempiternos,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima;
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.
  Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtis, e argútos ditos,
Que entre um, e outro manjar se alevantavam;
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus espiritos
Fizeram descansar da eterna pena,
C'uma voz d'uma angelica Sirena.
  Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a um tempo conformando:
Um subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.
  Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'um globo vão, diáphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e depois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.
  Materia é de cothurno, e não de socco,
A, que a nympha aprendeo no immenso lago;
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces um, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo; porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo;
O gosto de escrever, que vou perdendo.
  Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono:

A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas, tu me dá, que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha;
  Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte:
  E canta, como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O pezo sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o férvido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.
  Aquelle, que nos campos Marothonios
O grão poder de Dário estrue, e rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas deffende,
Nem o mancebo Coclés dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio;
Foi como este na guerra forte e sabio.
  Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco, e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em chôro,
O grande esforço mal agradecido.
Ó Belizario, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!
  Aqui tens companheiro, assim nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos

A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes em pobres leitos
Os, que ao Rei, e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça, e que a verdade:
Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'uma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios, de Aiace merecidos,
Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta:
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos,
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.
Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassallo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te um reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.
Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto, como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado
A Quíloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.
Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos,
A vêr o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.
Com toda uma coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro, que passara,
Se serve ainda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:

Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella sôlta voou da prisáo fóra,
Onde subito se acha vencedora.
  Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.
  Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: sentil-o-ha o Nilo,
Podel-o ha o Indo ver e o Gange ouvil-o.
  Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'um carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças experimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.
  Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava
Pelo Cunha tambem; que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De São-Lourenço, e em todo o Sul se afamam!
  Esta luz é do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando:
Ali verão as settas estridentes

Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.
  Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.
  Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
Os crises, com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.
  Virá depois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro,
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres:
  Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrando co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade
É maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique:
  Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te, que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valôr alto, o fado quer, que venhas

A mandar mais de palmas coroada,
Que de fortuna justa acompanhado :
  No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injurias de mil annos
Vingrarás co'o valor de illustres peitos :
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas, e submettas :
  Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto :
Quem faz injuria vil, e semrazão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence ; que a victoria verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.
  Estes e outros Barões por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha.
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha ;
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.
  Assim cantava a nympha, e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
« Por mais que da fortuna andem as rodas, »
N'uma cônsona voz todos soavam,
« Não vos hão de faltar, gente famosa,
« Honra, valor, e fama gloriosa ! »
  Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmónica e doce suavidade
Viram os altos feitos, que descobre :
Tethys, de graça ornada e gravidade ;
Para que com mais alta gloria dobre
As festas d'este alegre e claro dia,

Para o felice Gama assim dizia :
  Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co'os olhos corporais
Veres o, que não pode a vãa sciencia
Dos errados, e miseros mortais !
Segue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu, co'os mais.
Assim lhe diz : e o guia por um mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.
  Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pizava :
Aqui um globo vem no ar; que o lume
Clarissimo por elle penetrava
De modo, que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie claramente.
  Qual a materia seja, não se enxerga,
Mas enxerga-se bem, que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compôz, e um centro a todos só tem posto :
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa, e acaba em fim por divina arte :
  Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetípo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a deosa : O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus; para que vejas,
Por onde vás, e irás, e o que desejas.
  Vês aqui a grande machina do mundo,
Ethérea, e elemental, que fabricada
Assim foi do saber alto, e profundo,
Que é sem principio, e meta limitada.
Quem cérca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
É Deos : mas o que é Deos, ninguem o entende;
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Este orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem
Tamanho, que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.
Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas ainda o mar instavel experimentam;
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.
Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza.
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda chea de bruteza,
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.
Olha o monte Sinái, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Sancta Catharina:
Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce, e crystallina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da sêcca Ádem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.
As provincias, que entre um e outro rio
Vês com varias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado:
Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo,

Chorou-te toda a terra, que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da sancta Fé, que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.
E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sôis mandados, como estais,
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhai que, se sôis sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem é;
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?
Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:
Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta,
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e enquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem depois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.
Este receberá placido, e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando.
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada, que ditosa.
Olha cá pelos mares do Oriente

As infinitas ilhas espalhadas :
Vê Tidóre , e Ternáte , co'o fervente
Cume , que lança as flammas ondeadas ;
As arvores verás do cravo ardente ,
Co'o sangue Portuguez ainda compradas ,
Aqui ha as aureas aves , que não decem
Nunca á terra , e só mortas apparecem.
  Eis-aqui as novas partes do Oriente ,
Que vós outros agora ao mundo dais ,
Abrindo a porta ao vasto mar patente ,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é tambem razão , que no Ponente
D'um Lusitano um feito inda vejais ,
Que , de seu Rei mostrando-se aggravado ,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.
  Vedes a grande terra , que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo ,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal , que a côr tem do louro Apollo :
Castella , vossa amiga , será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo :
Varias provincias tem de varias gentes ,
Em ritos , e costumes differentes.
  Mas cá onde mais se alarga , ali tereis
Parte tambem co'o páo vermelho nota ,
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis ,
Descobril-a-ha a primeira vossa frota ;
Ao longo desta costa , que tereis ,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaens , no feito com verdade
Portuguez , porêm não na lealdade.
  Desque passar a via mais que mea ,
Que ao Antarctico polo vai da Linha ,
D'uma estatura quasi gigantea
Homens verá , da terra ali visinha :
E mais avante o Estreito , que se arrea
Co'o nome delle agora , o qual caminha
Para outro mar , e terra que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.
  Atéqui , Portuguezes , concedido
Vos é saberdes os futuros feitos ,

Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora : pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser acceitos
Ás eternas espôsas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas :
  Podeis-vos embarcar; que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assim lhe disse : e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada :
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que Sol o mundo aquente.
  Assim foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno,
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, e Rei temido e amado
O premio e gloria dão; porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.
  No mais, Musa, no mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de vêr que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor, com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada, e vil tristeza :
  E não sei, por que influxo de destino
Não tem um ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estaes no regio solio posto,
Olhai que sôis (e véde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes !
  Olhai, que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,

A ferro, a fogo, a settas, e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:
Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido,
Que vencedor vos façam, não vencido.
Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e leda humanidade:
De rigorosas leis desalivai-os;
Que assim se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.
Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento;
Com jejuns, disciplina pelos vicios
Cammuns, toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.
Os Cavalleiros tende em muita estima;
Pois com seu sangue intrepido, e fervente
Estendem não somente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente;
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, uns os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.
Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos, e Inglezes,
Possam dizer, que são para mandados
Mais, que para mandar, os Portuguezes.

Tomai conselhos só d'experimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que, postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.
  De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava, e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando, e pelejando.
  Mas eu, que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da bôca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se acham raramente.
  Para servir-vos, braço ás armas feito:
Para cantarvos, mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:
  Ou fazendo, que mais, que a de Medusa:
A vista vossa tema o monte Atlante;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos, e Trudante:
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante
De sorte, que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

FIM.

ERRATAS.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
14	12	no bem querer	no grande bem querer
19	7	ora	o
69	35	vos	vos is
174	15	Nerecidas	Nereidas
191	23	todos	todas

Vende-se na rua dos Canos Verdes N.º 5.

Preço em bruchura 360 rs.